

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ARQUEOLOGIA

AS CERÂMICAS SIGILLATAE DE CONIMBRIGA: ESTUDO DE UM CONJUNTO INÉDITO

Cassilda Barros da Cunha

Porto - 2009

Orientação do Prof. Doutor Armando Coelho Ferreira da Silva

Índice

Agradecimentos	4
Resumo	5
Abstract	6
Introdução	7
1. Conimbriga, cidade romana	9
2. Circulação Comercial das <i>Sigillatae</i>	14
3. Produção de <i>Sigillatae</i>	25
3.1. Pastas	25
3.1.1. Plasticidade.....	25
3.1.2. Argilas.....	27
3.1.3. Água.....	28
3.2. Densidade	29
3.3. Moldagem	30
3.4. Engobe e Verniz	30
3.5. Formas	31
3.6. Processo de Cozedura	32
3.7. Fornos	33
4. Classificação das <i>Sigillatae</i>	36
4.1. Pratos	45
4.2. Copos	49
4.3. Taças	50
4.4. Malgas	52
4.5. Frascos / Âmbulas	53
4.6. Unguentários	54
4.7. Jarros	55
4.8. Tampas	56
5. As <i>Sigillatae</i> de Conimbriga	57
5.1. <i>Sigillata Italica</i>	57
5.1.1. Pratos Aretinos.....	70
5.2. <i>Sigillata Galica</i>	72
5.3. <i>Sigillata Hispanica</i>	82

Conclusão	96
Análise descritiva	102
Bibliografia	103
CATÁLOGO	112

Agradecimentos

Neste trabalho contei com o apoio e a ajuda de pessoas e Instituições que tive o prazer e a indispensabilidade de contactar.

Estou grata ao meu orientador Professor Doutor Armando Coelho Ferreira da Silva, pela orientação que me dispensou e o Doutor A. Baptista Lopes pelo acompanhamento nos meus trabalhos de investigação.

Os meus renovados agradecimentos são, igualmente, devidos ao Doutor Virgílio Hipólito Correia, pelas facilidades de acesso aos materiais arqueológicos do Museu Monográfico de *Conimbriga* de que é ilustre Director e o apoio ao estudo.

O meu bem-haja aos funcionários do Laboratório do Museu pela colaboração prestada.

Agradeço grande parte do meu conhecimento à Doutora Manuela Delgado que me proporcionou com a sua paciência e gentileza importantes informações ligadas ao tema, para melhor elucidação

Mais uma vez renovo os meus agradecimentos ao Gabinete de Arqueologia e História da Câmara Municipal de Matosinhos em especial ao Arqueólogo Dr. José M. Varela, por sempre me dispensar a sua colaboração na cedência de espaço de estudo e bibliografia, desde a minha licenciatura e à Sónia Santos que me prestou alguma colaboração.

Também estou reconhecida à minha amiga e colega Fátima Costa, e relembro o incentivo que me deram aqueles, que de mais perto, tiveram de suportar as ansiedades, alegrias e compreendê-las, à Doutora Anabela Barroso, minha sobrinha, e o arquitecto Fernando Paiva a quem lhes dedico o fruto do meu esforço.

Um muito obrigada a todos.

Resumo

Cerâmicas *sigillatae* de *Conimbriga*

Em cerâmicas *sigillatae* de *Conimbriga* apresenta-se uma amostragem representativa do universo de *sigillatae* da cidade romana.

Neste sítio arqueológico, onde foram efectuadas escavações pelos mais conceituados investigadores nacionais e estrangeiros, estão representadas produções de diversa procedência *italicae*, *sudgalicae*, *hispanicae*. Os centros produtores documentados da região de Arezzo, da La Graufesenque e de *Tritium Magallum* (Tricio) estão aí presentes e informam-nos das correntes comerciais existentes com o litoral da Península Ibérica.

O conjunto agora estudado informa-nos não só dos locais de produção e correntes comerciais, mas também dos produtores e respectivas marcas.

Dá-se atenção às tipologias definidas pelos principais descritores que contribuíram para a sua classificação, entre eles, Dragendorff, Goudineau, Lamboglia, Ludowici, H, Comfort e Mezquiriz.

O estudo destas produções cerâmicas é relevante para determinar o processo de aculturação e evolução tecnológica no território oeste peninsular durante a romanização.

PALAVRAS – CHAVE:

Cerâmica comum romana

Sigillatae

Pastas

Modelagem

Vernizes

Decoração

Cozedura

Marcas de oleiro

Grafitos

Tipologia

Abstract

Ceramics *sigillatae* of *Conimbriga*

The *sigillatae* ceramics of *Conimbriga* thesis provides a sample presentation of such pottery extracted from a typical Roman environment.

On the archaeological site where the excavations were performed by some of the most prominent Portuguese and foreign researchers, are represented manufacturers of diverse origins such as *italicae*, *sudgalicae*, *hispanicae*. The manufacturing centres from the regions of Arezzo, La Graufesenque and *Tritium Magallum* (Tricio) have been clearly documented and inform us of the then existing commercial routes with the coastal regions of the Iberian Peninsula.

The collection provides information not only about the production sources and commercial routes, but also about the manufacturers and their respective distinctive trademarks.

Attention is given to the defined typologies established from the classification, work done by the principal scholars amongst who stand Dragendorff, Goudineau, Lamboglia, Ludowici, H. Comfort and Mezquiriz.

The study of these ceramic productions has been relevant in determining the process of acculturation and technological evolution in the Western territories of the Iberian Peninsula during Romanization.

Key words:

Common Roman ceramics

Sigillatae

Pastes

Modelling

Varnishes

Decoration

Baking

Potter's trademarks

Patterns

Typology

Introdução

A publicação dos resultados das escavações luso-francesas realizadas em *Conimbriga* de 1964 a 1971, sob a direcção do Prof. Jorge Alarcão e do Prof. Robert Étienne, dedica um volume (*Fouilles de Conimbriga, IV “ Les Sigillées”*) aos achados referentes às *sigillatae*, com particular atenção ao seu estudo tipológico e cronológico, abrangendo datações desde o século I a. C. aos séculos V e VI d. C., onde podemos constatar a presença de produções de todo o período da dominação romana.

A constituição dos grupos cerâmicos, aí estudados e publicados, elaborada por Manuela Delgado para as *sigillatae* claras, por Françoise Mayet sobre as *sigillatae* itálicas, sudgálicas e hispânicas, e ainda por Adília Alarcão, que teve a seu cargo o tratamento laboratorial, inventariação e desenho das peças, resultou numa obra de referência para esta espécie de objectos arqueológicos, que motivou o despoletar de outras investigações, como que fazendo “escola”, dando origem a novos trabalhos como, por exemplo, o de Ariane Bourgeois e Françoise Mayet, sobre as escavações de *Belo* (1991), localizadas na costa espanhola meridional e marítima, entre muitos outros.

Tendo-se verificado, porém, que, do conjunto das *sigillatae* procedentes das campanhas arqueológicas de *Conimbriga* efectuadas entre os anos de 1963 e 1972 pelo Prof. Doutor Jorge Alarcão, não foram, até ao momento, publicados materiais provenientes da proximidade da muralha do Baixo-Império, onde há vestígios da existência de pequenas casas e onde se exumaram, em 1963 e 1972, 5281 fragmentos de *sigillata*, com cronologia desde o período da República ao século IV, de diversas tipologias, *italica*, *galica* e *hispanica*. Constituindo, a nosso ver, um conjunto bem representativo do universo cerâmico das *sigillatae* de *Conimbriga*, houvemos por bem tomá-lo para objecto deste estudo, visando um melhor conhecimento da evolução tecnológica e da economia produtiva, distributiva e de consumo, que nos é proporcionado pela sua investigação, mesmo se verificando, nos respectivos ficheiros, a ausência de anotações sobre dados estratigráficos e uma rigorosa localização, que nos permitisse uma análise cronológica mais fundamentada.

Cumpre-nos, por isso, agradecer ao Exmo. Director do Museu Monográfico de *Conimbriga*, Dr. Virgílio Hipólito Correia, a sugestão deste tema para a presente dissertação, que, de resto, se enquadra no âmbito dos nossos interesses já anteriormente aplicados ao estudo de diversos conjuntos de espólios cerâmicos de *sigillatae*, como os do Castro de Guifões e da cidade romana de *Aquae Flaviae* (Chaves), entre outros.

1. *Conimbriga*, cidade romana

A cronologia das estruturas arquitectónicas e suas reformulações envolve a datação dos materiais cerâmicos delas exumadas, atendendo aos níveis estratigráficos onde estavam depositados e à sua morfologia e outros indícios documentais, porque foram sobretudo as relações com os elementos cerâmicos que ajudaram a determinar a cronologia das estruturas.

As observações de Virgílio H. Correia (2003, 8), referentes a anteriores sondagens em *Conimbriga*, e às promovidas pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais em 1955, entre 1957 e 1962, que puseram a descoberto parte do *forum* e as Grandes Termas do Sul, demonstraram uma evolução de materiais e de estruturas, no enquadramento da arquitectura do *forum*, das Grandes Termas do Sul e das *insulae* de habitação.

Em “Cerâmica antiga de *Conimbriga*”, Adriaan De Man (2004, 459-471) faz algumas considerações em torno da cerâmica comum tardia conimbrigense, assim como resume a estrutura urbanística de *Conimbriga* na fase tardia a partir do último quartel do século III até ao século V, abrangendo o domínio visigótico. Refere-se à influência da propriedade privada, que o poder de Roma atribuía aos seus representantes, como a da principal família local de *Cantaber*, que ocupava uma famosa casa junto da muralha. Mas como e porque seria efectuada a reconstrução rápida das muralhas, que supõe terem sido (ou não) construídas por parte do governo central, ficando por saber concretamente qual a finalidade, se de monumentalização ou fortificação para a cidade de *Conimbriga*.

Na sua dissertação de doutoramento sobre as “defesas urbanas tardias da Lusitânia” (De Man 2008), refere que na zona do anfiteatro foram efectuadas a duas campanhas, em 2006 e 2007, com a finalidade de definir o Bico da Muralha.

Coincidindo com a escavação do último ano, demonstrou-se que a Sul da UE 2 termina o limite do anfiteatro e que, em duas pequenas bolsas, surgiram fragmentos de *sigillata* tardia.

O mesmo se verificou na UE 4, mas com *sigillata clara*, indicando um fragmento com a forma Hayes **14**; em UE 5 apareceram algumas peças de *sigillata sudgalica*, que atribuíram às formas de Drag. **19**, **24/25** e **33**, interpretando a sua localização como tendo sido devida a revolvimento de terras.

As camadas 8.1 e 8.3, estruturadas no exterior do corredor do anfiteatro, continham vasos de *sigillata sudgalica*, classificadas como formas Drag. **15/17**, **18**, **18/31**, **24/25**, **27** e **40**, dando uma datação júlio-claudiana, supondo-se ser esse o período da construção do anfiteatro (De Man 2008, 335-341).

O primeiro *forum* era do período de Augusto e fora demolido, tendo sido exumado das respectivas camadas estratigráficas algumas, raras, *sigillatae* aretinas, associadas a uma característica cerâmica indígena. Sobre ele, foi construído outro de novo, o *forum* flaviano, relacionado com a transformação do *oppidum* em município, fazendo desaparecer as casas indígenas e alguns monumentos augustanos.

Um santuário consagrado ao culto imperial, formado por dois amplos terraços sobre um quadrado, e uma praça lajeada enriquecida de estátuas honoríficas, com as dimensões visivelmente idênticas às da praça augustana e rematada em três dos lados por pórticos e um passeio a descoberto, faziam parte quer a Norte como a Sul desse templo (Adília 1986, 32). Um criptopórtico, dimensionado com 46,50 m de Nascente a Poente e 41,25m de Norte a Sul, deu uma forma quase quadrada à esplanada do templo.

O antigo *forum*, de tipo republicano, destinado a acontecimentos políticos e sociais com finalidade religiosa, jurídica e cultural, no período imperial, viu a sua estrutura arquitectónica circunscrita a templo, somente de função política-religiosa (Adília 1986, 32). O *forum* sofreu ainda algumas transformações até ao século V, tendo-se detectado vestígios de reconstrução na fachada meridional.

Tal como na ala poente do criptopórtico, junto à entrada, deparou-se com a existência de uma divisória que se pressupõe ser interpretável como a casa de guarda, tendo a ala nascente sido transformada em cisterna. As latrinas, que ficaram encostadas à parede nascente, do lado exterior do criptopórtico, terão sido construídas no século II.

Detectou-se grande densidade de ocupação nas imediações do *forum* da época de Augusto. A Oeste, constata-se a existência de nove lojas, precedidas de um pórtico, pressupondo-se que a primeira, a contar do lado meridional, vendia cerâmicas, que viriam a ser destruídas entre 69 e 96 d.C., no período flaviano (Adília 1986, 28).

Pelos materiais exumados nas Grandes Termas do Sul, as primeiras termas públicas da cidade, da época de Augusto, tinham uma entrada que dava acesso a uma *palaestra*, que se supõe ser destinada à prática de jogos atléticos e a exercícios ginásticos. Contíguo, encontrava-se uma pequena sala, com um tanque ao centro, onde se deveriam lavar os pés após os exercícios anteriormente praticados, seguindo-se uma sala pavimentada com mosaicos de *tesselae* grossas e brancas e uma piscina com cerca de 120 m².

O espaço da *natatio*, destinado aos banhos frios, dava passagem ao *tepidarium* e, daí, ao *caldarium*, com uma banheira instalada numa das duas ábsides.

A piscina das Termas augustanas era abastecida com a água, que atravessava o aqueduto a Sul do *forum*, cuja *palaestra* tinha um sistema de comportas da qual era desviada para um esgoto colectador, localizado na fachada poente das termas.

Após a demolição destas Termas, para serem substituídas por outras maiores, no século II d. C., no reinado de Trajano, foi instalada, na mesma *palaestra*, uma nova piscina.

Em 1964, quando se iniciaram as escavações arqueológicas luso-francesas, as termas do século II encontravam-se a descoberto, com um pórtico de arquitectura monumental localizado no lado Sul da *natatio*, ladeada por duas banheiras em espaçoso *frigidarium* rectangular. O *tepidarium*, com duas portas simétricas levemente laterais, comunica com o *laconium* circular, de quatro ábsides, onde se situa o *caldarium*, e o *dstrictarium* ou *elaeothesium*, em outra sala circular.

Neste ambiente, foram encontrados, sem contexto cronológico, as cerâmicas do povoado indígena desaparecido, que se encontrava a Sul das Termas de Augusto, na encosta da ravina junto ao actual Rio dos Mouros, onde foi detectada a ruína de um edifício romano, que teria causado prováveis expropriações de algumas casas indígenas.

No entanto, nos vestígios do entulho e aterro havia materiais claudianos; nesta data, estariam algumas edificações já abandonadas.

O período de Júlio-Cláudio adiciona uma basílica de três naves, havida como a maior evolução na arquitectura civil, a que se juntaram as *insulae*, cujos proprietários se dedicavam ao comércio e a prováveis indústrias, tendo-se os notáveis da cidade adaptado à civilização romana, e as grandes *domus* tendo-se harmonizado segundo a arquitectura itálica (Alarcão 1974, 19).

Na época flávio-trajânica a ampliação das termas com um átrio de quatro colunas substituiu o antigo pátio e o *impluvium* formado por um tanque de telha. A “*insula* do vaso fállico ritual” fora desprovida de mais de uma sala para receber, do lado oriental, mostrando uma nova fachada mais harmoniosa e enriquecida de estilo socialmente romano (Adília 1986, 40).

Parte das fachadas, a Poente e a Sul das *insulae*, sofre recuos para a área da entrada das Termas e da esplanada, que fora repavimentada juntamente com a rua do *forum* até às Grandes Termas do Sul, que datam do século IV d. C.

Monumentos representativos da evolução urbana, da escavação e análise das suas estruturas arquitectónicas se adquiriram novos dados sobre produtos importados, agricultura de rendimento (oliveira e a vinha), novos hábitos socioeconómicos, de que os conjuntos de cerâmicas *sigillatae* emergem como materiais significativos da sua interpretação.

2. Circulação Comercial das *Sigillatae*

A *terra sigillata* expandiu-se pelo Império Romano, devendo-se a sua divulgação ao movimento das tropas e ao estabelecimento e fixação de correntes comerciais.

Os romanos, em termos de mentalidade, eram estruturalmente dedicados ao cumprimento das normas, com um sentido profundo de organização.

Roma tinha-se tornado uma grande potência, com estrutura económica que lhe permitiu explorar os recursos próprios e alheios, das suas conquistas, ampliando mercados e influenciando as produções indígenas.

Nas cidades, os libertos ricos e pobres, artífices, comerciantes exerciam os diversos ofícios.

Nas suas campanhas, Roma adquiria imensa quantidade de escravos, que eram disponibilizados à força para trabalhos vantajosos no desenvolvimento económico.

A ambição romana levou-os a aproveitar a conjuntura económica com actividades produtivas na cidade e no campo.

Associada a estes factores, encontravam-se, no cume da pirâmide hierárquica, a aristocracia romana e os comerciantes ricos, que ocuparam os territórios conquistados, beneficiando de privilégios que reforçavam a sua posição dominante como cidadãos de Roma e investiram em centros produtores e redes de comercialização.

Personagens ricas envolveram-se em avultados contratos públicos e geriram, entre outras actividades, a indústria cerâmica. Esta actividade acompanhou e sofreu a influência da expansão romana.

As dimensões e a intensidade dos grandes movimentos de escravos, no último terço do século II até ao terço do século I a. C., são exemplo dessa interferência, notória no desaparecimento de grandes mestres aretinos, por transferência de oficinas para centros de produção nos territórios conquistados onde havia mais mão-de-obra (Alföldy 1989, 84-85).

Após a revolta de Espártaco (74-71 a. C.), a situação dos escravos começou a melhorar lentamente, dispendo-se muitos deles a apoiar os produtores ceramistas, que lhes garantissem maior liberdade e bem-estar. Isto beneficiou alguns produtores que aproveitaram esta mão-de-obra, incrementando a indústria da olaria.

No tempo de Júlio César facilitou-se aos proletários de Roma que se fixassem com frequência nas colónias. A sua dispersão pelo Império levou tecnologias novas e produtos, que foram comercializados e imitados.

Colonos Romanos, nos territórios conquistados, cada vez mais enriquecidos, com um grande número de escravos nas suas propriedades, montaram nas suas *villae* indústrias de produção de *garum*, de sal e olaria para satisfazer as necessidades de utensilagem e até de vasilhame para embalagem de produtos: *dolia*, ânforas, além de materiais de construção.

Gradualmente, foram-se dando passos na integração, com a colonização no Sul da Gália, Hispânia, África e em alguns territórios do Oriente.

Na indústria cerâmica evoluiu o fabrico com criação de novas formas, melhoria de pastas, vernizes, expandindo-se a sua comercialização por novos mercados, que beneficiaram com o desenvolvimento da rede viária.

A massificação das produções introduziu um factor novo na dinâmica da fabricação, introduzindo no comércio produtos em série, de produzida qualidade.

Com a transição da República para o Império, floresceu a economia de Roma, verificando-se um surto de desenvolvimento com aumento da quantidade e também da qualidade da produção. Esse progresso permitiu enriquecimento devido a maior transacção de produtos, ao incremento de novos métodos mais rentáveis, ao aproveitamento da mão-de-obra especializada e expansão do consumo.

A produção de mercadorias desenvolveu-se principalmente no Ocidente, devido à elevada procura das numerosas cidades recém-fundadas e, simultaneamente, com o consumo importante do exército. O aumento da procura provocou a necessidade de uma grande produção nas oficinas de artífices especializados.

A indústria cerâmica, sobretudo no que se refere ao fabrico das peças em *terra sigillata*, nas oficinas da Etrúria e da Hispânia, do Sul da Gália Central e, mais tarde, no Norte e no Reno, teve então um surto de desenvolvimento e difusão.

Provocou esse impulso produtivo e comercial a troca acelerada de mercadorias entre as diferentes partes do império romano, comprovado, por exemplo, pelos achados arqueológicos e epigráficos do entreposto comercial do Magdalensberg, na Nórica (Alföldy 1989, 112).

A crise do séc. III criou um clima de instabilidade, que se reflectiu no funcionamento normal da indústria cerâmica.

Agonizando a vida económica do Império, a gravidade da crise dificultava o abastecimento dos alimentos, que escasseavam, agravando-se a subida dos preços. As minas encontravam-se esgotadas, a produção das mercadorias decaía, a actividade industrial, nomeadamente a cerâmica, entrava também na crise geral com quebra de produção.

O Império deparava-se com uma série de dificuldades que atingia a produção das mercadorias, decrescendo consideravelmente a sua quantidade e qualidade, verificando-se, neste quadro, assinalada decadência nas oficinas de *terra sigillata* do Noroeste do Império.

Nas fronteiras provinciais onde eram realizados os combates, era grande a dificuldade no comércio, devido à inflação ser incontrolável, principalmente nas transacções, provocando, pelas constantes guerras, o desmantelamento das correntes comerciais e a crise económica.

A pobreza e a miséria encontradas por todo o lado abalaram toda a estrutura social, não poupando também as camadas mais abastadas da sociedade e comprometendo a produção e o comércio cerâmico.

A rede viária era de importância primordial na política económica romana, facilitando rápidas transacções de cerâmicas, dos metais, matérias-primas e outros produtos, obtidos das diversas regiões do Império.

Os romanos estabeleceram, com efeito, um sistema viário, que lhes permitiu dominar um vasto espaço, onde se circulava rapidamente e com segurança.

A primeira via passa por ter sido criada em 312 a.C. por *Appius Claudius Caecus* para unir Roma a Cápuia, por isso, chamada Via Appia. Nos finais da República, todo o conjunto territorial do Império estava coberto por uma rede viária apreciável.

Para a sua expansão, os comerciantes e fabricantes ceramistas estariam interessados na existência de uma boa rede viária junto dos principais portos. Utilizando a rede de estradas complementares às rotas marítimas, beneficiando dos intercâmbios dos centros produtores com os lugares de consumo, desenvolveram uma relevante expansão mercantil. Os ramais e vias secundárias completavam-se com os rios navegáveis, em cuja foz se efectuavam transacções de consideráveis quantidades de produtos (Balil 1973, 221).

As regiões especializaram-se na produção e no comércio, diversamente. Os vinhos e o azeite provinham da Hispânia, os cereais da Numídia, as carnes da Gália, etc.

As cerâmicas eram produzidas por todo o Império, na Itália, na Gália, na África, e também na Hispânia havia grande produção, que circulava internacionalmente.

As vias, de pavimento rochoso e irregular; provocavam trepidação e, no seu percurso, o material circulante para comércio sofria quebras nos muitos produtos transaccionados, sendo que os mais frágeis, entre eles as cerâmicas, não chegavam sempre ao seu destino em condições razoáveis. Acrescia, nesses longos percursos, a frequência de assaltos, com prejuízos dos comerciantes. O trânsito comercial, a partir das vias principais, propagava-se pelos caminhos secundários e pequenas artérias até chegar aos comerciantes intermediários, que concentravam e canalizavam os produtos.

Os “itinerários” referem-se às *villae*, não somente como habitações, mas também como núcleos de desenvolvimento económico, e, por vezes, de produção, que necessitavam das vias para escoamento dos seus produtos, quer para as cidades quer para os portos. Algumas das *villae* eram as próprias *mansiones* de apoio à estrada.

Os produtos cerâmicos eram carregados através das redes viárias secundárias, permitindo o escoamento das peças até às vias principais, seguindo por elas até ao porto fluvial mais próximo no litoral, onde eram embarcados para o destino final.

A exportação e importação peninsular dependiam fundamentalmente do mar e das vias fluviais que ofereciam maior segurança, evitando assaltantes e danificação dos produtos de cerâmica que não sendo sujeitas à trepidação dos transportes terrestres, não eram tão facilmente quebráveis.

Os pequenos comerciantes, intermediários e almocreves atravessavam os diferentes territórios até chegarem aos pequenos mercados existentes, ou abriam novos, e divulgando os seus produtos nas grandes cidades.

A existência destes comerciantes, com entrepostos, actuava nas pequenas cidades e alcançava os lugares mais recônditos. Era frequente seguirem os exércitos em operações, aproveitando a segurança que estes lhes proporcionavam; em troca, ofereciam e abasteciam-nos com os seus produtos.

Muitas vezes, esses almocreves isolados antecediavam as tropas e ousavam introduzir-se em zonas afastadas, explorando caminhos e estabelecendo novas relações comerciais.

As rotas do Atlântico ao longo da costa do actual território português foram, durante muito tempo, o eixo do monopólio de *Gades*, centro importante na foz do Guadalquivir, de expansão comercial bem documentada pelas fontes arqueológicas.

O comércio entre *Gades* e o NW peninsular confirmou-se pelo aparecimento nas costas galegas de uma série de importações raras de vasos aretinos e sudgálicos. Houve circulação de produtos, o que é confirmado até pela presença de moedas andaluzas com cunhagem de *Gades* e *Malacca*, provenientes do comércio marítimo, que subia até aos portos da Galiza ou cruzava a Meseta, com penetração pelas terras leonesas e zamoranas, complementado pelo tráfico terrestre.

A navegação de e para *Gades* formava uma forte união com os grandes povoados do norte de África, mesmo para além do estreito Gibraltar e os portos da Mauritânia.

Produções da Península Itálica, nomeadamente cerâmica aretina e outras, descendo o curso do Tibre em pequenas embarcações, chegavam ao porto de Óstia, sendo aí transferidas para barcos de maior calado, que navegavam para centros importantes para sul da Península Ibérica, e se integrava nas correntes atlânticas.

Considerado Puteoli um porto secundário, não deixava, no entanto, de ser desprovido de importância, sendo daí provenientes produtos das oficinas dos famosos oleiros de Arezzo, que exportavam as *sigillatae italicae* para a Península Ibérica, seguindo velhas ligações com as rotas do Mediterrâneo ocidental, que estabeleciam intercâmbio com as linhas marítimas atlânticas. O comércio com o Ocidente, seguindo a velha rota, fazia preferencialmente escala em Cartago, porto obrigatório de encontro, cuja prosperidade aumentava com a frequência de viagens empreendidas a partir de Puteoli.

O comércio costeiro entre a *Narbonense* e *Gades*, cujo porto facilitava o escoamento dos produtos interior das Gálias, tinha como porto mais importante Arles, na margem do Ródano, no alinhamento de Marselha. Aqui as mercadorias desciam o Ródano, sem dificuldade e com reduzidas despesas, e chegavam à Península através do porto de *Gades* para outros destinos (Maluquer de Motes 1973, 233).

Mais tarde, deu-se a decadência portuária de Puteoli, que terá ocasionado a diminuição do tráfico da rota das Baleares em direcção à Península Ibérica. Poder-se-á, no entanto, supor que a rota das Baleares não fosse muito afectada, por ter-se continuado o abastecimento da Gália.

Todavia, a documentação arqueológica de Maiorca mostra ainda uma grande densidade de importações de materiais cerâmicos, procedentes alguns da Itália e, sobretudo de África, que eram importados em troca de produtos peninsulares.

Nos transportes terrestres houve encarecimento dos serviços que implicaram o das mercadorias, de pequeno valor em relação ao volume ou ao peso, duplicando o preço e também os gastos com a utilização do transporte por terra. Para isso, contribuiu o facto de o sistema de tracção ser pouco eficiente e oneroso, e os pesados carros de madeira, movidos pelos animais de tiro e carga, necessitarem de alimentação e substituição nas *mutationes*. Nas grandes distâncias, sendo necessária a utilização de um maior número de animais e arrieiros, era limitado o peso das cargas, originando o agravamento do custo.

Nestas circunstâncias o transporte de mercadorias pela via aquática era vantajoso em rapidez e movimentação de grandes quantidades, mas também teria os seus riscos. As viagens marítimas faziam-se por cabotagem, tendo-se em conta as condições meteorológicas de acordo com as estações do ano, sendo dificultada a navegabilidade em determinadas épocas e sendo muito frequentes os naufrágios com perdas de pessoas e bens, como sobretudo dá conta a Arqueologia subaquática.

Era normal as embarcações, com dificuldades de aportarem, descarregarem parte da carga para embarcações menores. Como estas situações eram frequentes, até se criaram equipas de mergulhadores para recuperação de mercadorias afundadas (Morais 2005, 44).

O comércio portuário permitiu a construção de grandes embarcações para o transporte de mercadoria, provocando grande tráfico marítimo nos portos de *Gades* e *Cartago*, porto de abrigo, entrepostos entre o Mediterrâneo e o Atlântico, que monopolizavam e concentravam o comércio da rede fluvial no sul peninsular.

Beneficiava com este comércio fluvial, em direcção ao Norte, o litoral oeste peninsular até à Galiza, com alguns portos a ganharem importância com a influência militar romana.

O Norte de África, o Sul da Itália e a Sicília tinham grandes portos comerciais, para transacções de mercadorias, que escoavam através dos rios. Os estuários dos rios compreendidos, na costa Sul Atlântica, entre o Cabo S. Vicente e o Cabo Trafalgar, próximo da foz dos rios Barbate e Almodôvar, facilitavam a transacção das mercadorias.

O mesmo acontecia entre o Cabo da Roca e o Cabo S. Vicente, incluindo Tróia na foz do Sado (ruínas de *Cetobriga*) e o estuário do rio Tejo, aonde chegavam as mercadorias provindas de *Gades*, aí atracando as grandes naves.

Devido às dimensões das embarcações, cujo fundo era plano, a sua deslocação nas zonas de baixio efectuava-se com o apoio de varas e requeria pessoal especializado para manusear todo o tipo de embarcações, conhecedor e experiente em distâncias e em profundidades, com prática nas zonas frequentadas.

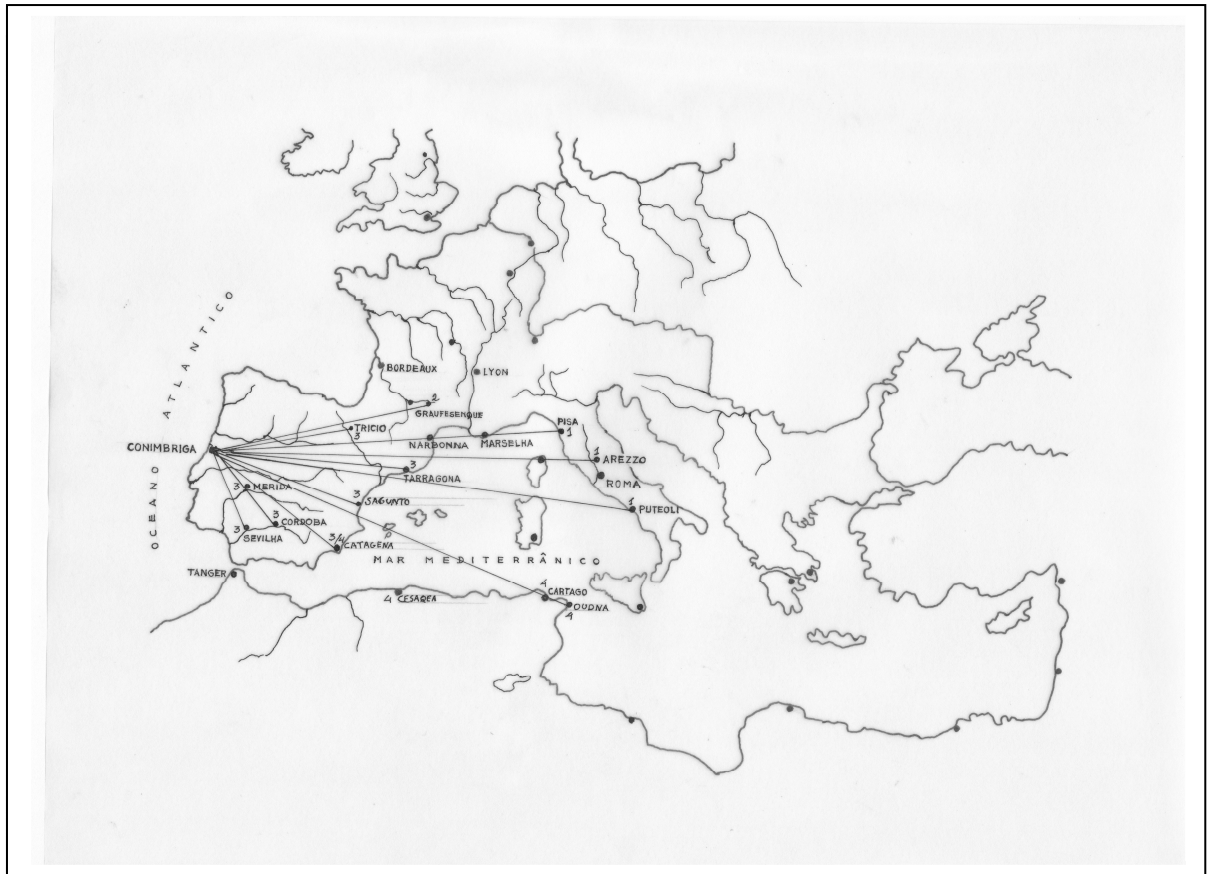
Estes grupos de profissionais faziam parte de corporações especializadas e devidamente documentados perante a administração imperial.

Junto aos desembarcadouros, os pequenos veleiros de cabotagem cruzavam ao largo com as outras embarcações que transportariam os cereais para Roma e com barcos de grande calado que transportavam animais e ânforas, entre outros produtos (Morais 2005, 45).

Neste importante comércio circulavam objectos de luxo, considerados supérfluos, vinho itálico, peças de ourivesaria, e vasos de *terra sigillata* importadas ou elaboradas na Hispânia, conforme se documenta pelas marcas das oficinas.

As importações das *sigillatae galicae* e a influência das cerâmicas africanas que chegaram à Península, sobretudo na época de Augusto e Tibério, tiveram tal aceitação que desencadearam centros produtores de imitações de boa qualidade (fig.1).

Estão bem documentadas as oficinas de *Tritium Magallum* e Andújar com famosos oleiros, como *Asiaticus*, *Maternus*, *Ullo*, *M.C.R.*, *Quartio*, *M.S.M.* *Titus Oppius I.R.*, *Cudas*, no interior do Norte peninsular (Lugo) (Beltrán 1990, 113-116).



(1- *Italicae*, 2- *Galicae*, 3- *Hispanicae*, 4- *Africanae*).

Fig. 1 – Mapa do Império Romano indicador dos quatro tipos de *sigillatae* dos centros fornecedores de *Conimbriga*

Cerâmica romana de qualidade, com elaboração em continuidade até a queda do Império, segue em produção segundo os novos padrões a partir dos protótipos criados em Arezzo, sendo de considerar, além da *sigillata galica e hispanica*, a *sigillata africana*, que se diferencia das “clássicas”, que imita nas pastas, na decoração e no acabamento final, com engobes pouco consistentes e nada vitrificado.

Questiona-se a causa ou as causas da extinção do seu fabrico.

A produção da *sigillata* evoluiu, degradou-se em qualidade e extinguiu-se. Como explicação para tal desaparecimento, coloca-se a hipótese da evolução tecnológica, face à produção de cerâmica comum de melhor qualidade, com a sua substituição por produtos mais acessíveis, pela adopção do uso da louça vidrada. Ou como resultado da evolução económica, que terá levado ao desaparecimento de centros de fabrico, em razão das invasões bárbaras, que causou o fim de gerações artísticas e criadoras de famosos oleiros.

Pode supor-se que, com a ocorrência de tempos de mudança, determinados artigos artesanais se extinguiram por falta de interesse por parte das novas gerações, que não prosseguiram com uma produção sustentável.

3. Produção de *Sigillatae*

A indústria da cerâmica tem por finalidade obter o fabrico de objectos de argila ou de barro, enquadrando substâncias que possuem a propriedade de formar com água uma massa homogénea, com plasticidade para facilitar a formação das peças, que endurece pela evaporação da água durante a secagem e pela acção do calor na cozedura.

Para uma correcta classificação da cerâmica *sigillata*, deve-se antecipadamente analisar a selecção das pastas, qualidade de vernizes, os processos de modelação e de cozedura.

Os elementos constituintes são fundamentais desde a preparação das matérias-primas.

3.1.Pastas

3.1.1. Plasticidade

Um dos processos mais antigos para elevar a plasticidade era a “invernagem” das argilas, que consistia em armazenar, durante bastante tempo, as massas da argila, em banho, conseguindo uma desagregação lenta e uma contínua subdivisão das pastas, pela acção da água e das mudanças de temperatura.

Esse processo seria activado através de regas frequentes com água sobre a argila empastada ou por introdução de vapor de água. O aumento da plasticidade pela meteorização das argilas seria provocado pela reabsorção da água existente na massa, a qual teria sido expulsa por efeito da armazenagem e da pressão (Cardoso 1973, 156).

Através da vantagem do armazenamento ao ar livre, dá-se a oxidação da pirite, quando existente nas argilas, que, produzindo sulfato ferroso, se espalha uniformemente na argila durante a cozedura e evita a produção local do óxido de ferro. A plasticidade também poderia ser aumentada com o processo em repouso das massas trabalhadas e preparadas, em estado húmido durante semanas ou meses, antes do afeiçoamento das peças.

Nas operações fundamentais do fabrico cerâmico, a composição das pastas variava conforme a natureza das peças a produzir, adequando a preparação das matérias-primas indispensáveis. Todavia, nas argilas, os caulinos, simultaneamente com outras matérias-primas da cerâmica, não se poderiam aplicar tais como se encontravam na natureza. Procedia-se, por isso, à decomposição manual ou mecânica, reduzindo o volume dos materiais e limpando-os por escolha manual, peneiração e lavagem, retirando as impurezas que, adicionadas nas pastas, poderiam deteriorar a qualidade dos produtos.

Relevante seria a preparação das pastas, misturando as matérias-primas, decompostas e limpas, com a água, para se transformarem em massa homogénea e plástica, que permitisse receber e conservar as formas.

As espécies argilosas envolventes eram muito numerosas e as suas propriedades variavam de jazigo para jazigo, podendo encontrar-se mesmo na própria barreira e em pequenas extensões zonas de argila gorda, argila arenosa e argila diversamente colorida vermelha, amarela, etc.

A composição das pastas varia conforme a natureza das peças e da sua finalidade, e a procedência das argilas, tendo as matérias-primas muita divergência de região para região.

As diversidades de argilas empregadas na elaboração dos produtos cerâmicos, incluindo a cerâmica comum (com barros ordinários), além de serem misturas heterogéneas de silicatos de alumínio hidratado, contêm impurezas, como sílica em excesso, óxidos de ferro, titânio, cálcio, magnésio, sódio, potássio, e também, por vezes, de magnésio e matérias orgânicas.

Quando contêm carbonato de cálcio, chamam-se calcárias ou marnosas. Pois até ouro ou diamante por vezes se encontravam nas argilas (Cardoso 1973, 168).

Nas misturas plásticas adicionavam-se outras matérias, chamadas desengordurantes, com a finalidade de atingir determinada plasticidade e obter uma rigidez conveniente

Misturados com a argila, regularizam a plasticidade, no caso de esta exceder os limites convenientes ao afeiçãoamento e à secagem das peças, diminuindo a contracção, no momento da secagem e da cozedura, para facilitarem a evaporação da água, atribuindo-lhe uma determinada porosidade.

Quanto maior era a proporção do desengordurante, menor a retracção e mais fácil a secagem, mas o excesso de retenção de líquido interferia na ligação molecular, provocando alterações no interior da pasta.

O antiplástico básico, considerado como mais relevante das pastas, seria a sílica ou o anidrido silícico, apresentando-se uma grande variedade de produtos na aplicação da indústria cerâmica, como os quartzitos, as areias, os arenitos, as pedreneiras e as terras de infusório.

A formação ou afeiçãoamento tem por finalidade dar à pasta, devidamente preparada, a forma das peças, elaborada através da roda do oleiro, ou por processo manual em que o oleiro reproduzia a forma desejada com a agilidade dos dedos das mãos

3.1.2. Argilas

A composição mineralógica intervém na qualidade da cerâmica, consoante os minerais e corpos inorgânicos em presença. Por vezes são adicionados à argila outros elementos, chamados desengordurantes, para alterar a plasticidade e consistência das pastas.

As propriedades dos minerais constituintes da argila e a sua quantidade relativa condicionam a qualidade dos produtos cerâmicos finais.

As propriedades físicas das argilas condicionam o brilho ou lustro, que pode ser ou não metálico e vulgar, atingindo variantes, adamantino, vítreo, nacarado ou acetinado, dependendo de elementos físicos introduzidos, intencionalmente ou não.

Relativamente à cor, os minerais, independentemente da sua origem, ou permanecem com a mesma, sendo, por isso, considerados ” idiocromáticos”, ou variam de cor, designando-se “alocromáticos”. De notar que, se nas argilas entram matérias estranhas, pigmentos diversos, as colorações são eventualmente alteradas.

Para garantir uma definição correcta da cor da pasta e do brilho do verniz ou engobe, é conveniente observar as peças à luz natural difusa e em superfícies de fractura recente do fragmento.

Na determinação das cores é usual utilizarem-se tabelas de descritores: *Methuen Handbook of Colour* (Londres, Methuen & C^o.), 2^a. ed., 1967 e as *Munsell Soil Color Charts* (B. M. P. 1973). No catálogo, seguimos a tabela do primeiro descritor.

3.1.3. Água

A qualidade da água, considerada como grande dissolvente, tem uma relevante utilização na indústria ceramista, pois que dá plasticidade à argila. Os centros produtores situavam-se, normalmente, junto de rios, como se comprova na existência de oficinas descobertas por escavações; por exemplo nos rios Arno, Tevere e Nestore, nas proximidades de Arezzo (*sigillatae italicae*), na Gália, junto ao Garonne, Rhône e Loire, na nascente do Gironde (*sigillatae galicae*) e na Espanha, no rio Ebro, com seus afluentes, Pisuerga, Arlanzón, Carrión, Martín e o Genil, nas nascentes do Guadalupe, Guadalquivir e do Guadiana a Sul (*sigillatae hispanicae*).

A procura de água, natural e limpa, contribuiu para os resultados satisfatórios e de alta qualidade das pastas.

A natureza da água dependia das substâncias nela dissolvidas, no terreno por onde passava, e contém normalmente uma certa quantidade de cálcio, abundante, se o terreno for calcário.

A água que se adicionava às pastas cerâmicas, eliminada no decorrer da fabricação, não deveria conter demasiada percentagem de certos sais, para não deteriorar a qualidade dos produtos, especialmente as cerâmicas de pastas finas. Por exemplo, uma água fortemente selenitosa (com sulfato de cálcio) poderia provocar danos que se reflectiam na secagem e se manteriam depois na cozedura.

As águas naturais contêm, além de diversos sais, matéria orgânica, proveniente da decomposição de restos animais e vegetais. Além destas impurezas, contêm substâncias em suspensão, como argila fina ou fragmentos de matéria orgânica.

Na produção da *sigillatae* era sempre procurada a pureza da água, isenta de produtos nela dissolvidos que, de qualquer modo, alterassem ou prejudicassem a qualidade do produto final.

3.2. Densidade

A densidade da pasta depende da sua estrutura mineralógica, nomeadamente da natureza dos seus elementos e do seu arranjo mais ou menos compacto.

Determina-se pela avaliação do quociente da massa pelo volume, usando balanças de precisão.

No processo de análise de densidade, consideram-se como mais frequentes as médias compreendidas entre 2, 2.6 e 3, subindo as densidades em algumas *sigillatae italicae* e nas *galicae* com pastas compactas com poucos ou nulos vacúolos.

3.3. Moldagem

Os processos técnicos de moldagem eram utilizados por moldes para o fabrico de determinadas formas de peças. Em alguns casos aplicar-se-ia a *lambugem*, tendo este processo a particularidade de, nalguns casos, ser usada pasta quase líquida formada por pasta fluida de carbonatos e silicatos alcalinos, chamada *barbotina*. Este líquido espesso era vazado para moldes com a forma exterior da peça a fabricar (Cardoso 1973, 211).

As formas lisas, as mais abundantes, não requeriam moldes; somente nos exemplares como jarros, canecas, frascos ou garrafas, em que os moldes precisavam de emendas, onde localizavam caneluras e molduras para as dissimularem. Aplicavam-nas através de reforços de argila, para melhor aderência da asa ou asas, o mesmo fazendo nos fundos e pés.

3.4. Engobe e Verniz

O engobe e verniz, aplicados sobre as peças têm por objectivo impermeabilizar a acção da humidade com uma segunda camada de pasta. Destinam-se a revesti-la, para conterem os líquidos. Pelo emprego do calor no forno, transformam-se numa película vítrea, impedindo a passagem dos líquidos. Também servem como meio de decoração e podem modificar a base das cores.

A sua aplicação deprende-se que seria ou através de pincel em peças apoiadas na roda do oleiro, nas formas lisas, ou por imersão e por insuflação nas formas decoradas das *sigillatae*.

O mesmo processo poderia ser aplicado na decoração da cerâmica comum, onde seria incorporado na pasta ou no vidrado. Sobrepunham-se camadas na pasta coberta com o vidrado transparente. Esta operação implicava que as peças fossem submetidas a dupla cozedura.

3.5. Formas

A forma caracteriza as peças, determina a função e pode torná-las atraentes. Pode até melhorar-se a qualidade, decorando-as, aplicando-se-lhes incisões, estampados, gravuras etc., na superfície do exterior.

Mas a atmosfera do forno, o processo de cozedura exercem grande influência no colorido, transformando o óxido férrico, que, de quase incolor ou ligeiramente amarelo, em atmosfera oxidante, transmite às pastas uma coloração vermelha, mais ou menos intensa de acordo com as proporções aplicadas.

No caso das *sigillatae*, as formas são produzidas, em parte, para se obter efeito decorativo. Inserem-se em tipologias dependentes do formato, decoração, revestimento e cozedura.

Para que um produto alcançasse êxito comercial, teria de satisfazer o seu fim utilitário e artístico em simultâneo.

O ceramista criador, para elaborar a forma das peças, teria de ser conhecedor da tecnologia da indústria e teria de executar, em concordância com o proprietário da oficina ou centro de produção, não podendo este dispensar ou ignorar a colaboração e a criatividade do artista.

A forma das *sigillatae* deveria ser tal, que facilitasse o afeiçãoamento e a desmoldagem, assegurando a resistência aos efeitos da alteração molecular e da retracção, quer na secagem quer na cozedura, para não causar distorções na operacionalidade do enforamento.

As regras aplicadas pelos oleiros afamados, para que não perdessem o seu prestígio, como, por exemplo, as *sigillatae* de produções aretinas, mandavam que as peças não saíam para o mercado com deficiências resultantes do fabrico. Seriam rejeitadas para o chamado refugo, provocando um orifício na peça, ou seriam vendidas para mercados pouco exigentes e a baixos preços (Cardoso 1973, 211).

3.6. Processo de Cozedura

A combustão é considerada uma reacção química exotérmica, produzida pela combinação do carbono com o oxigénio.

Os combustíveis, normalmente, eram aproveitados da extracção da madeira, o carvão vegetal, a turfa e a lenhite.

Para se obter a cozedura, era necessária grande quantidade de calor para compensar o que se perdia nas paredes do forno, nos materiais de acondicionamento das peças e no que saía pela chaminé.

O aquecimento começa por eliminar os resíduos da água que ficaram ao fazer-se a peça, mesmo após a secagem. A temperatura de 100° C faz retirar a água e a 750° C liberta-se a água da combinação e a peça adquire dureza.

A oxidação produz pastas mais vermelhas com a maior quantidade de oxigénio, evitando as peças directamente o calor das chamas e o fumo passando pelos correspondentes condutores. O mesmo acontece com as *sigillatae* de pasta vermelha e de superfícies da mesma cor. O fenómeno se verifica contrário na atmosfera redutora, em que as peças se submetem directamente à acção das chamas e do fumo de que resulta ficarem escuras (Cardoso 1973, 225).

Nesta operação os oleiros campanienses, na Itália central, mostravam uma enorme perícia (Beltrán 1990, 14). Primeiro, as peças eram submetidas a um fogo oxidante e, no momento oportuno, fechavam a ventilação do forno e atiçavam o fogo, colocando lenha húmida, que actuava sobre o pigmento exterior até à sua estabilização, provocando uma atmosfera oxidante.

Com os distintos fenómenos de acção da cozedura dos produtos nos fornos, poderemos observar diversas tonalidades de pastas e vernizes, comprovando a arte de oleiro.

As marcas de oleiro seriam aplicadas sobre as cerâmicas antes das cozeduras, sendo conhecidas como marcas de fábrica, impressas com punções, pintadas (*tituli picti*), gravadas (*grafitti*), como os de La Graufesenque que proporcionaram relevantes informações, ou as estampilhadas (*signacula*). As marcas, efectuadas depois da cozedura, seriam as inscritas; por vezes, proporcionavam um nome de pessoa, mais ou menos abreviado, designado por um cognome, seguido ou não de um ou mais nomes, em nominativo ou genitivo, assim como mencionando o lugar do fabrico (Beltrán 1990, 26).

3.7. Fornos

Na cozedura, considerada como a última operação da indústria cerâmica, nunca são demais os cuidados que nela se aplicam, porque uma operação mal elaborada poderia conduzir para o *refugo* uma fornada, depois de muitas horas de trabalho dos oleiros.

Regra geral, os fornos, fazendo parte dos centros de produção, encontravam-se fora das zonas urbanas, devido aos cheiros e fumos provocados pelos combustíveis. A sua utilização também englobava o fabrico de *tegulae*, de *amphorae* e de *dolia*. Haveria pequenas oficinas de oleiros no interior de algumas cidades.

O forno para a cozedura das *sigillatae* era constituído por três partes fundamentais: o *prae-furnium* ou a chamada “boca do forno”, onde se colocavam os combustíveis; “a câmara de aquecimento”, subterrânea, que produzia o calor necessário reflectido para a parte superior, “a câmara de cozedura”, que se encontra separada por grelha, o “observatório”, os diversos respiradouros e aberturas da saída do fumo e entrada do ar e a câmara de cozedura onde se colocam empilhadas as respectivas peças.

Os oleiros regulavam e calculavam o tempo e a percentagem do calor, desde os períodos iniciais até ao resfriamento.

As peças, empilhadas cuidadosamente na “câmara de cozedura”, eram seleccionadas por tipo, guardando distâncias entre as colunas de manilhas, estabilizadas com pequenas cunhas separadoras de forma cónicas, triangulares ou cilíndricas.

A tipologia dos fornos era diversificada, de diferentes plantas, consoante a finalidade. Dos exemplos apresentados (fig. 2), o primeiro consistia na câmara de combustão de planta circular ou elíptica e o segundo de câmara de combustão de planta quadrada ou rectangular. Estes últimos teriam sido muito mais utilizados nos produtos produzidos, por exemplo, na Gália, para o fabrico de materiais de construção.

Regra geral, os centros de produção de *sigillatae* utilizavam 50% ora fornos rectangulares ora circulares. Na Hispânia, o tipo da planta circular com pilar central teve grande aplicação mesmo para o fabrico de ânforas, detectando-se na Bética nos séculos I e II d. C., como, por exemplo, os encontrados nas escavações da Catria (Beltrán 1990, 26).

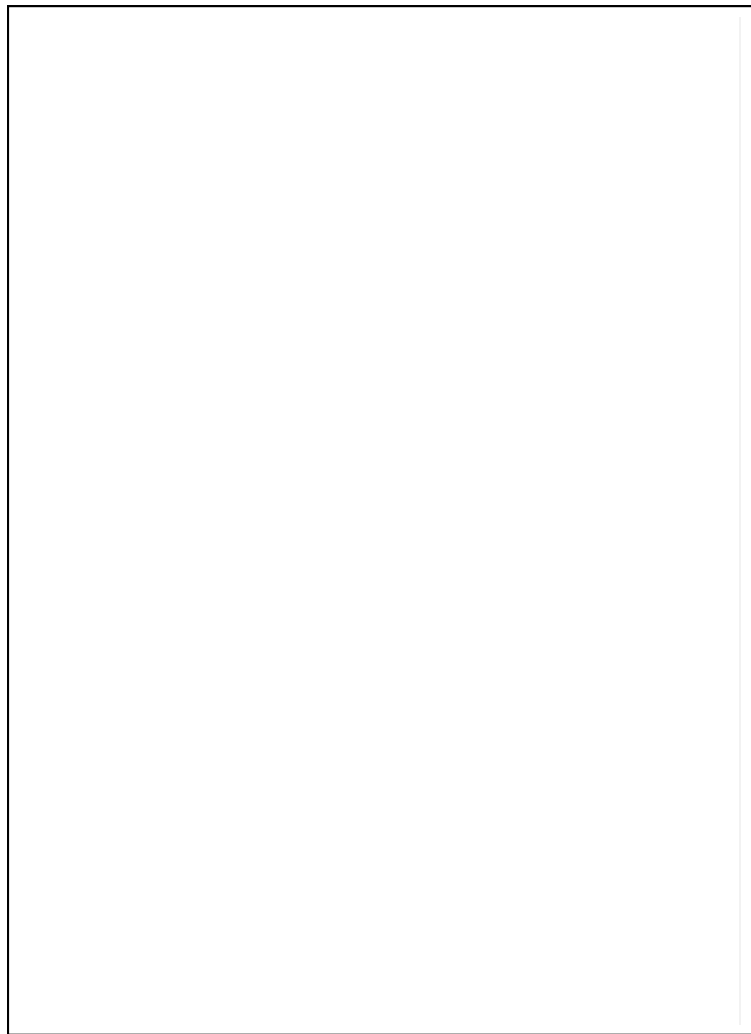


Fig. 2 – Tipologia de fornos cerâmicos (Beltrán 1990, 25)

Os fornos de planta rectangular encontrados em Granada foram dedicados à produção de *sigillatae* e também utilizados para cozedura de *tegulae*, o mesmo acontecendo nas descobertas efectuadas em Bezares. Em recente estudo, consta a descoberta, em Villarroya da Serra, de exemplares de fornos de planta circular (Beltrán 1990, 26).

4. Classificação das *Sigillatae*

Analisada a matéria-prima e processo de produção, atendemos agora aos modelos da obra acabada.

As formas, em cada fabrico inventariado do universo das *sigillatae*, têm características específicas, que as agrupam segundo critérios estabelecidos de procedência, de qualidade e de formas.

Quanto à procedência do fabrico são notáveis as oficinas de Arezzo, que se distinguem das sucedâneas itálicas e das que se instalaram, posteriormente, na Gália, Hispânia e Norte de África, todas com produção distinta. As mais apreciadas são as de procedência aretina. Distinguindo-se das demais pelo cuidado na escolha e tratamento das argilas, processos de modelagem e cozedura, na continuidade de técnicas e também de modelos formais dos ceramistas gregos, eram utilizadas em serviços de mesa de beleza decorativa, distinção e prestígio, sendo naturalmente, muito apreciados pela camada social mais exigente e sensível da clientela romana e indígena.

Fora louça utilizada sobretudo pelas tropas legionárias durante as campanhas, que agiram como principal meio da sua divulgação.

Durante o período de Augusto, foi democratizado o seu uso, sendo bem documentada a sua exportação até à Lusitânia Ocidental.

Os primeiros estudos devem-se A. Fabroni desde 1841, sobre as *sigillatae aretinas lisas*, estudo pioneiro que fez despertar grande interesse nos investigadores.

De seguida, H. Dragendorff apresentou o seu primeiro estudo na obra “*Terra Sigillata*”, a partir de 1895. Decidiu publicar, com preocupação de fixar uma terminologia, aplicando os termos de vasos samienses, aretinos e megarienses, apoiado na louça greco-romana de verniz vermelho, designando de *terra sigillata* a cerâmica dos períodos helénicos e romanos correspondendo às características de argila fina, vermelha, trabalhada com muito cuidado e suportando uma alta cozedura, de formas geralmente angulares. O esclarecimento deste estudo foi coroado de sucesso e a terminologia adoptada.

Dragendorff organizou e corrigiu, ao rever o método classificativo, um reportório das formas decoradas fabricadas por moldes, mas não aretinas lisas, de verniz preto para o verniz vermelho, dando a conhecer aos arqueólogos a sua proposta de um quadro cronológico aproximado.

O seu reportório sintético estabelece cinquenta e cinco formas sobre a *terra sigillata*, sendo as catorze primeiras referentes as aretinas, oito delas não decoradas.

Posteriormente, uma etapa decisiva no estudo das *sigillatae* deve-se às escavações de S. Loeschke, em 1909, apelidando-as de **Haltern I**, distribuindo a cerâmica aretina por dois níveis o “antigo” e o “recente”, estabelecendo um ponto evolutivo num sítio bem datado.

Com datas concretas para dezasseis tipos de cerâmica lisa, Loeschke reagrupa todas as formas em quatro serviços. Dois integram um primeiro nível, enquanto os **serviços III** e **IV** são variações mais recentes. A distinção entre os quatro grupos apoiam-se no estudo dos bordos, diferenciados entre si, descrevendo o autor as formas completas das escavações em Haltern.

Sobre o conhecimento da *terra sigillata galica* são imprescindíveis os trabalhos de R. Knorr, de 1919 a 1952, referente a todas as oficinas decoradoras, sendo de indispensável consulta para o conhecimento da evolução de cada uma das formas.

Nino Lamboglia divulgou na obra “*Gli scavi di Albintimilium e la cronologia della ceramica romana*” as suas considerações, fundamentadas em campanha de escavação entre 1938 a 1940, no I Congresso Internacional de 1950, Bordigera, e prosseguiu o estudo da *sigillata* clara nos anos de 1958 até 1963.

Nessa escavação, foram detectados sete estratos cronológicos, todos eles documentados com variadíssima cerâmica, sendo o nível IV datada de 15 a 90 d.C. pela presença da *sigillata* aretina.

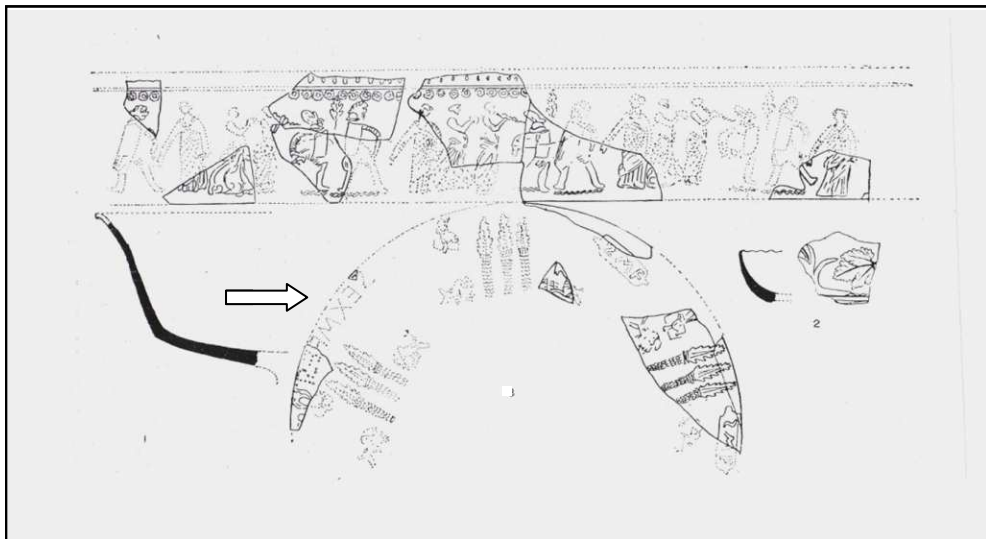


Fig. 3 – Vaso forma Drag. 29 carenado, com marca de oleiro (Lamboglia1950, 42)

Lamboglia descreve um vaso, encontrado nesse estrato, como sendo de notável importância para documentar a qualidade da cerâmica aretina de decadência-tardia (69 d. C.). A forma decorada **Drag. 29**, acima referida na fig. 3, com o perfil característico carenado, identifica esse período.

Nesse exemplar da fig. 3, na parede exterior, tem inscrito o vestígio da marca do oleiro, **SEXMF** [*est*], de que se depreende pertencer à oficina de Sex(tius) M(urrius) F[EST(us)]. O friso superior ilustra uma cena de gladiadores, com o *editor muneris* de longa toga e os gladiadores armados. A cena é complementada com figuras de flautistas e motivos vegetais (Lamboglia 1950, 41)

Constam do mesmo estrato, entre os achados, três vasos também aretinos de muito interesse, fragmentados, que, a seguir, refiro:

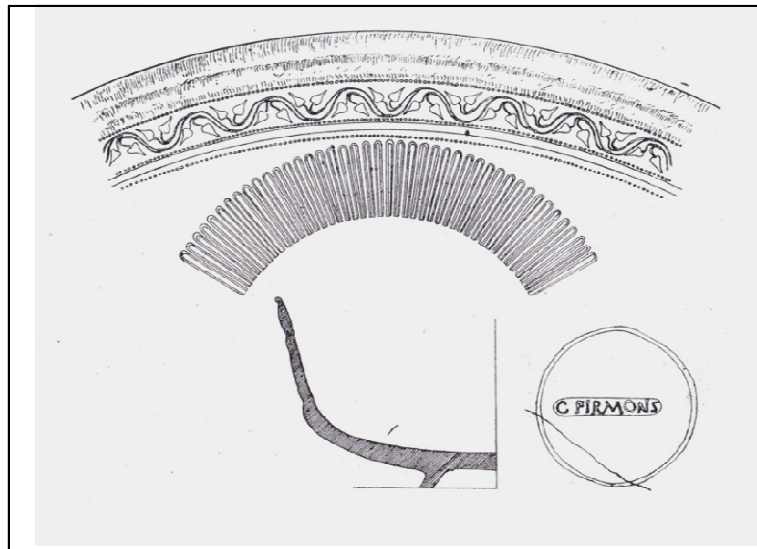


Fig. 4- Vaso A, *sudgálico*, com marca do oleiro FIRMO (Lamboglia 1950, 117)

A – Vaso *sudgálico* da época de cláudio-neroniana, forma decorada **Drag. 29**, com a marca de oleiro no fundo exterior: **O(fficina) FIRMONIS**. Tem, a rematar o bordo, a decoração em *guilhoché*; no friso central, uma grinalda serpenteada com folhas lanceoladas, separada por frisos de contas; e, no fundo, um friso com alto festão (fig. 4).

Considera Lamboglia que a decoração identifica tipicamente o ceramista Firmo, e que o mesmo estilo é utilizado pelos libertos *Ardacus*, *Ingenuus* e *Carugatus*.

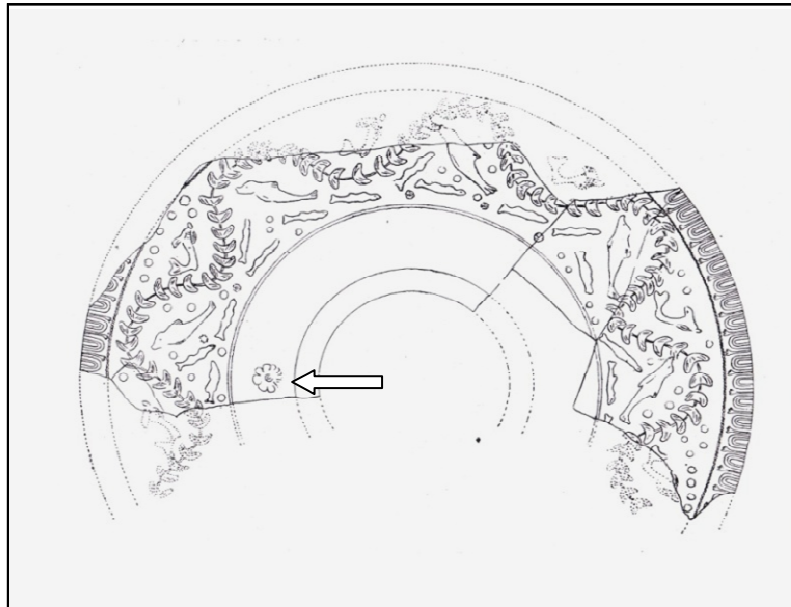


Fig. 5 – Vaso B, *sudgálico*, com motivos de peixes (Lamboglia 1950, 118)

B – Vaso *sudgálico* decorado, forma **Drag. 37**, da época domiciana. Os motivos decorados de ovas, intercaladas por pendentes, junto ao bordo, com um único friso central com meias luas encadeadas, serpenteando o motivo predominante, constam de peixes e golfinhos com pérolas intercaladas.

A marca de oleiro, em forma de roseta com onze pétalas, encontra-se junto ao fundo exterior na parte lisa. Supõe-se que se trata de um liberto com o nome *L. Cosius*, e atribui-se-lhe a datação dos flávios, entre 80 a 95 d.C. (fig. 5).

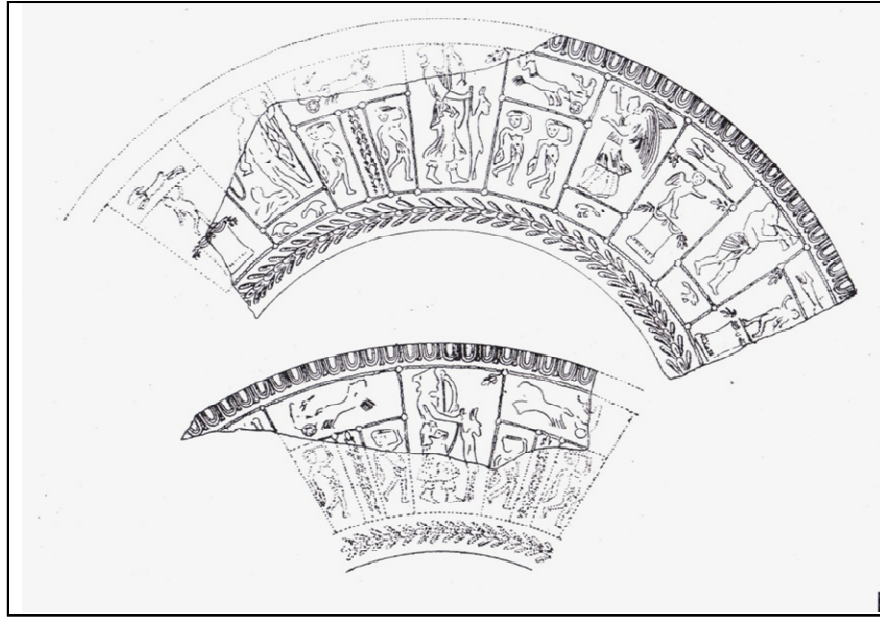


Fig.6 – Vaso C, *sudgálico*, com representações mitológicas e animais (Lamboglia 1950, 119)

C – Vaso *sudgálico* da época domicianiana; é a forma decorada de **Drag. 37**. Tem o bordo decorado com idêntico motivo ao do vaso **B**. Remata a decoração um friso de ramo trifoliado. As métopas são irregulares e alternadas com motivos diversos; em figuras de grande perfeição técnica representa Baco com uma pantera, Diana como deusa da caça com lebres a correrem e cães a saltarem, carros de cavalos, ara a fazer de suporte a Cupido e dançarinas.

É um vaso fracturado e sem fundo (fig. 6).

A presença das marcas de oleiro, associadas à beleza das cores do verniz interessou sobremaneira a Nino Lamboglia, na análise que fez de cada vaso, não o deixando indiferente na sua descrição.

As campanhas de escavação, operadas em determinadas regiões alemãs, permitiram recolher uma grande quantidade de fragmentos de vasos com marcas aretinas, reportando-se esses achados aos campos militares da época de Augusto ou de Tibério.

Estes campos asseguraram datações num contexto histórico, com precisão apreciável de elementos cronológicos, o que não acontecia com outros tipos de cerâmica.

A maior parte dos estudiosos consideram a época de Augusto-Tibério como o apogeu da produção de *sigillata*, estabelecendo um catálogo de formas, explicativo da produção, evolução e sua extinção.

As escavações na Itália, na França e em todo o território do Império Romano, trouxeram ao conhecimento quantidade abundante de peças e fragmentos aretinos, provocando progressos no seu estudo através das intervenções arqueológicas.

Foram avaliadas as interferências das cerâmicas exumadas nas diferentes camadas estratigráficas para determinação de cronologias, estando a aretina, regra geral, numa única camada, confirmando a valorização das oficinas de *Arretium*.

A presença de fragmentos com a marca de oleiro como as de *Cn. Ateius*, de *M. Perennius*, de *P. Cornelius* ou de *Rasinius* permitiram estabelecer paralelos com outras situações.

Sucedem-se as publicações de outros autores que atribuem nomes às formas. Em 1938, Chr. Albrecht publica os resultados das escavações efectuadas no campo romano instalado sobre Lippe.

O material aretino exumado aí foi comparado com o recolhido em Haltern, sendo apelidado de **Oberaden I**, e permitiu uma conclusão cronológica interessante, não se resumindo somente a pratos e travessas, mas a objectos diversificados, taças e copos.

É valiosa a obra “*Terra Sigillata Hispanica*” de Ángeles Mezquiriz de Catalán, 1961, Valência, sobre a difusão da *sigillata italica* na Hispânia,

Esta autora, na reunião de Madrid, em 1982, coloca a sua sistematização ao alcance de Françoise Mayet em 1984 e a outros autores, como A. Balil, M.V. Romero Carnicero, J. R. López Rodríguez, que a completaram.

Notáveis, os estudos de Felix Oswald juntamente com Davies Pryce, que se dedicaram, em 1966, ao estudo da *sigillata galica* de La Graufesenque, relacionados com os de F. Hermet, de 1934.

Howard Comfort, em Março de 1968, fundamenta a sua obra “*Conspectus formarum terrae sigillatae*” num extenso e utilíssimo catálogo dedicado exclusivamente à *sigillata italica*.

Ch. Goudineau (1968) prestou uma imprescindível contribuição para estabelecer cronologias com o seu estudo de revisão da classificação de Dragendorff. Propôs diversas categorias de *terra sigillata* ao analisar as taças de Calais: os vasos megarienses, campanienses de *C. Popilius*, de Puteoli, e as produções de Modane. Integrou-as na extensão industrial das *sigillatae* provinciais, desde o século I a. C. até à época posterior, que considerou tardia (70-250 d. C.).

Importante é a confrontação dos ceramistas encontrados em *Nouaesium* com outros centros de Bolsena, Magdalensberg, etc., assim como os estudos monográficos sobre *Conimbriga* em 1975 de Manuela Delgado, Françoise Mayet e de Adília M. Alarcão, que, de certo modo, ora desejamos complementar com este trabalho.

A oficialização dos nomes das formas tem sido objecto de Congressos Nacionais ou Internacionais, baseada na análise descritiva das peças.

Nalguns casos, há uma certa dificuldade em se distinguirem os três tipos de *sigillatae*, para os classificar como *italicae*, *galicae* ou *hispanicae*, tornando-se necessário para o fazer correctamente, possuir experiência do seu estudo e conhecimento dos resultados de análises laboratoriais.

A análise de um simples fragmento de *sigillata italica* tardia deixa-nos, por vezes, em dúvida se será ou não uma *sigillata sudgalica* de boa qualidade; o mesmo poderá acontecer com uma *sigillata hispanica* de um conhecido oleiro de excelente produção, o que nos poderá levar à conclusão errónea de ser ou não uma *sigillata sudgalica*.

Nos três tipos das *sigillatae italicae*, *galicae* e *hispanicae*, nem sempre se podem ajustar com rigor as classificações das formas catalogadas pelos vários autores, que equacionam as suas subdivisões, fazendo uma descrição analítica e agrupando-as segundo tipologias pelas diferenças formais e fabrico.

Entre elas há, por vezes, diferenças mínimas. Os oleiros ao pretenderem retirá-las dos moldes, quando moldadas, provocavam não raras vezes imperfeições, que as individualizam e diferenciam.

A produção da cerâmica dá-nos indicações do gosto, da capacidade económica, o seu poder de compra, os hábitos gastronómicos e as tradições culturais. A preferência do fabricante impunha-se à do consumidor nas grandes produções de difusão; porém, nas produções de difusão escassa, prevalecia a vontade do cliente.

Havia concorrência entre oficinas na qualidade e nos preços. Os vasos de melhor qualidade não se vendiam em grande quantidade, agravando-se o custo da produção e do transporte.

Existia regras na utilização de determinadas formas, não sendo a mesma utilidade atribuída às formas lisas e às decoradas.

Nem sempre se sabe se determinado vaso é para utilidade de serviço de líquidos ou de sólidos; mas indica-se a utilização mais provável das formas existentes.

Nos três tipos de *sigillatae italicae, galicae e hispanicae*, há cálices, copos, taças, pratos, vasos, jarros, terrinas, tapadeiras, unguentários, etc.

Predominam, em maior número de peças, os pratos que mais se adaptavam ao serviço dos alimentos cozinhados, deduzindo-se a sua utilização de algumas receitas de *M. Gavius Apicius*, autor de “*De re coquinaria*”.

Apicius menciona, nas suas receitas, conservas de frutos com vinho, purés, molhos para acompanhamento de diversas aves (avestruz, faisão, pato, perdiz), de carne de javali, veado, cabrito-montês, cordeiro, papas de cereais e, inclusive, várias espécies de peixes e até de marisco, polvo, atum e o célebre *garum*, etc. Tudo isto era temperado com condimentos abastecidos da Grécia, do Egipto, Síria ou Líbia. Estas iguarias eram servidas aos comensais em pratos.

Apicius, reconhecido como uma pessoa rica na sua época e frequentador de grandes banquetes, deixou a sua marca como incentivador da boa dieta para os que tinham posses, divulgando as suas receitas por todo o Império, e, certamente utilizaria louça de serviço da melhor qualidade.

Os diversos serviços desta cerâmica compreendem sistematicamente as seguintes tipologias:

4.1. Pratos

Consideram-se pratos as peças de fundo raso ou ligeiramente côncavo, de paredes baixas, rectilíneas, verticais, oblíquas ou curvas. Os bordos, são por vezes, delimitados por molduras.

Entre as formas de *sigillatae* são os mais abundantes, de diverso formato e tamanho.

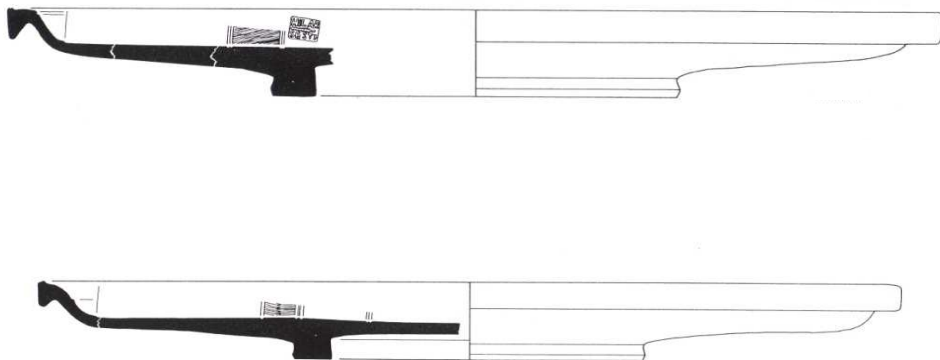
Algumas formas específicas, além dessa utilidade óbvia, serviriam de recipiente de água onde se lavariam os dedos das mãos nos intervalos de cada menu; teriam essa função complementar as formas Goudineau **5** e **16** e as Dragendorff **29** ou **37**, que também poderiam ser utilizados como fruteiras, sobretudo as de maiores dimensões.

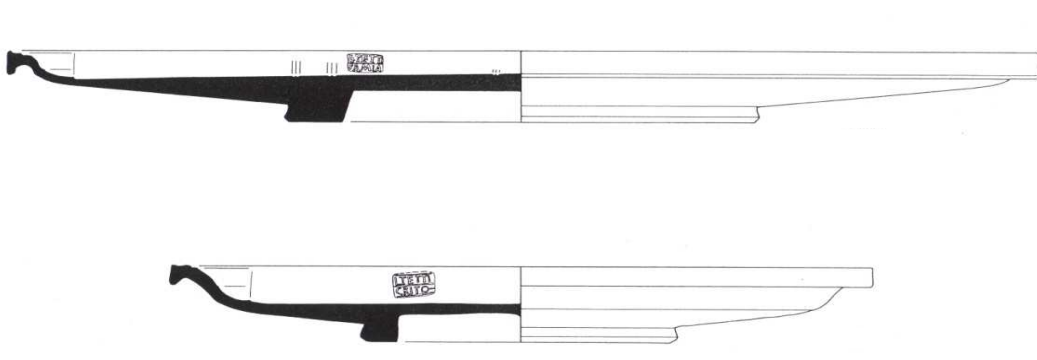
Série A

Pratos de bordo moldurado e de lábio pendente, estas peças assentam em fundo largo abaulado ou plano sobre um pé baixo ou elevado, em aro de secção trapezoidal, por vezes, terminando em ponta triangular, com caneluras ou ressaltos no interior.

São de dimensões diversificadas orçando os diâmetros dos bordos entre 150mm e 180mm. Aplica-se a estes a designação latina de *catini* (fig.7). Segundo as dimensões, são designados de *catini trientales* os de 100mm de diâmetro, *catini bessales* os de 200mm, *catini pedales* de 296mm, *catini palmipedales* de 370mm e *catini sesquipedales* de 440mm.

A1 – *Catini* com bordo moldurado, de lábio pendente, sem canelura interna.



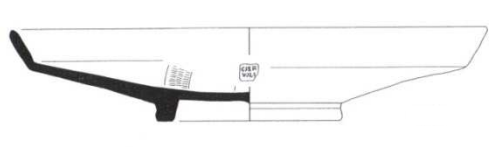
A2 – *Catini* com canelura internaFigs 7 – *Catini*, Conspectus forma **11** ou Goudineau **15** (H. Rudolf 1990, 70)

De acordo com a descrição dos diâmetros explicitados, podemos depreender que, pelas suas dimensões, as finalidades variavam entre os pratos destinados aos comensais e as travessas de serviço, que deveriam ser utilizadas para transportar as carnes e os peixes cozinhados, com ou sem molhos.

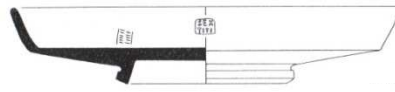
Série B

Neste contexto, mencionam-se as *sigillatae italicae* do serviço I de Haltern, correspondentes às formas de Goudineau 9, 13, 15, 16, 17, 19b, 19c, 26, 28, Magdalensberg 20-I, 413, 57-II, Pucci II, 7, 5-6, 10 (fig. 7); Conspectus forma 11, 12, 18, 19, 20 e 21 (fig. 8).

Com pé raso em fita



Com pé em aro de fita e apêndice de secção triangular:



Com pé em aro de apêndice de secção triangular com decoração interna:

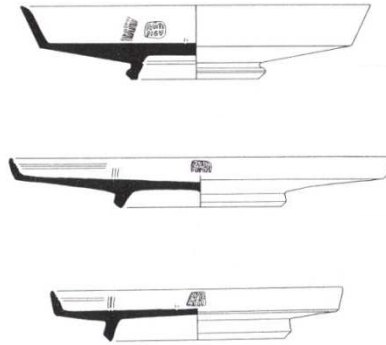


Fig. 8 – Pratos, Conspectus forma 1 ou Pucci 10, 12 (H. Rudolf 1990, 53)

Nas *sigillatae sudgalicae* e nas *hispanicae* enquadrámos as classificações das formas de Dragendorff 15/17, 16, 17A, 17B, 18, e as formas de Ludowici Tb, Td, Tg, Th, aplicando-se as últimas somente às *galicae*.

Distinguem-se das aretinas pela pasta menos cuidada de fabrico que identifica a sua produção de qualidade; umas e outras pertencem ao conjunto das formas lisas; as aretinas têm motivos decorativos de figuras humanas, animais, máscaras, flores, folhas em *barbotina* ou *guilhoché*, com marcas identificativas.

4.2. Copos

Os copos, de corpo cilíndrico, são recipientes para toda a espécie de bebidas; aparecem-nos de formas lisas, com paredes de perfil curvilíneo ou direito, por vezes de bordo esvasado, com pé muito baixo, em alguns casos inexistente como o exemplar de Goudineau 10. As formas exemplificadas são correspondentes ao serviço IV de Haltern **16**, às variantes de Oberaden tipo 12A, de fundo arredondado, e Mezquiriz 61 (fig. 9), Dragendorff 7A, 30 (fig. 10).

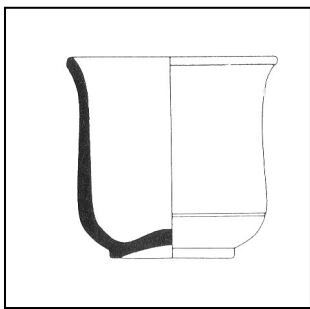


Fig. 9 – Mezq. **61** (Beltrán 1990, 129)

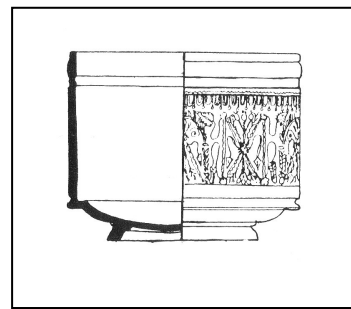


Fig. 10 – Drag. **30** (Beltrán 1990, 110)

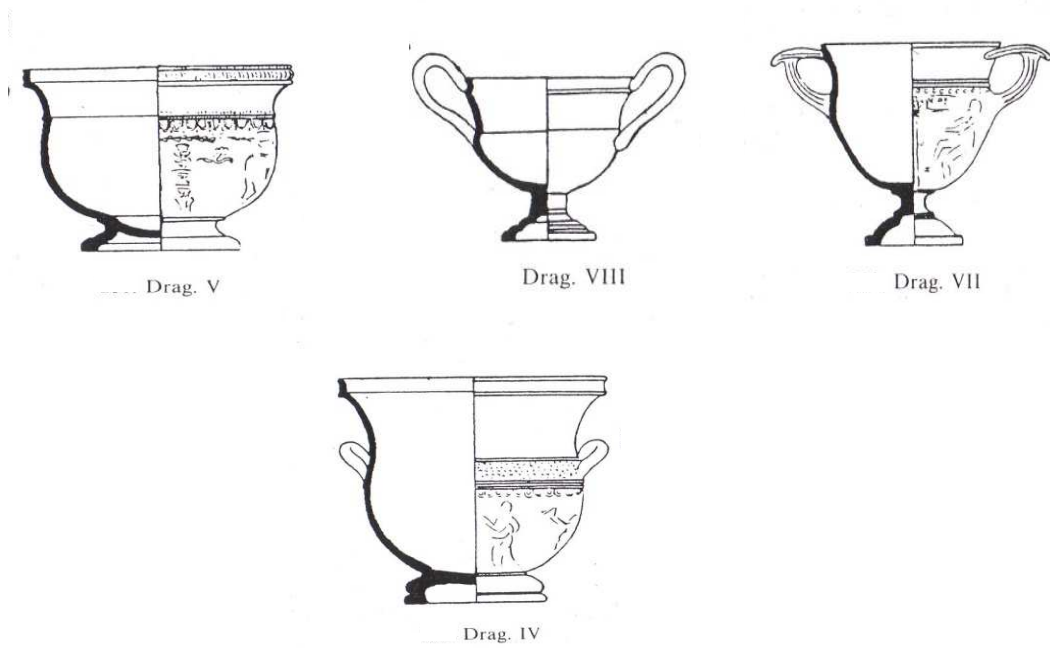
A forma Dragendorff **27** poderia ter a finalidade de molheira; nas formas Goudineau 35,38 e 49 ou a Drag. 24/25, poder-se-iam servir sopas ou papas, e na Drag. 34, canjas.

4.3. Taças

As taças são semelhantes aos copos, mas de pé mais alto; constituem uma vasta série de formas, quer lisas quer decoradas. Serviriam para beber água, vinho, ou caldos, podendo ser também utilizadas como floreiras e fruteiras.

Com ou sem asas, espaço interno com muita capacidade, de bordos envasados estreitando para o fundo côncavo, pé alto moldurado, serviriam para depósito de bebidas e, nalguns casos, mesmo para delas se beber.

As mais representativas da *sigillata* aretina são as itálicas tipo C (Drag. IV). Os exemplares de *sigillatae italicae* são classificados tipologicamente como Dragendorff Ia, II, III, IV, V, VII, VIII; são aparentados com os *skyphos* tipo Dragendorff XI e com o tipo Dragendorff XIII (fig. 11) e o Hermet 12.



Apresentadas com os copos de paredes oblíquas, direitas, côncavas ou convexas são as formas Dragendorff VI, X, XIII e a IX com asas.

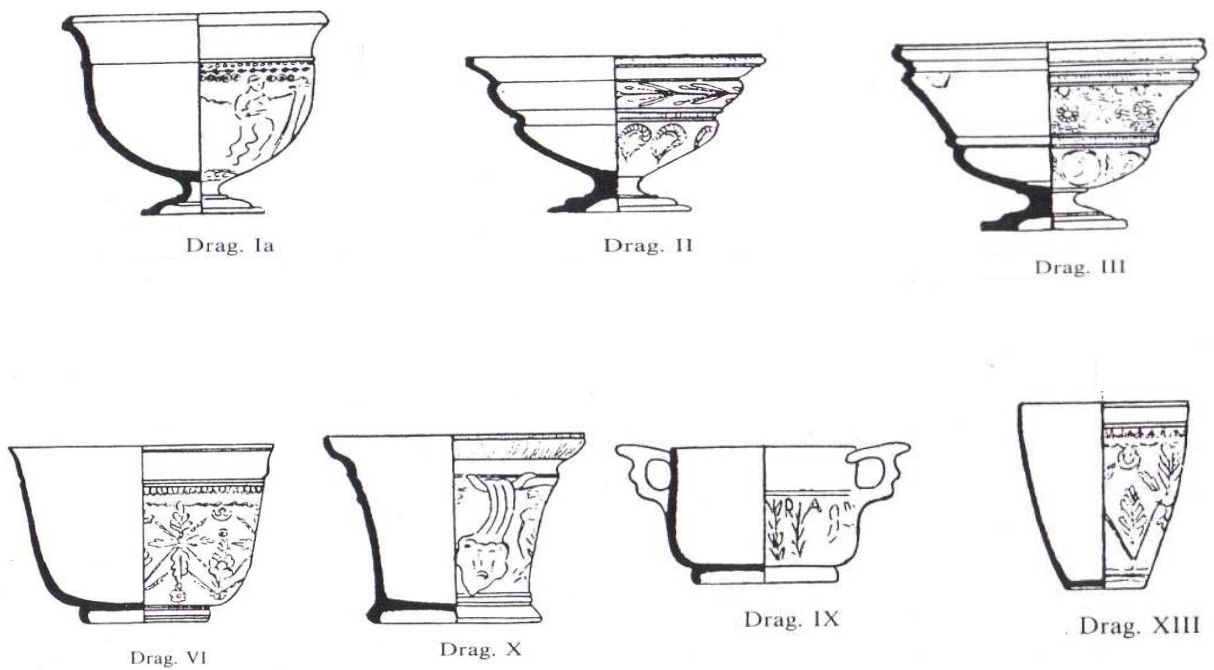


Fig. 11 – *Sigillata italica* representativa aretina (Beltrán 1990, 88)

4.4. Malgas

Depois de referenciadas as características de cerâmica *sigillata* aretina, apresentam-se, de seguida, considerações sobre a produção gálica e hispânica.

Nesta produção temos sobretudo malgas ou tigelas. São assim designados os recipientes com copa semi esférica ou em tronco de cone, com o bordo superior mais alargado, com ou sem pé, com os exemplares das formas Ritterling 8, 12, 12A (fig. 12), Goudineau 21, 35, Dragendorff 32, 37, Ludowici Sh e Mezquiriz 66.

Agrupamo-las em formas lisas e decoradas, de diversas dimensões, esvasadas, bordo boleado, as paredes pouco profundas, direitas ou curvilíneas. O pé é baixo ou raso, por vezes em bolacha, ou ligeiramente côncavo.

As formas antigas têm, no exterior, caneluras, evoluindo, posteriormente, para formas mais simplificadas. As primeiras denunciam influência da produção sudgálica; as hispânicas, dependentes das sudgálicas, raro se confundem com elas.

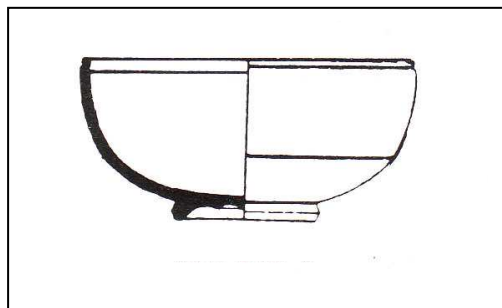


Fig. 12 – Malga Ritterling 8 (Beltrán 1990, 104)

4.5.Frascos / Âmbulas

De formas singulares são os frascos, assim designados, parecidas com a forma Hermet 13 (fig. 13), pertencentes ao conjunto das *sigillatae galicae*, em forma de manga de secção subcircular e perfil circular, com vazio central. Tem um bocal estrangulado comunicando com o interior da manga e são, normalmente, associados a duas asas.

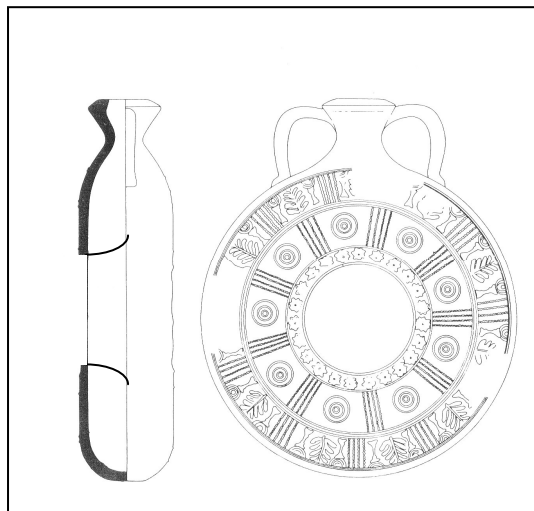


Fig. 13 - Âmbula com duas asas forma Hermet 13 (Beltrán 1990, 131)

A mesma forma, quando decorada, apresenta-se com motivos circulares, moldurado, figuras humanas, motivos vegetais alternados por métopas e linhas onduladas separadoras.

Utilizada esta peça para transporte de líquidos em viagem, carece de pé.

4.6. Unguentários

As formas de Ludowici Sn e Ludowici Tg (figs 14 e 15), são designadas por J. Alarcão (1974), como possíveis unguentários; têm-se por uma copa reduzida e pé destacado, por vezes alto.

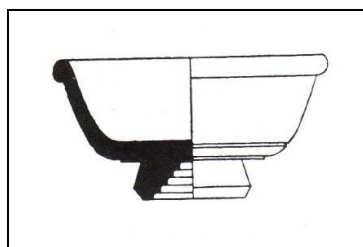


Fig. 14 – Ludowici Sn (Beltrán 1990, 106)

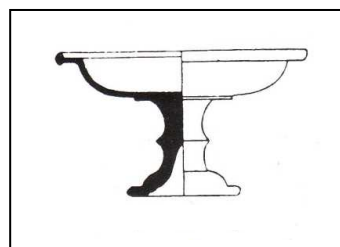


Fig. 15 – Ludowici Tg (Beltrán 1990, 106)

A sua utilização seria para conter perfumes ou para uso de cosméticos. Tipologicamente, documentam-se na *sigillata italica*, com cronologia referenciada à época de Augusto, da última metade do século I a. C., estendendo-se a sua produção até à primeira metade do século I d. C. O fim da sua produção deveu-se à substituição por vasos de vidro, entretanto aparecidos.

As formas Hermet 15 e a Oelm. 28B, peças esguias de perfil elipsóide ou ovóide, estreitando no gargalo, alto e cilíndrico, têm no fundo um pé oblíquo em aro de secção trapezoidal. Poder-se-iam chamar em latim *olfactariola*. Os exemplares gálicos são embelezados com motivos decorativos de cruciformes, arquérias vegetais e frisos separadores de *ovas*.

4.7. Jarros

Peças mais funcionais, recipientes para conter líquidos, os jarros, designados em latim por *lagoena*, comportavam o vinho, a água ou outros líquidos para a mesa; através deles os comensais enchiam os cálices, copos e taças.

O seu aspecto aproxima-se, por vezes, do perfil do púcaro da cerâmica comum, tendo vulgarmente uma (ou até duas asas); há exemplares lisos e decorados. Têm pança de perfil ovóide, paredes em S, colo estrangulado e o bordo esvasado.

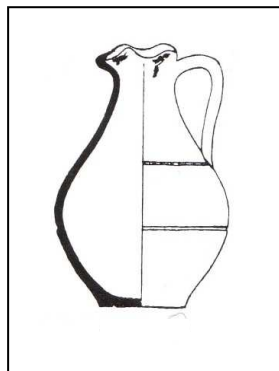


Fig. 16 – Jarro Mezq. 21 (Beltrán 1990, 127)

Na *sigillata italica*, o jarro de forma lisa Dragendorff XIV é munido de uma asa sobrelevada ao nível do bordo; tem pé alto com caneluras exteriores e asa assente no ombro, ligada ao bordo esvasado. A *sigillata hispanica* proporciona uma grande variedade de formas lisas e decoradas, classificadas por Mezquiriz, como tipicamente *Hispanica* 1, 3, 12, 20, 21 (fig. 16), 22, 28 e 32.

Assemelham-se a estas formas os exemplares com uma ou duas asas, também com caneluras e molduras nos ombros e no pé. Algumas peças decoradas apresentam, no friso central da parede junto à asa, motivos vegetais de linhas onduladas verticais, ou ramos bifoliados transversais, ou frisos de contas.

4.8. Tampas

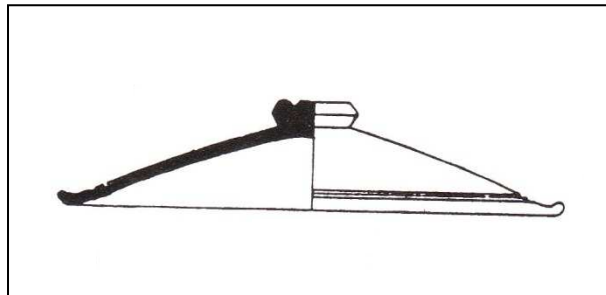


Fig. 17 - *Operculum*, Mezq. 7 (Beltrán 1990, 126)

As terrinas, os potes, as formas Dragendorff 36, 37, 38, 44, 46, a 37 tardia, nas *sigillatae italicae*, as formas Goudineau 3, 24, 29b, 29a2, 38, 41a, e Hermet 24, e Ludowici Sf, So, Ts e To teriam esses *opercula* como o exemplar de Mezquiriz 7 (fig. 17).

Para conservar a temperatura dos alimentos, protegê-los das impurezas ou dos insectos, eram usadas esses testos.

5. As *Sigillatae* de *Conimbriga*

Conforme enunciado na introdução deste trabalho, a nossa investigação sobre um conjunto inédito de *sigillatae* de *Conimbriga*, que se encontra na reserva do Museu Monográfico, não se limita especificamente a *sigillata hispanica*, representada em maior abundância, mas conta também com produções itálicas e gálicas.

Guardado em gavetas subdividido por sacos com os respectivos acrónimos e referências de contextualização arqueológica, este espólio requeria ser inserido numa base de dados, em inventário rigoroso com as peças fotografadas e desenhadas, para o que se procedeu, dentro das condições limitadas, ao estudo dos exemplares mais representativos, que se vão caracterizar segundo esses três tipos “clássicos”.

5.1. *Sigillata Italica*

A primeira série engloba a *sigillata italica*, que se faz representar nos mercados romanos ocidentais, proveniente de Arezzo (de *Arretium* lhe provém o nome), aproximadamente pelo ano de 45 a. C. Vem na continuidade de uma produção de qualidade, que se propaga até ao século II a. C. pelo Mediterrâneo, e é representada, embora em pequena quantidade em *Conimbriga*.

É relevante o número de exemplares de *sigillata italica*, de uma argila de cor clara, dura e granulada, intercalando entre o amarelo e o alaranjado, sem impurezas e de verniz cor vermelho laranja ou alaranjado escuro, obtidas por uma cozedura oxidante, de pasta rica em ferro, potássio e magnésio, e com as formas de pés altos, que lhes dá aspecto de cálice ou cratera, de perfil arredondado e oblíquo para o exterior e com as paredes decoradas.

Foram encontrados os centros de produção (fig. 18) em Cremona, Luna, Ravena, Bolonia, Puteoli, Pisa, Lion, Germânia, toda a Hispânia, mar Mediterrâneo, norte de África (actual Argélia e Tunísia), na Ásia Menor em Pérgamo, costas do mar Adriático, de onde se expandiram por todo o Império Romano (Pucci G.1981).

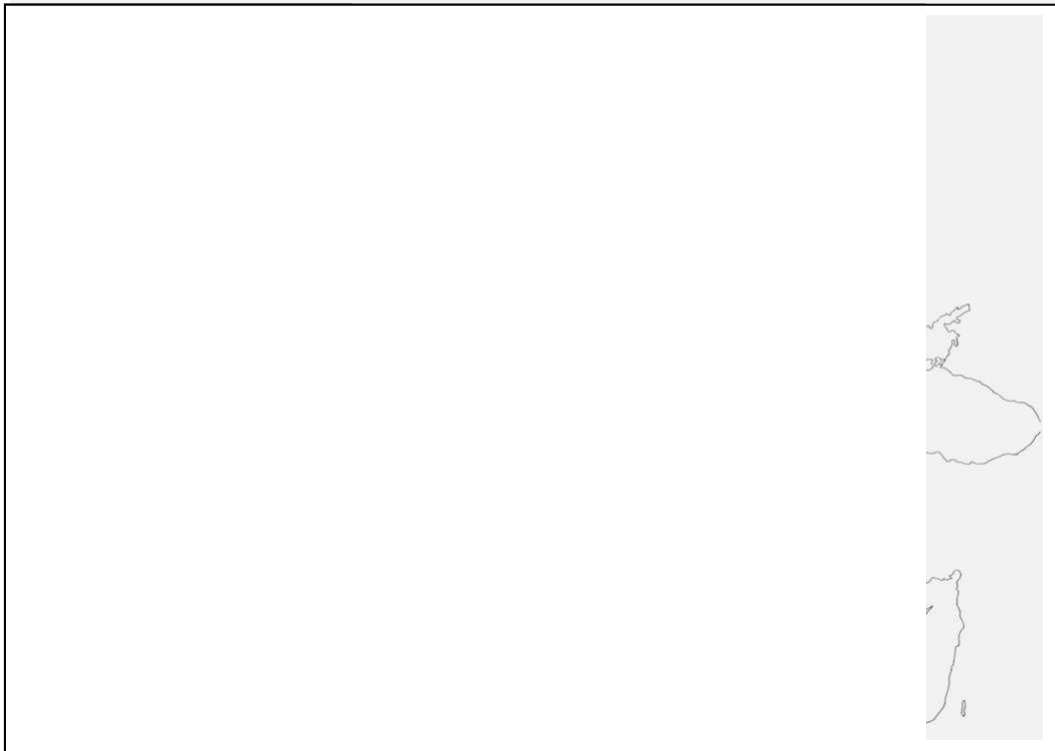


Fig. 18 - Expansão na Europa de *sigillata italica* (Beltrán 1950, 78)

No conjunto presente da terra *sigillata italica*, consideram-se cinco fases:

A primeira, “pré-aretina”, que abrangeu o período de 50/45 a 30/25, limitada a uma curta época e única geração de ceramistas; está representada nas formas Goudineau **1** a **8** lisas, em cuja cor da pasta se observa o bege claro, branqueado ou alaranjado, ou o ocre muito pálido, predominando o rosa-laranja muito claro.

A segunda fase, chamada “aretina”, de 30 a 15 a. C., comporta as formas lisas e as primeiras decoradas de Goudineau **9** a **20**. A pasta é excessivamente fina, de pequenas impurezas brancas e leves vacúolos; os exemplares mostram fractura irregular e o seu verniz é muito vivo, com tendência para o laranja.

A terceira fase, denominada “clássica”, integra as marcas de oleiros com os nomes de escravos gregos, tendo os seus proprietários centros de produção e dispondo de mão-de-obra importada de *Arretium*; nesta fase, foram modeladas as formas Goudineau **23** e **35**. Este período é o mais rico em decoração e de maior estabilidade na produção aretina.

A pasta, bem elaborada no tratamento da argila e na qualidade da água, que a tornava fina e depurada, com muito boa qualidade, de cor vermelha salmão, com fracturas muito nítidas. O verniz é brilhante, vermelho ou alaranjado, por vezes com manchas claras.

Cronologicamente, abrange o período augustano de 15-10 a. C. até ao início do século I d. C., já no reinado de Tibério (14-37d.C.), quando surgiram as marcas de oleiro “*in planta pedis*”.

Coincide com a superioridade da qualidade de La Graufesenque, cuja cerâmica partilha, por via marítima a partir do porto de Narbona, de reconhecida importância comercial; assim o demonstra, desde o início, a grande concentração destes produtos desde Ampúrias até ao extremo peninsular do lado Atlântico, como é o exemplo de *Conimbriga*, em que quase toda a *sigillata* remetia para uma oficina da Gália no período situado entre os anos 30 a 80 d.C., atingindo os valores mais altos na época de Cláudio.

Do início do reinado de Cláudio (41-54 d.C.) será a quarta fase, considerada “avançada”, como sequência da fase anterior nas criações de Goudineau **36** e **43**, lisas e decoradas, delimitando um espaço em que os ceramistas não marcaram as peças e adoptaram aplicação em *barbotina* nos bordos.

A pasta apresenta-se de cor carmim ou agranitado, com o verniz *marron* claro ou esbatido, consistente e brilhante. Os pés apresentam-se mais baixos com os ângulos arredondados.

A última fase, chamada “tardia”, compreendida entre 55 a 80 d. C., que se situa entre Nero e Tito Flávio, enquadrava-se, sobretudo, nas formas lisas de Ritterling **5**, **9** e **12**, Dragendorff **15/17**, **17B**, **18/31**, **22**, **24/25**, **46**. De pastas avermelhadas ou alaranjadas, introdução de areias nos desgordurastes, tem vernizes brilhantes e de boa qualidade. Nas produções decoradas, fica comprometida a qualidade com frequência pelo descuido na aplicação dos motivos.

Com este resumo, contemplamos os períodos de governação dos Imperadores mais influentes, que enquadram a evolução desta tipologia.

As *italicae* lisas, representadas em maior número, classificadas por autores como H. Dragendorff e Ch. Goudineau, que se fundamentaram nas estratigrafias de Bolsena, ao estudar a tipologia das produções aretinas, deram relevância às oficinas dos produtores.

O produtor *Cn. Ateius*, com oficina principal em Arezzo, teve uma parte das suas peças classificadas de Haltern, nos materiais estudados. Muette, atribuiu-lhe uma oficina em Pisa, porto de Arno, com vestígios de um forno na via S. Zeno, de que as marcas indicavam *Ateius* e marcas dos seus libertos *Mahes*, *Zoilus* e *Hilarus*. Recentes análises químicas concluem que este famoso oleiro teria tido expansão em filiais a Norte e a Este da Gália, e tem a sua produção presente no conjunto estudado.

Circunscritos só ao Norte de Itália, mais concretamente ao Vale do Pó, encontraram-se as imitações da cerâmica aretina de pasta com a cor rosada, muito dura, com desengordurantes dourados, negros e brilhantes, distribuídos com irregularidade, de verniz fino, irregular e com abundantes manchas.

Localizaram-se os centros de produção de Ravena, Cremona e Bolonia, supondo-se que estariam activos desde a época de Augusto à de Trajano, produzindo com mais frequência formas lisas, que demarcam praticamente o arranque entre o último quarto do século I a. C. e o início do século II d. C. Esta cronologia coincide com a produção estruturada na bacia de Nápoles.

As *sigillatae italicae*, anteriormente estudadas em *Conimbriga* sendo abundantes em diversidade de formas, variam em representatividade tipológica no catálogo *Conspectus*.

Demonstram uma grande luminosidade e aderência do verniz, que se apresenta homogéneo e brilhante, muito fino, de cor vermelho escuro acastanhado, alaranjado vivo, ou de vermelho salmão, espesso e uniforme.

Em relação à pasta, distingue-se de igual forma, em cada subdivisão, o apresentarem cor amarela quase ocre, bem purificado e de pasta muito dura, existindo alguns fragmentos de cor rosa pálidos, de pasta dura, ligeiramente granulada, com algumas partículas de calcite juntamente com glóbulos ferruginosos visíveis a olho nu e com vacúolos irregulares.

Recorremos à classificação diversificada de estudos baseados em A. Oxé e H. Comfort, Ch. Goudineau, H. Dragendorff e Conspectus para designarmos as formas e as marcas, em que se apoiou F. Mayet. Entre os espécimes por nós estudados, somente se registam 5% são de vasos decorados, sendo a maior percentagem de vasos lisos, com grande variedade de formas a diferença entre as percentagens de diversidade de formas lisas, propostas por F. Mayet, é semelhante à encontrada neste estudo, tendo em conta que as decoradas são em maior percentagem.

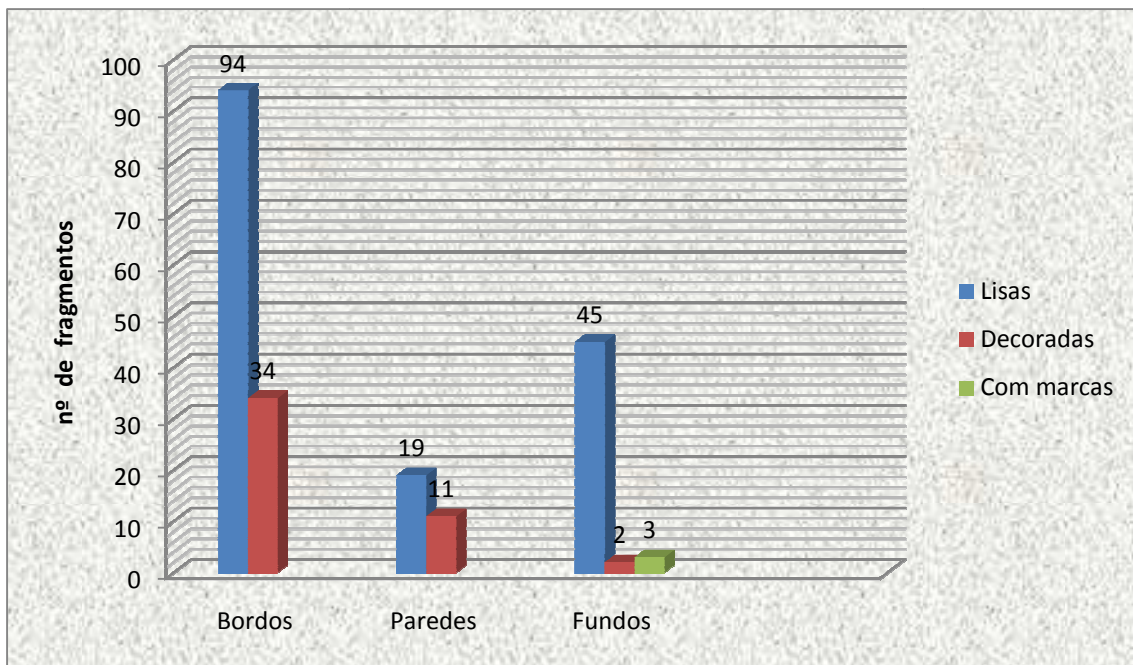


Fig. 19 – Gráfico quantitativo da *sigillata italica*

O gráfico da figura n.º 19 manifesta percentagens mais significativas de peças lisas em relação às decoradas, quer nos bordos, paredes ou fundos. As marcas de oleiros [CASTI], [EROS], [CT MAL], [FORT], [FECI], (AGATHEMERVS) (NAEVI), predominam nas formas lisas. São ainda referenciados dois exemplares *in planta pedis*, com dificuldade de interpretação da marca de oleiro nelas estampadas.

As marcas de oleiro nas *sigillatae italicae* são consideradas não uma invenção do oleiro mas a continuação de uma tradição vinda dos fabricantes de “*campaniense*”, em verniz preto, com produções de motivos anepígrafos, semi-signatura e semi-décor com nome estampilhado, que se tornou no último reflexo de valorização das mais velhas marcas na *sigillata italica*.

Este grupo de *sigillatae italicae* representa fabricos do período de Augusto e de Cláudio, confirmando, através da forma dos “cartuchos”, dos motivos decorativos e, em especial, do pormenor do *guilhoché*, que se trata de produtos importados transalpinos e de oficinas atribuídas a *N. Naevius*.

Algumas marcas encontram-se indecifráveis, devido ao seu estado de desgaste ou fracturadas; mas, mesmo assim, detecta-se a boa qualidade do seu fabrico, devido à textura da pasta e da conservação do verniz no conjunto dos fragmentos.

Dos tipos *galicae* e *hispanicae* o mesmo se pode referir; as *sigillatae* estudadas pela equipa luso-francesa não se diferem das estudadas actualmente, quer na cor do verniz, na constituição das pastas e nas referências quantitativas das formas.

Impõe-se a presença das formas Dragendorff **27**, **24/25**, as **15/17** e as **18** em maior abundância, por esta ordem, em contraste com as formas de Ritterling **12** ou as Hermet **7** e **9**, em menor quantidade.

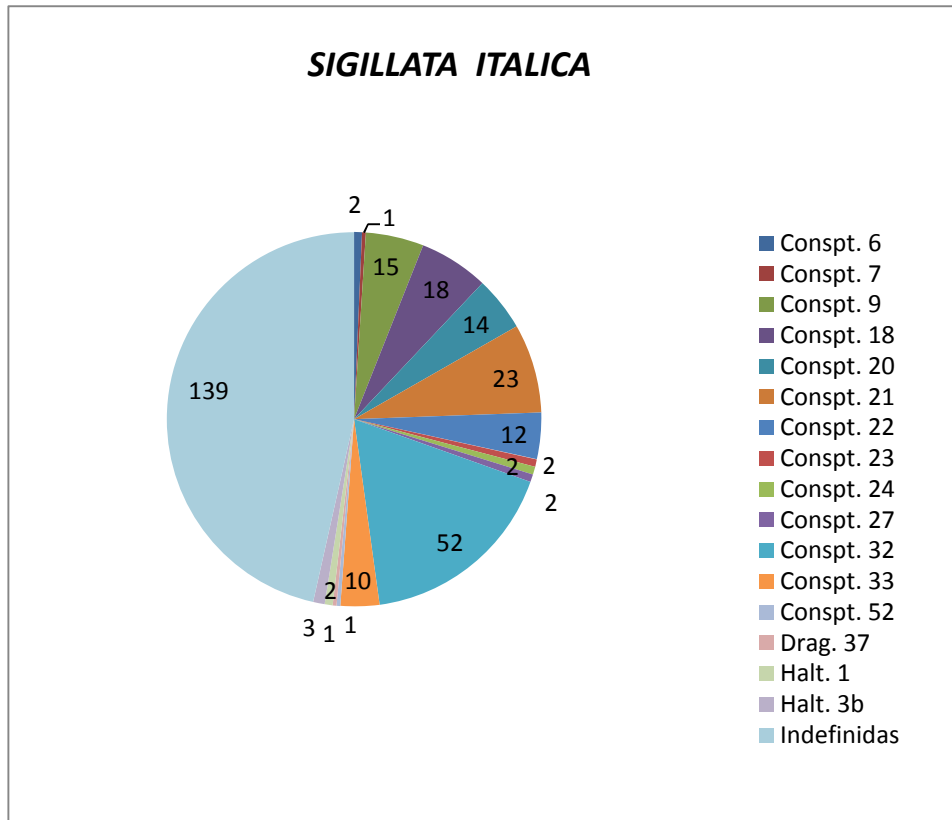


Fig. 20 – Quantitativo de fragmentos das formas de *sigillata italica*

Algumas oficinas de oleiros itálicos com presença em *Conimbriga*.

As marcas de oleiro eram apostas antes da cozedura, na pasta fresca, estampilhadas por *signacula*, punções ou matrizes ou gravadas a *grafitti*. Eram colocadas na primeira peça do fabrico de cada série, ficando essa mais valorizada no mercado.

Na *sigillata italica* é bastante frequente a presença de estampilhas, sendo normalmente usado um nome em nominativo, ou, em alguns casos, o nominativo seguido de genitivo. Da oficina de *Paternus* há relevante informação em *Conimbriga*.

Esclarecedor da diversidade de formas é o gráfico (fig. 20) referente a um universo de 297 fragmentos de *sigillata italica*, que inclui bordos, paredes, fundos e quatro formas completas. Deste conjunto, constam um fundo com grafito, outro com marca de oleiro, completa e bem legível, e outros fundos com vestígios de matrizes.

Dos 297 fragmentos analisados, apenas quinze nos proporcionam peças, 70% completas no seu perfil, identificáveis com a forma Conspectus 9.

A ficha n.º 14 representa a forma Conspectus 22 atribuída a um fundo de *sigillata italica*, com pasta bege de muito boa qualidade e o verniz de cor alaranjado, mate e com manchas escuras.

O fundo do vaso representado na ficha n.º 17, indica a forma Goudineau 27; tem a marca do oleiro aretino, com nexo na sigla (NĀ). Refere-se à prestigiada oficina de *Agathemerus (Naevi)*.



Os cartuchos apresentados encontram-se completos, de forma irregular e de pequena dimensão, segundo a descrição de Oxé-Comfort 1968 em *Corpus Vasorum Arretinorum*, n.º 1085, p. 284. Este fabricante aplicava a sua marca em cartuchos redondos folheados, quadrados e rectangulares, em peças de diversas formas, distribuídas por Roma, Tarragona, Bonn e Haltern.

A importância deste oleiro beneficiava da localização do porto comercial de Puteoli, por onde expedia os produtos a distribuir para as diversas regiões peninsulares, sendo documentada a sua presença em *Conimbriga*.

Um outro fragmento de *sigillata italica*, do conjunto, ora analisado, de *Conimbriga*, com um fundo de forma indeterminada, tem a marca [...] ASTVS. PS do afamado oleiro *Rasinius*, cujo escravo, de nome *Acastus*, poderia ter tido por antecedente *Aco*, de cognome também famoso, segundo Oxé-Comfort 1968, 3 n.º 15 (Ref. 68-B-43. Gaveta n.º 521 e no saco n.º 36).

Um fundo (diâm. 35mm) de peça com a forma Goudineau **32b** tem a marca completa (ANII) ou (ANNIVS), referenciado em Oxé-Comfort 1968, 15/16 n.º 77 (Ref. 69-B-F17. Gav. n.º520 e saco n.º 5. S/desenho). As dimensões do cartucho de cantos arredondados, são 10x2mm. Considerado um vaso da forma Dragendorff **27**, de La Graufesenque, é-lhe atribuída uma cronologia entre o período de Tibério a Nero.



As formas Conspectus **18** ou Goudineau **36a**, atribuídas ao fragmento de bordo com a marca do oleiro de Arezzo, SEX AFRI, *Sex(ti) Afri*, referenciado em Oxé-Comfort 1968, 26 a 31, n.ºs 87-92 (Ref. I.G.5. Gav. n.º 520, saco n.º 6. S/desenho), abrangem a cronologia da época de Tibério. A sua produção seria efectuada nos principais centros da *terra sigillata*, de onde se efectuava a exportação.



Dentro desta forma, a tipologia é variável. Normalmente teriam a marca do oleiro no fundo dos respectivos pratos, circunscritos com ranhuras em círculo, coincidentes com o início do pé.

Afer, que proferimos a *Afrius*, segundo Oxé-Comfort, deveria ser o cognome do oleiro indígena.

A vida comercial quotidiana era importante para garantir a actividade ceramista de Arezzo, centro produtor de onde foi importada grande parte da *sigillata italica* de *Conimbriga*.

O bordo, indicador da forma Dragendorff **27** ou Magdalensberg **32**, tem a marca do oleiro *Castus*; o cartucho é de forma rectangular ou, provavelmente, *in planta pedis*, e tem as letras bem desenhadas (CASTI), conforme às referenciadas Oxé-Comfort 1968, 135, n.º 405 (Ref. 69-B-F12. Gav. n.º520 e sacco n.º 7). Trata-se de peças produzidas no Vale do Pó, com a cronologia de itálica tardia.



Outros descritores, como Pucci e Mazzeo, atribuem-lhe respectivamente a designação de Puc. **23**, **24** e Maz. **14**. As peças de pequenas dimensões têm o verniz brilhante e aderente de camada fina, de cor vermelho escuro, acastanhado; a pasta é vermelha escura ou rosa.

Com vestígio de marca do oleiro *Tertius*, selada como (TERTI) com nexos $\overline{\text{TE}}$ nas letras **T** e **E**, a ficha n.º **23** identifica a peça da forma *Conspectus* **33.4**, cuja produção era originária, inicialmente, da Etrúria e Campânia, sendo exportada por Puteoli.

A ficha n.º **24** representa o perfil completo de uma taça hemisférica de paredes extrovertidas, com a forma *Conspectus 33*. É decorada com *guilhoché*, dividido em três partes por linhas paralelas.

Na peça completa, estaria a marca de *Cn. Ateius*, aparecendo no cartucho as quatro primeiras letras (ATEI) Oxé-Comfort 1968, 449, n.º 1945 de Tertius e de *Ateius*, p.42 a 49, n.º 144 a 186 (Ref. 63/II C - 7.Gav. 520 saco n.º 8). A produção comportava diversificados modelos de cartuchos, trifoliados ou em muita frequência *in planta pedis*, com os cantos irregulares e os ângulos arredondados.



Marcas sem nexos no nome.



Com nexos no respectivo nome.

Dos numerosos oleiros fornecedores da Península, naturais de Arezzo, estão documentados *Cn. Ateius*, *P. Cornelius*, *M. Perennius*, *Rasinius*. Existem alguns exemplares de oleiros em *Conimbriga* e Vila Viçosa (no Paço Ducal) que assinam *L. Saufaius*, *L. Titius* e *Umbricius*, não se conhecendo a localização dos seus centros produtores. As oficinas de maior representatividade eram a de *Rasinius*, que associava desde 4 a 6 escravos especializados até 60 escravos vulgares, e a de *M. Perennius*, que se dedicavam principalmente à produção de cerâmica decorada.

O arranque da produção aretina, correspondente a 44%, deve-se a *Ateius*, com a oficina principal em *Arretium*, difundindo a produção pelo Norte e Este das Gálias, sendo de notar os nomes dos **ZOIL** escravos a seu cargo *Chrestus* e *Zoilus*, cujas cerâmicas seladas abrangem desde o ano 20 a. C. até ao último quartel do século I d. C.

O fragmento do fundo (diâm. 40mm), com o pé muito alto, forma da taça supostamente Pucci **23**, descrito na ficha n.º **20**, possui vestígio da marca do oleiro designado por *Primus (Naevi)*, segundo Oxé-Comfort 1968, 345, n.º 1390 (Ref. 69 – B - 102. Gav. n.º 520 e saco n.º21), **PRI°M** [...] bem visível em cartucho profundo.



In planta pedis

A ficha n.º **21** representa o perfil completo de um vaso com o fundo (diâm. 40mm) e bordo (diâm. 100mm) da forma **Dragendorff 27**. A marca do oleiro encontra-se esborratada do lado direito do cartucho, tornando-se ilegível; ficaram somente as duas últimas letras, [...] **EM** (Ref. 63 – IF – 4. Gav. 522 e saco n.º 22). Admitimos tratar-se do ceramista *C. Memmius* de Arezzo, referido por Oxé-Comfort 1968, p. 258 a 260, n.º 984. Identificava-se com várias formas de selos, distribuídas pelas peças encontradas em Roma, Florença, Campania, Alexandria, Cartagena, Tarragona e Ampurias.



A ficha n.º **6** refere-se um *catinus trientalis*, **Conspectus 6** (diâm.13cm), segundo a classificação de F. Mayet, que inclui este género de peça na subdivisão da forma Goudineau **39**, correspondente a uma variante do serviço II. Tem a decoração junto ao lábio em *bourrelet* e *guilhoché*, muito perfeito e elegante. A parede, com aplicação de espirais em relevo, é arrematada com um estreito friso em *bourrelet* minúsculo.

Os dois fragmentos representados na ficha n.º **27** referem-se a um vaso decorado da forma Dragendorff **37**, sendo de realçar a parte do friso central e inferior da peça, cuja originalidade consiste na cor do verniz granã acastanhado, mate que é muito aderente, contrastando com a pasta bege clara, de textura macia. A decoração é finíssima e elegante, de ramos bifoliados, arrematados por pequenas flores.

A taça decorada na ficha n.º **12** apresenta-se com *guilhoché* ricamente elaborado e elegante, arrematado por um friso superior e inferior em *bourrelet*, com a forma **Conspectus 22**, e, na ficha n.º **24**, a forma **Conspectus 33** apresenta a decoração em *guilhoché*, minucioso e acentuado.

5.1.1. Pratos Aretinos

Nos pratos aretinos, as diversas dimensões do diâmetro indicam para que fins eram utilizados, dando indicações cronológicas segundo os respectivos períodos imperiais.

As peças ora estudadas referem-se ao período desde a governação de Augusto (27 a. C. – 14 d.C.) até Tibério (14 – 37 d. C.), altura em que ocorreram mudanças nos modelos dos pratos, a imitarem as peças em prata e bronze.

Os pratos aretinos (fig. 22), *catini*, *canistra*, que abrangeram aproximadamente o diâmetro médio de 44cm incluíam no seu conjunto os *sesquipedales*, com 37cm os *palmipedales*, com 29,6cm os *pedales*, com 20cm os *bessales* ou *catilli* e *catini*, com dimensões entre 18,5cm, 17 e 10cm os *trientales* ou *canistella* considerados estes últimos os mais pequenos (Oxé-Comfort 1968, 25).

Abundante é a cerâmica lisa em *Conimbriga*. Entre ela abundam os pratos, alguns dos exemplares fazendo de travessas.

DESENHOS	CLASSIFICAÇÃO de FORMAS		DIÂMETROS
	MAYET	OUTROS	
n.º 1	Goud. 39	Pucci X8	150 mm
n.º 2	Goud. 28	Haltern 3b	165 mm
n.º 3	Goud. 36	Consp. 18	165 mm
n.º 4	Goud. 36	Consp. 20	130 mm
n.º 5	Goud. 39	Consp. 18	240 mm
n.º 6	Goud. 39	Consp. 6	130 mm
n.º 7	Goud. 39	Consp. 18	130 mm
n.º 8	Goud. 27	Consp. 21	130 mm
n.º 9	Goud. 39	Consp. 20	140 mm
n.º 10	Goud. 39	Consp. 20	180 mm
n.º 11	Goud. 17	Haltern 3b	160 mm

(Goud. = Goudineau; Consp. = Conspetus)

Fig. 22- Quadro de presenças de pratos aretinos

À variedade das peças, exumadas nas campanhas luso-francesas, foi atribuída por F. Mayet a classificação de **Goudineau** e nas variantes do serviço **I** e **II** de **Haltern**. Atribuímos-lhes agora a esses pratos, taças e vasos as classificações constantes do gráfico anterior, baseando-nos nas dimensões dos respectivos diâmetros.

As quantidades e a qualidade são proporcionais nas campanhas dos anos 1963 nas de 1972, dirigidas pelo Prof. J. Alarcão. São de excelente fabrico e tipicamente italianas, abrangendo o seu fabrico os períodos dos anos 20 a.C. até ao início do século I d.C., genericamente enquadradas na terceira fase, denominada “clássica”.

5.2. *Sigillata Galica*

Distinguimos a *sigillata galica*, localizando-a geograficamente (fig. 23) nos centros de produção da Gália Central, nas oficinas, principais de Lezoux, e nas secundárias de Toulon-sur-Allier, Vichy, Terre-Franche e Martres-de-Veyre. Na região Leste, o centro principal associa-se a Argonne e os secundários, Pont-des-Remes e Lavoye, distanciam-se de outros, como La Madeleine, Luxeil, Rheinzabern, Heiligenberg e Ittenweiler.



Fig. 23 – Centros de produção de *sigillata galica* (Beltrán 1950,100)

A mais relevante região das *sigillatae galicae* será a da Sudgálica, onde se concentra La Graufesenque, como oficina principal, seguida de Banassac e Montans como centros de grande difusão. Outros centros, secundários, situam-se em Carradé, Crambadé, Valéry, Le Rozier e Aspiran.

Com uma enorme competitividade, implementa-se nos mercados a *sigillata italica*, divulgando-se especialmente entre os anos 20 e 40 d. C.

Identificada pelos ceramistas mais conhecidas, *Laetus*, *Carus*, *Quartus*, *Vitulus*, distingue-se especialmente pela pasta fina, dura, de cor bege rosa, por vezes de vermelho escuro, com diversas gradações, sendo os desengordurantes, finos, de calcário. O verniz, de cor vermelha coral, é muito brilhante, bem aderente e semivitrificado.

As cerâmicas mais recentes diferenciam-se, contrastando com as *sigillatae italicae* pelo verniz vermelho vivo, pelas pastas de cor forte e fracturas muito rectilíneas.

O centro produtor de La Graufesenque distingue-se por chegar a todos os recantos do império, desde a Bretanha, no período de Cláudio, à Península Ibérica, ao Mediterrâneo Ocidental e costa do norte de África. Situado em Narbona, o apogeu da sua produção ocupa o período de Augusto até Trajano, não se tornando impeditivo de que, no final do século I, predominassem as oficinas de Lezoux na Gália Central e a Este, que produziram efeitos de dispersão especializada.

Descrevemos, anteriormente o faseamento de evolução do fabrico das *sigillatae italicae*. Permitimo-nos, no entanto, chamar a atenção para as *sigillatae galicae* no percurso evolutivo que tiveram as formas decoradas que foram classificadas por Dragendorff, da **29** e da **37**, ao longo da sua produção.

O período primitivo, que abrange os anos 10 e 20 d. C., foi considerado com fase experimental, assemelhando-se as suas características às dos vasos itálicos.

Iniciou-se com pouca divulgação a forma Dragendorff. **29**, harmonizando-se o rebordo pouco saliente e vertical, tendo perfil carenado.

Enquadrado nos anos 20 a 40 d. C. o período inicial, sofreu na época de Tibério, a influência dos modelos *itálicos*, sendo característica, nos vernizes, uma cor de vermelho enriquecedor, destacando-se os oleiros *Rutenus*, *Danomarus*, *Atepomarus*, *Illiomarus*, *Petreius*, etc. A fase de esplendor refere-se aos anos de Cláudio e Nero, 41 a 60 d. C., com auge da perfeição técnica.

Observa-se acentuada originalidade morfológica nos motivos decorativos, com canelura separadora dos frisos florais (fig. 24).

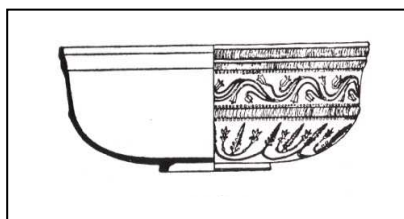


Fig.24 - Dragendorff **29 A**, com perfil carenado e dois frisos florais (Beltrán 1990, 109)

Dos anos 60 a 80 d. C. nota-se mais cuidado com a decoração e melhoria do fabrico da forma Drag. **29**, de bordo muito saliente, dando ao perfil maior abertura, aumentando, assim, a competição comercial. Com a aproximação do final do século I, a decoração é constituída por métopas, surgindo a forma Drag. **37**, directamente derivada da Drag. **29**, caracterizando-se, porém, por ter dois frisos decorados e separados por duplas ou triplas caneluras, como linhas acentuadas na carena.

O estilo renova-se a partir do ano 65 d. C., representando cenas de paisagens, árvores e animais, e, além disso, cenas do “séquito alexandrino”, com referências iconográficas de figuras humanas da época de Alexandre. O começo da decadência aponta para os finais do século I, documentando-se entre os anos 80 a 120 d. C., com a qualidade a começar a inferiorizar-se. À forma Drag. **37** acentuou o perfil das paredes mais boleadas, ausentando-se a carena. A decoração do friso superior remata com linhas de ovas e admite novos motivos decorativos.

A fase tardia chega até ao ano de 150 d. C., altura em que os novos ceramistas provocaram a total decadência, reduzindo a produção a uma propagação regional. Atribuem-se a este momento final as oficinas de Lezoux. As peças apresentam-se com formas compactas, com a decoração não muito delicada, sendo as pastas mais frágeis.

As formas lisas, mais abundantes, podem agrupar-se em duas categorias: imitação das *sigillatae italicae*, desde o seu início até aos anos 5 a 15 d. C., nos serviços de Haltern I e II, e as dependentes da forma Dragendorff **16, 46, 15/17, 24/25 e 27**, incluindo Ritterling **1 e 5**, sem nos dar já, ao pormenor, as suas proximidades distintas.

Da época Flávia, Dragendorff determina-as como formas **35, 36, 42 e 46**; Hermet atribui-lhes a forma **29** e Curle a **15**. Fazendo parte dos seis serviços referidos, comportam algumas das peças com decoração de *barbotina* no bordo, e atingiram cronologicamente a segunda metade do século I.

Relacionando La Graufesenque em competitividade com a produção de outra oficina, a de Montans (Tarn), verifica-se que o trabalho desta oficina se enquadra entre os anos 10 a 260 d. C. (Beltrán 1990, 90).

A pasta caracteriza-se, de forma generalizada, por ser clara, de cor bege e rosada, com tons alaranjados, e o verniz vermelho alaranjado escuro com tendência para o *marron*.

Difundiou-se por todo o território da via Aquitânia, para o NW hispânico e para a Grã-Bretanha. O seu apogeu atingiu todo o período de Tibério (14 – 37 d.C.), em que se reproduziram cópias *italicae*, além das formas anteriormente referidas Drag. **29**, incluindo pratos e taças, sem que os produtores dos centros aplicassem nas peças as suas marcas.

No final deste período, considerada a época de fulgor comercial, que se prolongou até Cláudio e Nero (54 – 68 d.C.), foram elaboradas formas simples e acessíveis, como as Dragendorff **15/17, 18, 18/31, 24/25 e 27**, que se vulgarizaram, não se produzindo os serviços derivados de Haltern.

Após a época de Nero, os serviços flavianos sujeitam-se à mesma decadência de Graufesenque, somente permanecendo a propagação da cerâmica decorada. No tempo de Domiciano (81- 96) proporcionou-se uma produção em grande quantidade; mantiveram-se as Drag **37** decoradas até finais do século I e inícios do século II, começando o declínio da qualidade de fabrico dos ceramistas, diversificando a produção.

Atribui-se ao grupo de Montans a oficina de Crambadé, de escassa actividade, com base no fabrico de protótipos de origem itálica, cujas formas eram irregulares, fomentando-se a deslocação de alguns ceramistas para Montans.

Das oficinas da região central da Gália, anteriormente referidas, das quais a mais relevante foi a de Lezoux, a sua actividade produtiva corresponde principalmente ao período dos séculos I e II. Caracterizam-se pela cor das pastas, desde amarelada ao rosado salmão, com o verniz laranja sem brilho, e abrangem a época de Tibério até ao princípio do século II, sendo, então, a pasta amarelada e o verniz brilhante.

No final do século III, dá-se uma transformação, em que as pastas avermelhadas ou salmonadas e o verniz muito brilhante se degradam e; no século IV, o verniz toma, aspecto mate e a pasta é alaranjada.

O período do imperador Trajano (98-117d.C.) conheceu uma apreciável transformação de enriquecimento estilístico, que mereceu aos ceramistas a atribuição da alcunha de “Minuciosos”, pela qualidade variadíssima dos motivos decorativos, como animais e figuras humanas, que contrastaram com as execuções finais dos oleiros do sul da Gália. Destacaram-se nomes famosos, como *Cobnertus*, na aplicação de métopas, e as criações de *Libertus*, cujas produções representaram 18% do fabrico de Lezoux.

As standardizações incrementam-se a partir de 120 d. C., com peças de grandes dimensões de moldagem. Apresentam diversas modalidades de decoração de métopas, arcarias e figuras de estilo livre, destacando-se as formas classificadas de Dragendorff **30** e **37** e Déchelette **68**, decoradas; entre estas formas surgem algumas lisas.

Como ceramistas mais destacados figuram: *Cinnamus*, *Paternus*, *Aduocisus*, *Attianus* e *Sernus*.

Apresentamos, sintetizada, a evolução da *sigillata galica*, cujas produções se dirigiram pela costa marítima, a partir do porto de Narbona, para a Península Ibérica, atingindo a costa Atlântica. Temos conhecimento da sua existência em *Conimbriga* entre os anos 30 a 80 d.C., com maior afluxo no período de Cláudio, demonstrado pelas marcas de *L. Crestus* das oficinas de Montans.

Os dados obtidos das escavações luso-francesas, iniciadas no ano de 1964 e terminadas em 1971 (Adília 1975, p.VIII) não diferem muito em relação ao espólio das campanhas dos anos 1963 a 1972, dirigidas por J. Alarcão, reconhecendo-se a importância da representatividade das oficinas de La Graufesenque, atendendo aos diferentes tipos de fabrico.

As *sigillatae sudgalicae* mantêm a abundância das formas Dragendorff **15/17**, as **24/25** e as **27**. Mas é de realçar o interesse em se observar o pormenor dos ressaltos e a altura do pé, fazendo diferenciá-las entre si pelo requinte e elegância.

Os vasos lisos e pratos são, em número, mais frequentes, demonstrando a técnica dos diferentes ceramistas, na pasta e no verniz, com as marcas de oleiro atribuídas a La Graufesenque, que ilustram os produtos raros, que se supõe serem do período de Tibério e de Cláudio, altura em que são mais abundantes (fig. 25).

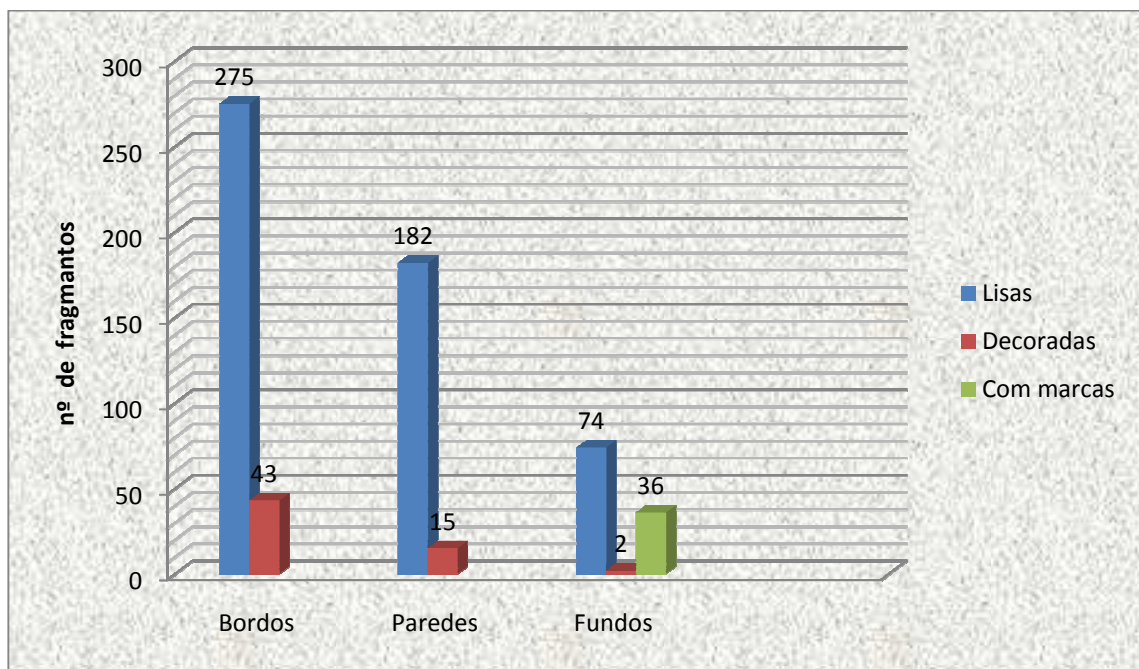


Fig. 25- Gráfico quantitativo da *sigillata sudgalica*

As peças decoradas são, geralmente, de maiores dimensões do que as similares decoradas, possuindo estas verniz aderente, cor vermelho escuro e brilhante.

Distinguem-se com precisão os diferentes tipos de fabrico, como a forma Dragendorff **29**, em que o motivo decorativo se concentra em elementos geométricos e fitomórficos, por vezes figuras zoomórficas e antropomórficas (fig.26).

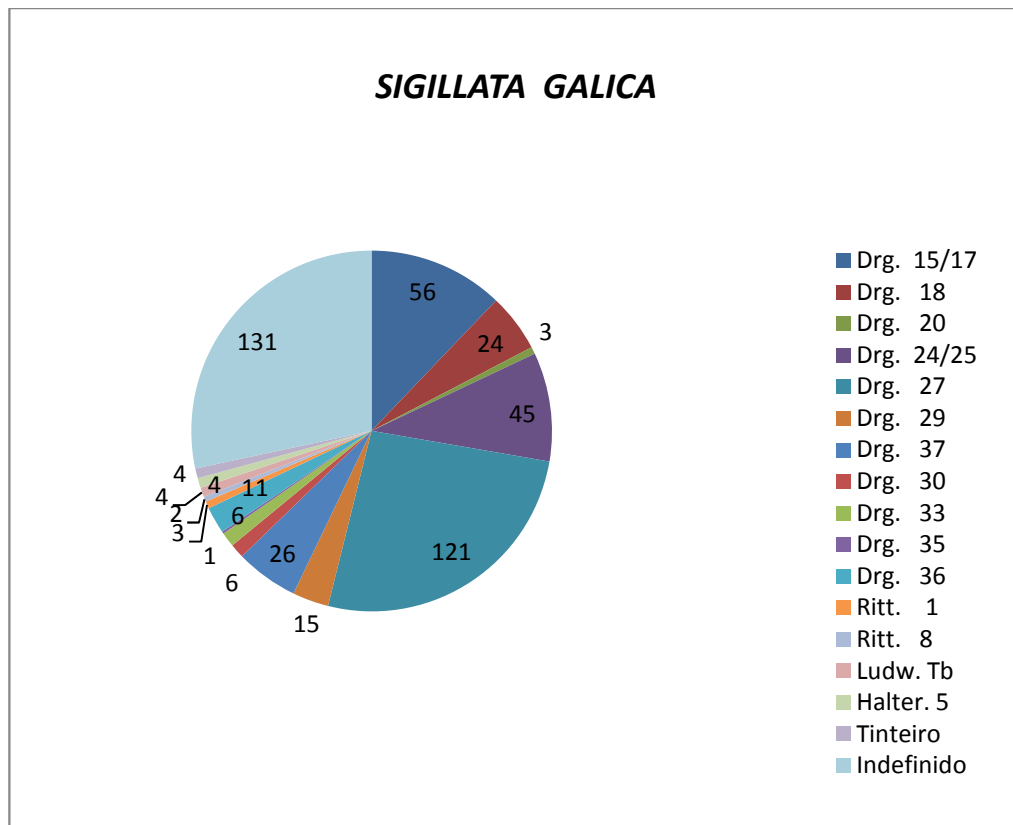


Fig. 26 - Quantitativo de fragmentos das formas de *sigillata galica*

A *sigillata* lisa, primitivamente utilizada pelo cidadão comum e pelos soldados, era baseada em três formas principais: tigelas, pratos (*catini*) e pequenos pratos (*catilli*), em enorme quantidade e variedade. Introduzida no norte da Europa por via marítima e fluvial, foi usada, também, pelos tripulantes das embarcações que a transportavam.

O famoso ceramista *P. Cornelius* foi considerado o pioneiro na exportação das *sigillatae* aretinas para a Grã-Bretanha, Gália, Alemanha, foz do Reno e Hispânia. A sua comercialização documenta-se cronologicamente desde o início de 16 a.C., como nos confirma o campo de Haltern.

Os mercados da Gália e das margens do alto e médio Reno estavam monopolizados pela produção do prestigiado *Ateius*, que tinha as primeiras fábricas a sul, em Montans e Lyon.

A oficina de *Ateius*, em *Arretium* (Arezzo), era uma das maiores empresas de olaria. Para ele estavam a trabalhar 23 escravos especializados, confirmados pela Epigrafia. Presumivelmente, seriam mais tarde “libertos”, depois de concedida a carta de alforria, e, ocasionalmente, formariam uma espécie de associação de que constavam as marcas de *Zoilus, Zoe, Xanthai, Prisci, Ras, Hilarius*.

Na *sigillata galica* é habitual estar mencionado o oleiro *Sempronius* (*Of. Semproni*). O desaparecimento de selos começa a constatar-se a partir de meados do século I d.C., devendo-se a um processo económico de evidente interesse, e com abaixamento do preço das peças.

Nas *sigillatae* de *Conimbriga* detecta-se a existência de marcas de oleiros, cujas oficinas se localizavam em Arezzo, com os selos de *Ateius, Cn. Ateius, Cn. Ateius Crestus, P. Cornelius, Auctus P. Corneli, Firmus P. Corneli C. Memmius, Murrus L. S (aufeius G.(ausa), Vimbricius*. Originário das oficinas de Puteoli são os oleiros: *Iuli (us), Agat(hemerus Naeui), C. Tap(urius)*; da Itália Central - Roma viriam as peças marcadas por *Sex. Avilius, C. Curtius e Chrestus*.

Para o estudo das *sigillatae galicae*. num total de 462 fragmentos, foi seguida a mesma metodologia que utilizamos para as *sigillatae italicae*.

Detectaram-se, no universo estudado, três perfis completos das formas Dragendorff **18** e **24/25**, dois fragmentos apresentando grafitos e quatro fundos com marcas de oleiro.

Na análise da generalidade dos fragmentos, não se especificam como sendo de *sudgalicae*, mas simplesmente *galicae*, uma vez que a localização das oficinas de fabrico poderá situar-se quer a Sul quer a Norte, ou a Este da Gália.

A ficha n.º **33** representa um fragmento de fundo (diâm. 90mm) com o pé alto de secção triangular. De pasta consistente, heterogénea, com poucos vacúolos e densa, atribuiu-se-lhe a forma Dragendorff **15/17**. Na face exterior tem um grafito com nexo **V̄AL**, nas letras **V**, **A** e **L**.



A existência da marca do oleiro, com o cartucho incompleto **C: O I [...]**, (Ref. descontextualizada. Gav. n.º 521, saco n.º 53), leva-nos a atribuir esse exemplar a *P. Cornelius* de Arezzo, que possui várias formas de selos, Oxé-Comfort 1968, 153 ou 154, n.º 467 (Ver descrição na ficha n.º 72).

Dois fragmentos de bordo (diâm. 200mm), de dimensão média, fazem parte da mesma peça com a forma Dragendorff **29C**, tendo um deles um orifício, indicador de rejeição do fabrico, por se considerar recusado para comercialização.

É representado na ficha **n.º41**; os motivos decorativos constam de *guilhoché* e grinalda vegetal. Vaso muito elegante e requintado, é de elaboração *sigillata sudgalica* do centro produtivo de La Graufesenque.

A fase de esplendor, dos anos de Cláudio, usa decoração de motivos florais, com a imitação dos vasos itálicos de época anterior, morfologicamente típica.

As fichas n.ºs **44, 45 e 53** referem-se a fragmentos de paredes decoradas das formas Dragendorff **29/37 e 29**. Têm perfil carenado com dois frisos; o verniz é escuro, brilhante e bem aderente. A pasta é de cor vermelha escura, sem vacúolos e com alguns desengordurantes. O estilo germânico, a que pertencem, inicia-se no ano 65 d. C., com a representação decorativa de ramos bifoliados e animais em dois frisos.

Nas fichas **n.ºs 30, 31 e 29**, de formas Haltern **3b** e Dragendorff **16**, pertencentes aos serviços de Haltern I e II, observam-se pratos de *sigillata galica* lisa, com pasta muito resistente, homogénea, cor acastanhada, sem vacúolos, pequeníssimos desengordurantes, de fractura muito rectilínea. O verniz é vermelho escuro ou acastanhado, raramente mate e brilhante, mas muito aderente.

Dois fragmentos de bordos (diâm. 70 e 80mm) de pequenas taças, com a ficha n.º **23**, da forma Conspectus **33.4 de sigillata italica**, são decorados a *guilhoché* e a pontilhado. A ficha **n.º 25** da forma Dragendorff **24/25**, de *sigillata sudgalica*, é decorada em *guilhoché* de linhas oblíquas, intercaladas e finas.

São duas peças de extrema beleza, elegância e finura, na qualidade e acabamento.

5.3. *Sigillata Hispanica*

A *sigillata hispanica* acompanhou a expansão popular da *sigillata galica* e *italica*, que se fomentou na Península Ibérica a partir do século I, cuja criatividade influenciou os ceramistas numa produção similar das oficinas e centros produtores, quer no Alto-Império quer no Baixo-Império, e nas *sigillatae* tardias.

Contudo a introdução no mercado da *sigillata hispanica* atribuída a *Tritium Magallum* (fig.27), a partir dos flávios, foi considerada fora da competência dos “*negiatores*”, em virtude de estes condicionarem e controlarem a comercialização em Andújar.



Fig. 27 – Centros hispánicos de Tricio e Bronchales (Beltrán 1990,122)

Com algumas medidas restritivas, fora iniciada a fabricação da cerâmica vermelha em Arezzo, quando os Romanos conquistaram totalmente a Espanha, coincidindo com a data das Guerras Cântabras, na fase final da conquista (segundo Mezquiriz).

Admite-se a influência do liberto do norte de Itália, *L. Terentius*, fixado em Herrera de Pisuerga como oleiro oficial militar, fornecedor da *Legião III Macedónica* no período de Augusto e Tibério, para abastecer as tropas; apresenta-se com as formas de taças Goudineau **27**, vasos Goudineau **18**, e pratos Goudineau **15** e **17**, no I decénio a. D. A pasta, de cor amarelo-torrado, oscilando entre o cinza claro e o pardo, tem o verniz idêntico; as características técnicas reproduzem as precoces criações das gálicas e das itálicas em Bram, restringindo a cozedura a temperaturas mais baixas.

Salienta-se o já mencionado *Cinnamus*, destacado ceramista criador das taças de tipo itálico, que mostra querer compartilhar com *Terentius* entre os produtores hispânicos, aliando-se também a *Asiaticus* em Montans.

Relevantes são as primeiras produções hispânicas a cargo de oleiros itálicos, como *Vullo*, *Maternus*, *M.C.R.*, *Quartio*, *Cudas*, *Tipus Oppius*, na primeira fase, “*precoce*”, do período Tibério-Cláudio, de carácter gálico, com expansão no norte interior da Península. Outro grupo rivalizou com estas cerâmicas, em Cuesta – Palencia, com as marcas de *Piper*, *Fastus*, *Nomus* e *Epacus*, precedentes de Graufesenque e de Montans.

Contudo, como Oxé-Comfort 1968 refere, mais oleiros como *C. Valerius*, *Tertius*, *L. Refrius*, *A. Coelius*, localizados em Numancia, Saldaña, Roa, etc., poderiam produzir, na Península, pequenas formas Drag.**29**.

Tritium Magallum é estimado como um dos mais importantes centros produtores da *sigillata hispanica*, abrangendo a área ocidental do Norte desde Lugo à nascente e vale do rio Ebro, onde sete localidades unificam a produção e a difusão de grupo cerâmico em Nájera, Tricio, Arenzana de Arriba e de Abajo, Manjarres, Sotés e Bezarres (La Rioja), alcançando a maior extensão em sucursais, praticamente, em toda a península Hispânica.

Identificam-se cinquenta produtores, cujos “*duo*” e “*tria nomina*” se conhecem, que fabricaram Ritterling **8, 12**, decoradas e lisas; Dragendorff **15/17, 18, 24/25, 27, 35, 36** e as Dragendorff **29, 30 e 37** decoradas, acrescentando-lhes as Mezquiriz **4 e 10**.

Sobre se, de facto, estas oficinas se concentravam no período de Cláudio (segundo Mayet), os investigadores encontravam-se em desacordo, baseados na falta de indicação de níveis estratigráficos. O mesmo não ocorreu com os dados provenientes de Pamplona e de Celsa, que levaram a ponderar que a datação seria da primeira parte do reinado de Nero.

A pasta da *sigillata hispanica*, de boa qualidade para a época, apresenta-se como mais frágil de que a da *sigillata galica*, com a cor alaranjada, existência de vacúolos, desgordurantes graníticos amarelados e verniz de cor vermelha claro, quase alaranjado, por vezes bastante degenerada, chegando a ter apenas somente a aplicação de um ligeiro engobe nas formas elaboradas do século IV. A sua fractura não é recta e vítrea como a gálica, sendo, pelo contrário, de superfície granulada e áspera.

Estas características são perfeitamente reconhecíveis, em contraste com as produções *italicae* e *galicae*, a não ser quando se trata de produtos tardios, fabricados na Itália ou na Gália; a confusão será possível, caso não se tenha grande prática de classificação.

No centro produtivo de Bronchales, a sua elaboração destacou-se pelas formas Dragendorff **37 e 30**, no período de transição, como o demonstra a existência de moldes e de pequenos fragmentos de Drag. **29/37**, cujos motivos decorativos e composição dos vasos, de extraordinária finura, em estilo de métopas e cenas frequentes de produção tipicamente hispânica, representações humanas de excelente beleza, recordam os relevos da época de Augusto.

Segundo Mezquiriz 1961, detecta-se a ausência de moldes da forma Drag.²⁹, cuja cronologia abrange a data posterior à de Trício, no último quarto do século I d. C., encerrando na primeira metade do século II d. C.

Bronchales patenteou oficinas em Mallén, *Arcobriga*, Sagunto, Valencia, Javea e Elche, mas revelou-se um fabrico, não em grande escala mas em qualidade, com sentido estético de alto preço (fig. 27).

As pastas destas produções dividiram-se em dois grupos: um deles, que se fractura facilmente, com argila de cor vermelha fina, muito dura e de fractura rectilínea, com verniz vermelho laranja, brilhante e intenso; o outro, de pastas cor de laranja, manchadas ao tacto e com verniz mate, que se dissipa facilmente.

Demos relevo à *sigillata hispanica*, da oficina de Andújar, localizada próximo do planalto do rio Guadalquivir, expandindo-se para o norte de África, como Volubilis, Banasa, Sala, Lixus, abastecedora do território de todo o Vale de Betis e da Mauritana Tingitana, comprovado por achados recentes em Ceuta. Foi distribuidora, através da incumbência dos *negotiatores*, com a colaboração preponderante de *Emerita Augusta*. Estendeu-se pela Bética e dirigiu-se para o sul da Lusitânia; todavia.

Alguns autores (Mayet, Mercedes Roca e Sottomayor), indicam-nos uma cronologia encetada no período de Tibério e na de Cláudio, finalizando em meados do século II d. C., ou um pouco mais tarde, pela influência relevante da *sigillata* africana.

É manifesta, na sua caracterização tipológica, a interferência gálica do Centro e do Este, numa série de motivos figurativos circunscritos de formas vegetais, por duplas zonas métopadas enquadradas por linhas onduladas separadoras, motivos de decoração em pontas de flecha, ramos bifoliados, pérolas, diversos círculos (segmentados, dentados, ondulados), grinaldas, festões e arcarias. Dela se conhecem, aproximadamente, trinta marcas de oleiros, identificados repetidamente por siglas de *tria nomina*.

A pasta apresenta-se argilosa, mal cozida, frágil, de cor parda avermelhada, nunca vítrea, com os desgordurantes calcários amarelados com grandes vacúolos. O verniz, de cor vermelho *marron*, é espesso e mate.

É preponderante o fabrico das formas Drag. **29** e **37**, decoradas com um único friso de motivos vegetais e geométricos. Contudo, à chamada forma decorada “hemisférica”, atribuída à época mais antiga, claudiana, anterior à forma **37** e contemporânea da **29**, podendo acrescentar-se as formas lisas **15/17**, **24/25** e **27**, muito abundantes, as **35/36** e **44**, as escassas Hermet **13**, e as da Mezquiriz **Hisp. 1** e **2**.

Sottomayor argumenta que, segundo os achados em Andújar, se detectaram determinadas referências a cerâmicas tardo-itálicas de Banassac- Montans, com inscrições de oleiros incisas directamente sobre os moldes, intercaladas nas decorações, identificadas com a marca de *M. Satri Montani*.

Merecem ser citadas outras oficinas mais pequenas, como Abella/Solsona e Granada, que documentam um comércio muito local.

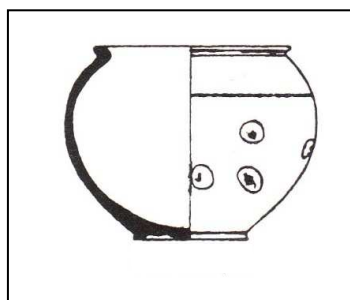


Fig.28 – Vaso Mezq. **2** (Mezquiriz 1961,176)

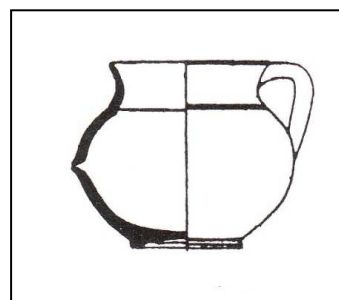


Fig.29 - Jarro Mezq. **3** (Mezquiriz 1961,261)

No contexto das decoradas Drag. **29**, observa-se grande originalidade nos motivos decorativos das formas Dragendorff **37**; assim como as renovações hispânicas classificadas por Meziriz **1, 20, 40, 41, 49 e 81**, com esquema referido anteriormente.

No estudo das *sigillatae hispanicae*, não se pode deixar de se referir a *sigillata* hispânica tardia, que abrange uma etapa de transição, compreendida desde os finais do século II, com significativo incremento no século III, em que se observa um decréscimo de produção em virtude da diminuição dos oleiros, que mantinham a tradição, denunciando diferença por deterioração da qualidade.

Relativamente ao século IV, de que se não conhecem provas estratigráficas, o fabrico apresenta-se com características notórias de nova decoração na forma Drag. **37**, com estampagem nos bordos interior e exterior, de motivos geométricos simétricos, abundantes círculos concêntricos, tangentes, incompletos.

Este tipo de cerâmica deixou de ser fabricado numa data desconhecida, no primeiro quarto do século VI d.C.

Na generalidade, apresenta-se de verniz muito poroso e ligeiro, quase inexistente, com pasta calcária, a cozedura de temperatura relativamente baixa, a cor amarelo alaranjado. Os mercados circunscrevem-se, em especial, às bacias dos rios Douro e Ebro.

Segundo Mayet (1984, 247), há uma difusão de processo de fabrico de influência mediterrânica, que, presentemente, se designa como *sigillata* clara e tardia, existindo, nesses exemplares, algumas peças de boa qualidade de fabrico, com motivos decorativos diferenciados e estilizados.

A pasta varia do bege rosado ao castanho claro, e ao vermelho alaranjado. O alaranjado vivo, acentua-se nas *sigillatae tardias*, de consistência mais dura.

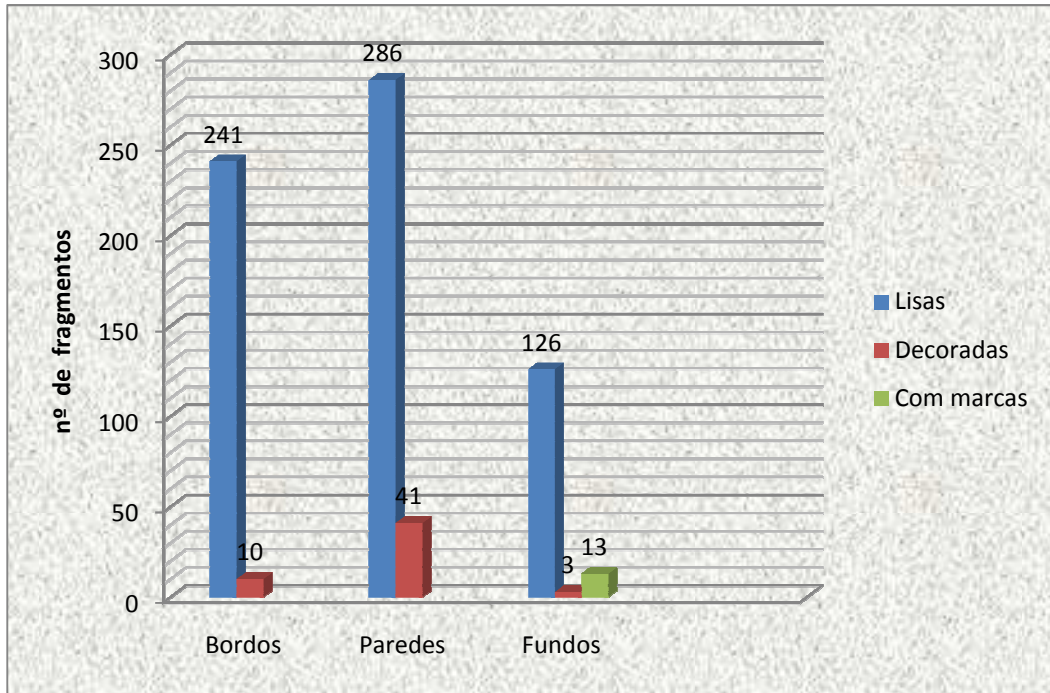


Fig. 30 – Gráfico quantitativo das *sigillata hispanica*

A percentagem das peças lisas em relação às decoradas é muito maior, quer nos bordos, paredes ou fundos, o mesmo acontecendo com os fundos com marca de oleiro, em que os lisos são em maior quantidade do que os decorados.

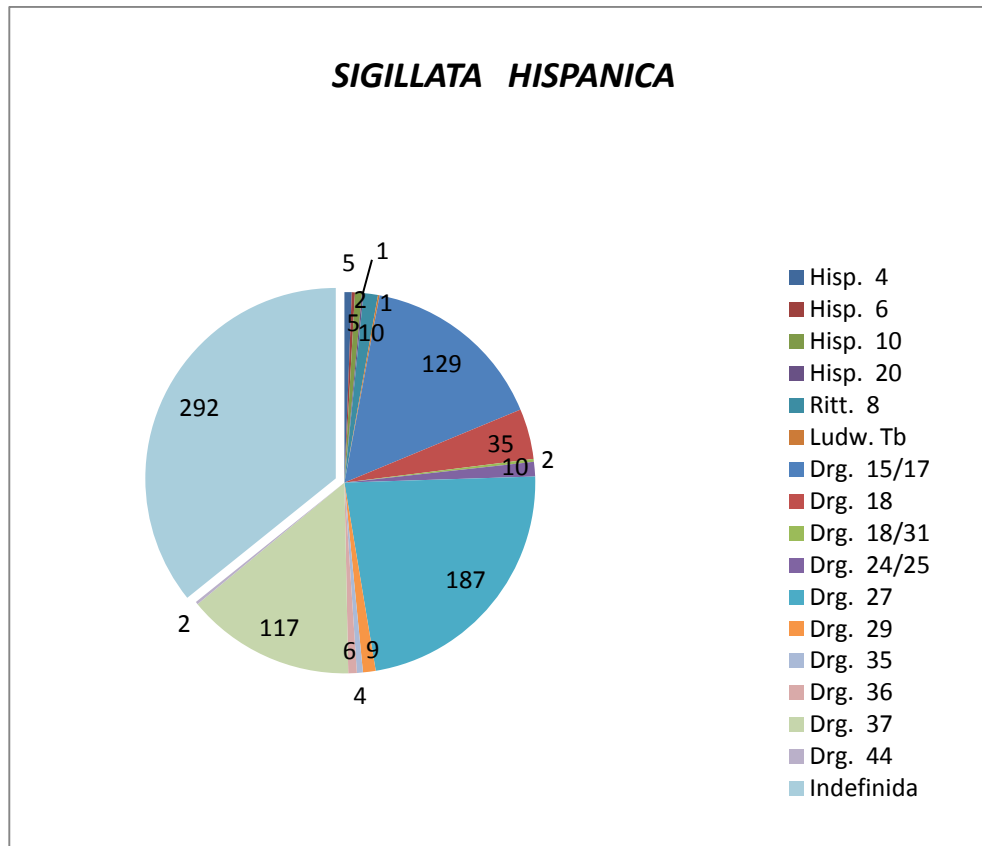


Fig. 31 – Frequência das formas de *sigillata hispanica*

Conforme referido, *L. Terent(ius) L(egionis) IIII Mac(edonicae)*, suposto primeiro oleiro na Península Ibérica, “liberto” de origem norte-italico, era abastecedor de louça das tropas, na área limitada de Herrera de Pisuerga.

Depreende-se ser o introdutor das *sigillatae* no mercado regional da Península Ibérica, no período de Augusto e Tibério, juntamente com outros produtores como *Cinnamus*, aplicados ao fabrico de taças itálicas, a que se junta *Asiaticus*, que transpôs os seus conhecimentos da produção galica, influenciando a primeira fase das produções hispânicas.

As *sigillatae hispanicae* são cerâmicas que imitam as *sigillatae galicae* de La Graufesenque e Montans, baseando-se nas mais antigas peças, expandindo-se no interior Norte peninsular através dos oleiros itálicos *Piper*, *Fastus*, *Nomus* e *Epacus*, que continuaram a produção e difusão das pequenas formas Dragendorff **29**.

Os centros de produção de *Tritium Magallum* abrangiam as oficinas localizadas em Nájera, Trício, Arenzana de Arriba e de Abajo, Manjarres, e Bezares, e incluíam um total de cinquenta produtores, que se expandiram por toda a Hispânia. As formas lisas classificadas como Ritterling **8** e **12**, Dragendorff **15/17**, **18**, **24/25**, **27**, **35** e a **36**, e as decoradas Dragendorff **29**, **30** e **37**, caracterizam-se pela pasta de boa qualidade, de cor alaranjada, com vacúolos e desengordurantes de granitos amarelados, e verniz de tom vermelho alaranjado e de camada granulosa.

Detectaram-se cinco fragmentos com perfil completo, quatro com grafitos, e nove fundos com marcas completas ou vestígios, conseguindo-se nalguns deles a identificação do oleiro.

A ficha n.º **34** regista um prato de grande dimensão, em vários fragmentos, com marca de oleiro em cartucho profundo, de cantos esquadriados (23x6mm), letras bem desenhadas, separadas por duas séries de três pontos dispostos em alinhamento vertical, sendo as últimas letras de difícil identificação. Colocar-se-á a hipótese do oleiro ser, CI(nus) AE(mitius) F(ecerus) da produção das oficinas de *Tritium Magallum* em Andújar

(Mayet, I.Texte, p. 128) e (Mezquíriz, *Tricio*, p. 240: C.I.A.E.F.).



O fundo (diâm. 75mm) da forma Dragendorff **15/17**, representado na ficha **n.º 71**, mostra o vestígio das siglas [...] **R MA**, com nexos nas letras **M** e **A**. Trata-se do *sigillum* completo de (EX ° OF ° MA), referente à marca do oleiro *Maternus*, prestigiado em toda a Península, segundo Françoise Mayet 1975, planche CCXIV, n.º. 348.



A ficha **n.º 72** mostra o perfil completo de vaso com a forma Dragendorff **15/17**; apresenta a marca do oleiro *P. Cornelius*, já anteriormente referida, completa, de letras bem desenhadas e finas, (OFICORN).

O grafito a seguir documentado interpretado por *VALLI*, encontra-se na face exterior, junto ao pé, bem elaborado, elegante, com caneluras facetadas. O fundo, em que está inserido (diâm. 70mm), é de um vaso Dragendorff **27**. Representado na ficha **n.º 40**.



Na ficha **n.º 63**, mostra-se o fundo (diâm. 60mm) de um vaso, provavelmente da forma Dragendorff **27**, com o pé muito alto, de secção octogonal. Com marca de oleiro, circunscrita por canelura, tem 40mm de diâmetro. O cartucho (23x5mm), de cantos redondos, está completo, e tem letras finas bem legíveis (**OFVAPA**); identifica a oficina do oleiro *Valerius Paternus: Of(ficina) Va(lerii) Pa(terni)*.

Consideram-se do mesmo ceramista estes três fragmentos das fichas n.º 63, 59, 60 e 61 por terem o mesmo selo de oleiro. No primeiro fragmento a última letra que seria um **A** é ilegível. Nele rente ao pé, de secção triangular, há um grafito com a letra **H**.



A ficha n.º 64 regista a marca completa no fundo (diâm. 50mm) do pé, de secção triangular, de um vaso da forma Dragendorff 27. O cartucho (18x3mm) é rectangular, profundo, com letras bem legíveis e espaçadas, (**TREB IP**).

As letras **T R** encontram-se ligadas por nexu **TR**, assim como a haste do **I** faz nexu com o **P**, devendo tratar-se da assinatura do oleiro *Trebius Tritiensis*, do centro produtor de *Tritium Magallum* em Bezares, (Françoise Mayet planche CCXIX pág. 181).

Uma peça invulgar da forma **Dragendorff 22** está esquematizada na ficha n.º 81. No fundo (diâm. 60mm), tem marca de oleiro em cartucho profundo com (32x6mm), ligeiramente fracturado.

Detecta-se a falha de letra no início [O]; as existentes são bem legíveis, ligadas por nexu nas letras, **A, R** e no **S**. O nome está atribuído ao ceramista *Valerius Paternus* (**F VALRSPAT**).



Na ficha n.º 80, no bordo (diâm.140mm), de parede côncava, encontra-se um grafito invertido, com as letras A, V, T e em nexo que certamente refere o nome de *AVITUS*, do nome do seu proprietário ou, se for de oleiro, segundo A.Oxé 1968, 484, n.º 2073 poderá pertencer à *Avctvs L. Titi* ou a *Avctvs Tyranni* (p.501, n.º 2197).



Alguns fragmentos de fundos de diversas peças com marcas de oleiros ou vestígios de siglas proporcionaram a identificação dos seus produtores, nos três tipos de *sigillata italica, galica e hispanica*.

A presença em *Conimbriga* destes tipos de cerâmica confirma-nos a sua importação; a *hispanica* chegaria por via terrestre e seria comercializada por intermediários.

Ao mesmo tempo que documentam os mais importantes e famosos centros de produção e respectivas sucursais, dispersas geograficamente, denotam, pela beleza e requinte, a existência em *Conimbriga* de um número significativo de habitantes que usufruíam de elevado estatuto social.

Oleiros referenciados existentes no Museu Monográfico de Conimbriga

Tipos das <i>Sigillatae</i>	Marca do Oleiro	Localização	Bibliografia
<i>Sigillata Italica</i>	<i>Agathemerus (Naevi)</i>	Puteoli	Comfort-Oxé, 1968, p 284
" "	<i>Acastus</i>	Ornavasso	" " n.º 15, p.3
" "	<i>Annus</i>	Arezzo	" " n.º 77, p.15/6
" "	<i>(Sex)Afri(us)</i>	Arezzo	" " n.º 87, p.26-31
" "	<i>(Sex)Avillius Manius</i>	Roma	" " n.º 287, p. 110
" "	<i>Castus</i>	Valle Po	" " n.º 405, p.135
" "	<i>C. Curtius</i>	Roma	" " n.º 570, p.177
" "	<i>C. Me</i>	Roma	" " n.º 981, p. 256
" "	<i>C N Ateius</i>	Eros-Arezzo	" " n.º 144, p.42
" "	<i>C N Ateius Crestus</i>	Arezzo	" " n.º 155, p.64
" "	<i>C. Memmius</i>	Arezzo	" " n.º 984, p.258
" "	<i>Iuli(us)</i>	Puteoli	" " n.º 838, p.230
" "	<i>Murrius L.</i>	Arezzo	" " n.º 1040, p. 269
" "	<i>Auctus P. Corneli</i>	Arezzo	" " n.º 488, p. 156
" "	<i>Firmus P. Corneli</i>	Arezzo	" " n.º 502, p. 163
" "	<i>P. Cornelius</i>	Arezzo	" " n.º 479, p. 156
" "	<i>Primus</i>	Valle Po	" " n.º 1390, p.345
" "	<i>Rasinius</i>	Arezzo	" " n.º 1485, p. 360
" "	<i>Tertius</i>	Puteoli	" " n.º 1945, p. 449
<i>Sigillata Sudgalica</i>	<i>Abitus</i>	Graufesenque	Oswald-Price, 1983, p. 49
" "	<i>Albinus</i>	"	" " p. 78/94
" "	<i>Albus</i>	"	" " p. 78
" "	<i>Amandus</i>	"	" " p. 49/78
" "	<i>Aper</i>	"	" " p. 55
" "	<i>Aquitanus</i>	"	" " p. 49/78
" "	<i>Ardacus</i>	"	" " p. 176
" "	<i>Bassus</i>	"	" " p. 52/78
" "	<i>Bilicatus</i>	"	" " p. 50/78
" "	<i>Calvus</i>	"	" " p.52/78
" "	<i>Cantus</i>	"	" " p. 78
" "	<i>Crispus</i>	"	" " p. 55
" "	<i>Felix</i>	"	" " p. 52/80
" "	<i>Firmus</i>	"	" " p. 63/114
" "	<i>Frontinus</i>	"	" " p. 58/81
" "	<i>lucundus</i>	"	" " p. 53/81
" "	<i>lustus</i>	"	" " p. 82

<i>Sigillata Sudgalica</i>	<i>Licinius</i>	Graufesenque	" " p. 51/82
" "	<i>Lupus</i>	"	" " p.117
" "	<i>Maccarus</i>	"	" " p. 51/82
" "	<i>Modestus</i>	"	" " p. 53
" "	<i>Mommo</i>	"	" " p. 53/83
" "	<i>Patricius</i>	"	" " p. 56/84
" "	<i>Primus</i>	"	" " p. 54/84
" "	<i>Rusticus</i>	"	" " p. 85
" "	<i>Sabinus</i>	"	" " p. 59/85
" "	<i>Secundus</i>	"	" " p. 59/85
" "	<i>Senicio</i>	"	" " p. 51/85
" "	<i>Tertius</i>	"	" " p. 59
" "	<i>Vitalis</i>	"	" " p. 55/86
<i>Sigillata Hispanica</i>	<i>L. Annius</i>	<i>Tricio</i>	Mayet, F.1984, p. 119
" "	<i>Attius Britto</i>	"	" " "p. 120
" "	<i>Brito</i>	"	" " "p. 122
" "	<i>Canius</i>	"	" " "p. 127
" "	<i>Cantaber</i>	"	" " "p. 127
" "	<i>Cornelius</i>	"	" " "p. 130
" "	<i>Firmus</i>	"	" " "p. 133
" "	<i>Firmus Tritiensis</i>	"	" " "p. 133
" "	<i>Flaccus Tritiensis</i>	"	" " "p. 134
" "	<i>Frontonius Paternus</i>	"	" " "p. 136
" "	<i>Gaius</i>	"	" " "p. 137
" "	<i>Iu(nius) Iu (lius)</i>	<i>Tricio e Bezares</i>	" " "p. 140
" "	<i>Lapillus</i>	<i>Tricio</i>	" " "p. 141
" "	<i>Luber</i>	"	" " "p. 145
" "	<i>Lucius Sempronius</i>	"	" " "p. 147
" "	<i>Manlius</i>	"	" " "p. 149
" "	<i>Miccio</i>	"	" " "p. 152
" "	<i>Novius T ()</i>	"	" " "p. 157
" "	<i>Paternus</i>	"	" " "p. 160
" "	<i>Paternus Ale ()</i>	"	" " "p. 161
" "	<i>Pet(ronius) Eros</i>	"	" " "p. 163
" "	<i>Saturninus</i>	"	" " "p. 168
" "	<i>Sempronius</i>	"	" " "p. 171
" "	<i>Valerius</i>	"	" " "p. 181
" "	<i>Valerius Paternus</i>	"	" " p. 181 - 185

Fig. 32 - Tabela dos três tipos de *sigillata* com marcas dos oleiros principais.

Conclusão

O gráfico indicador quantitativo (fig. 33), referente à existência das *sigillatae* estudadas no Museu Monográfico de *Conimbriga*, comprova que na totalidade de 1.503 fragmentos, 17% são *sigillatae italicae*, 39% *sigillatae galicae*, sendo as de maior quantidade, com a percentagem de 47%, as *sigillatae hispanicae*.

As percentagens não se podem quantificar rigorosamente, devido à inexistência de uma base de dados a completar a inventariação das reservas museológicas.

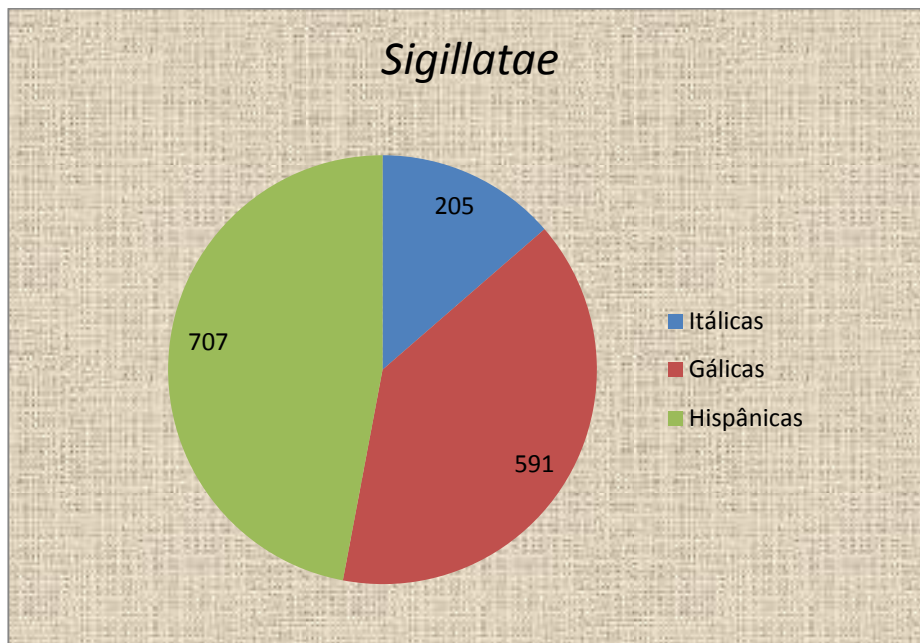


Fig. 33 – Gráfico quantitativo das *sigillatae* estudadas

Encontram-se, na reserva do Museu, quatro gavetas numeradas 519, 520, 521 e 522, entre outras, sendo essas as que comportam as *sigillatae* referentes a este estudo.

A gaveta n.º **519** contém vinte e seis sacos com fragmentos diversificados de bordos, paredes e fundos. No saco n.º 1 detecta-se facilmente que são *sigillatae italicae*.

Tem uma variedade de fragmentos de peças com formas lisas e decoradas, que permitem, em alguns exemplares, a sua classificação morfológica. Alguns deles têm dimensões muito reduzidas, como os exemplos das taças desenhadas nas fichas n.º 23 e 17, consideradas miniaturas, estando a última valorizada com a marca do oleiro.

De excelente qualidade, estes fragmentos apresentam o verniz muito aderente, macio ao tacto, brilhante, raramente mate; as cores variam entre o castanho e o vermelho vivo. Na totalidade destes fragmentos, apenas em três ou quatro casos o verniz se encontra na face exterior desgastado, provavelmente pelo excesso de uso da peça. A pasta, na generalidade bem elaborada, é uniforme com raríssimos vacúolos e desengordurantes, só observáveis a lupa por serem finos pigmentos como pó negro; têm fractura laminada e fina. As cores variam entre o vermelho acastanhado, o granã com manchas, e também contrasta com o bege escuro ou o bege claro. O motivo decorativo é exuberante na variedade do *guilhoché*, desenho fino, linhas entrelaçadas, formando dois ou três frisos e por vezes arrematados por minúsculos losangos.

Devido à sua alta qualidade, os fragmentos, ao serem percutidos, suscitam um ruído como se fossem peças de porcelana.

O saco n.º 2 contém fragmentos de vinte e nove fundos, incompletos, mas cujas paredes nos indicam que são de vasos e pratos de formas lisas, como Dragendorff 15/17 ou 27. As dimensões são variáveis compreendidas entre 30mm a 80mm. Alguns fundos têm vestígios da marca de oleiro.

Detecta-se neles uma das características de vasos antigos, com o verniz vermelho escuro e manchas claras. As fracturas, laminadas em alguns casos, apresentam-se facetadas, 10 exemplares constituem formas identificadas.

Os restantes vinte e quatro sacos desta gaveta contém fragmentos descontextualizados.

Escasseiam os fragmentos de *sigillatae italicae*, e é notória a quantidade dos fragmentos de *sigillatae galicae*. Estão representadas peças de perfis completos e, em alguns exemplares, permitem reconstituir o vaso em 50%, e em alguns casos 80% da sua forma.

Verifica-se a presença de vasos e pratos de grandes dimensões nas *sigillatae galicae e hispanicae*, que atingem o diâmetro do fundo com mais de 150 mm, atribuídos à forma Dragendorff **15/17**. Assim como há, também, vasos com o diâmetro de bordo com mais de 200 mm, decorados, com as formas Dragendorff **29** e **37**.

No saco n.º 7 sobressai um fragmento decorado, de forma encurvada, muito fechado, indicador de ser um gargalo de frasco, de paredes com 70mm, de espessura a pasta de cor vermelha acastanhada, desengordurantes em pó quase invisível, o verniz brilhante, muito aderente na face interior, com estrias. A face exterior tem motivo decorativo muito fino, em fiada de contas, linhas onduladas e ramos bifoliados em posição vertical. Num conjunto de paredes lisas abunda a forma Drag. **27** e a Drag. **15/17**. Em todas estas *sigillatae sudgalicae* o verniz é bem aderente, tendo sido aplicado por imersão do vaso; as paredes são de diversas espessuras, mas as pastas diferem entre si pelos desengordurantes, notando-se que todas são de boa qualidade na elaboração, sem vacúolos e de fractura laminar.

Na gaveta n.º **520** encontram-se três sacos sem numeração e vinte e quatro numerados. A quantidade de fragmentos por saco é reduzida, excepto nos três primeiros onde abundam bordos, fundos e escassas paredes, tendo uma destas no exterior o grafito.



No saco n.º 1 está um fragmento de pequenas dimensões, que chama a atenção por se encontrar na ficha a identificação do fundo de um vaso *campaniense*, com a referência 68-F₁-4. Nesta gaveta, a maior quantidade são fragmentos de *sigillatae italicae*.

A gaveta n.º **521** encontra-se super cheia de sacos, no total de sessenta e oito, neles predominando a *sigillatae sudgalicae* com fundos e alguns bordos.


As formas mais abundantes são os pratos Drag. **15/17**, consta também a Drag. **30** e as Drag. **27** e **24/25**, sendo as duas últimas em *sigillata hispanica*.

Possuem muitos grafitos e marcas de oleiro, algumas delas com dificuldade de identificação. Na generalidade, o verniz espesso e brilhante encontra-se muito aderente à pasta; a cor é vermelha escura. As pastas são heterogéneas, com poucos e pequenos desengordurantes, a fractura laminada e facetada, compacta, de boa qualidade no fabrico.

No saco n.º 4 existe um bordo de pequena dimensão com parte da parede, de *sig. sudgalica*, da forma Ritterling **1**; consegue-se ler o grafito **VICVM**. O verniz, aderente, tem uma mancha clara. O mesmo nome deste grafito encontra-se num fragmento de parede de um prato da forma Drag. **15/17** com grande dimensão.

O saco n.º 29 contém fundo com o pé alto de forma Drag. **27**, apresenta marca de oleiro completa, ($\wedge \wedge \wedge$ SVII), num *cartucho* de cantos arredondados (14x4mm) com numeração arcaica, letras profundas e legíveis; coloca-se a hipótese de pertencer a *Modestus*, *Maccarus Mitus II* ou a *Masclus*.

O saco n.º 30 tem um fundo de prato com a forma lisa Drag. **15/17**, apresenta parte da marca ilegível com as letras finas [...**FIV**...]. Supostamente será dos oleiros *Frontinus* ou *Formosus*.

O saco n.º 32 contém um fundo de pé alto, de forma indeterminada, marca de oleiro completa (**OF.CC.V**), *cartucho* profundo (18 x 3,5mm) de cantos arredondados e circundado por um círculo bastante largo e em canelura. O oleiro, considerado sudgálico, era da oficina *Maccarus*. Na face exterior há seguinte grafito. 

Saco n.º 34, um fundo de pé alto e secção triangular, cuja parede indica ser da forma Drag. **27**, tem marca de oleiro [...] **R[O] GATI . OF**, sendo o *cartucho* (14 x 3mm) de letras bem desenhadas e legíveis, a primeira encontra-se indecifrável; trata-se de um **R**, que indica o nome da oficina do oleiro *Rogatus*.

O saco n.º 44 contém somente um fundo com marca de oleiro o *cartucho* (28 x 4mm) levemente aprofundado porque o início se encontra fracturado, cujos vestígios, poderá indicar a designação da oficina de *Lapillius*, que no saco seguinte, no fundo existente, **(IXOF... PIII)**.

Nesta gaveta n.º 521, existe um saco sem ficha, com vários fragmentos colados que reconstituem um vaso de grande dimensão, com o bordo (diâm. 220mm) totalmente completo. Faz parte dele a parede decorada, iniciada por uma fiada de *ovas* duplas; no friso superior os motivos decorativos são métopas intercaladas por figuras humanas e jarras com flores, separadas por três linhas onduladas e ramos bifoliados. Falta-lhe somente o fundo. Para o tipo de *sigillata sudgalica* este vaso é considerada uma peça muito fora do vulgar, devido à sua dimensão.

No conteúdo da gaveta n.º 522, num total de sessenta e nove sacos, predominam bordos, paredes e fundos de *sigillatae hispanicae*.

Como se tem oportunidade de verificar no catálogo, as marcas de oleiro são na maior parte do centro de produção do *Tritium Magallum*, localizado a norte da Península nas margens do Rio Ebro (fig. 9), sendo o oleiro mais afamado e com oficinas distribuídas por Bronchales, Granada e Andújar as mais conhecidas; fazem parte do mesmo grupo Talavera de la Reina (Toledo), Alameda (Málaga), Gomandí (Tarragona) e Sabadell (Barcelona) (Beltrán, 1990, 112 e 113).

As várias fichas dos desenhos de bordos, com paredes decoradas, foram alcançadas a partir dos fragmentos existentes neste saco.

Grande quantidade de fragmentos fazem parte das mesmas peças, cuja colagem originaria perfis completos; observa-se isso através da cor do verniz, das pastas e dos contornos coincidentes das fracturas.

Demonstram, na generalidade, ter as características das *sigillatae hispanicae*, como cópias de La Graufesenque nos motivos decorativos. Diferenciadas na qualidade do fabrico e no seu acabamento, com imperfeições no verniz, que por vezes é espesso e estalado, devido à má regulação da temperatura durante a cozedura. De pastas grosseiras, correspondentes a fracas argilas muito absorventes e granuladas, com grandes vacúolos e desengordurantes muito visíveis, estes vasos resultam de má elaboração e qualidade; só em raras excepções é que surge uma peça ou outra com especial categoria.

LOCAL	SIG. ITALICA	SIG. GALICA	SIG. HISPANICA	TOTAL
Conimbriga	744	1584	1439	3767
Braga	290	801	3360	4451
Castro Guifões	7	8	921	936

Fig. 34- Quadro comparativo dos três locais

Analisaram-se as percentagens quantitativas, confrontando-se com as de *Conimbriga*, as diferentes produções de *sigillatae* conhecidas de outros locais como Braga e o Castro de Guifões (Matosinhos) (fig. 34), em quadro comparativo que tem por base uma selecção do conjunto dos fragmentos exumados nas campanhas efectuadas sob a direcção do Prof. J. Alarcão nos anos 1963 a 1972, os dados de R. Morais sobre estudos das *sigillatae* de Braga (2004) e os materiais do Castro de Guifões.

Em análise da totalidade dos fluxos de importação, as quantidades dos diversos tipos de *sigillatae* diferem segundo as localidades geográficas, entre si e de *Conimbriga*. Revelando a situação do relacionamento comercial existente entre produtores, intermediários e a clientela, do seu gosto e do seu poder económico, da influência da romanização.

Detectou-se, assim, que dos finais do século I d.C. até aos inícios do século II existe um aumento de comércio de produções de origem hispânica, no Ocidente peninsular, que ficou a dever-se em grande parte ao relacionamento com o Vale do Ebro, cujos estabelecimentos estão associados ao fabrico da indústria de *Tritium Magallum*, sendo a comercialização efectuada por via terrestre e fluvial.

Análise descritiva

Fichas numeradas: 1 a 81

Fotos: 81

Descrição.

Classificação.

Cronologia.

ABREVIATURAS: Mezq. = Mezquiriz

Consp. = Conspectus

Dech. = Déchelette

Drag. = Dragendorff

Ritt. = Ritterling

Ludow. = Ludowici

T.S.H. = Terra *Sigillata* Hispanica

Meth. = Methuen

Hisp. = Hispánica

Pl. = Planche

Sig. = *Sigillata*

Diâm. = Diâmetro

Bibliografia

- Alarcão 1974:ALARCÃO, J. *Cerâmica comum local regional de Conimbriga*. Coimbra, 1974 (diss. Doutoramento) (Suplementos de «Biblos», 8).
- 1987: *Portugal Romano*, Editorial Verbo. Lisboa, 1987, 4.^a ed.
- Alarcão - Étienne 1990 (dir.): ALARCÃO, J; ÉTIENNE, R. - *Les villas romaines de São Cucufate (Portugal)*, Paris, 1990.
- Alarcão A.M. 1961: ALARCÃO, A.M. Algumas peças de terra sigillata do Paço Ducal de Vila Viçosa, *Conimbriga*, vol. 1.º 3.º,1962, p. 181-200.
- 1974: ALARCÃO, A. M., Um cálice da oficina de *Rasinius*, *Conimbriga*, vol. 13.º, 1974, p.33-43.
- Alarcão – Alarcão, A.M. 1965: ALARCÃO, J; ALARCÃO, A., *Vidros romanos de Conimbriga*, Lisboa, 1965.
- 1966: ALARCÃO, J; ALARCÃO, A. M. *Sepultura luso-romana descoberta no concelho de Constância*, Porto, 1966.
- 1976: ALARCÃO, A. M; MARTINS, Alina N., *Cerâmica aparentada com as “Paredes Finas”*, Coimbra, 1976.
- Alarcão A. M. *et alii* 1986: (dir.) ALARCÃO, A.M. *et alii - Ruínas de Conimbriga*. Coimbra, 1986.

- Alföldy 1989: ALFÖLDY, Géza, *A história social de Roma*. Lisboa, 1989.
- Almeida C.A.B. 1996: ALMEIDA, C. A. B. *Esposende, povoado romano do litoral minhoto entre o Cávado e o Minho*, Barcelos, 1996.
- Almeida C.A.F. 1969: ALMEIDA, C. A. F. *Romanização das Terras da Maia*. Porto, 1969.
1972: ALMEIDA, C. A. F. Cerâmica romana de Fiães, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto - História, p. 191-215, Porto, 1972.
- Amaral 1993: AMARAL, Paulo, *O povoado romano no Vale Superior do Tâmega*. Porto, 1993 (diss. mestrado, dactil.), p.110.
- Beltrán 1990: BELTRÁN LLORIS, Miguel, *Guía de la cerámica romana*, Libros Pórtico, Zaragoza, 1990.
- Blázquez 1974: BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, J. M., *Ciclos y temas de la historia de España: La romanización*. Madrid, 1974.
1977: BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, *La romanización del Noroeste da Península Ibérica*. Madrid, 1977.
- Bourgeois-Mayet 1991: BOURGEOIS, Ariane; MAYET, Françoise, *Les sigillées: Fouilles de Belo*. Madrid, 1991.

- Carballo 1986: CARBALLO Arceo, L. X., *Povoamento castrexo e romano da terra de Trasdeza*. Galiza, 1986.
- Cardoso 1973: CARDOSO, Armando, *Manual de cerâmica*, Livraria Bertrand, Porto, 1973.
- Carneiro 2004: CARNEIRO, André, *Povoamento romano no actual concelho de Fronteira*, 2004.
- Comfort 1959: COMFORT, Howard, Some roman pottery in the Museu Etnológica. *Conimbriga*, Coimbra, 1959.
- Comfort - Oxé 1968: COMFORT, Howard; OXÉ, August, *Corpus vasorum arretinorum*. Bonn, 1968.
- Correia 2003: CORREIA, Virgílio H. *Conimbriga: guia das Ruínas*, Instituto Português de Museus, 2003.
- Cortez 1951: CORTEZ, Fernando Russel. *Da terra sigillata tardia encontrada em Portugal*, Viseu, 1951.
- De Man 2004: DE MAN, A. Aspectos de *Conimbriga* tardo-antiga, FLU Coimbra, 2004. (Suplementos de «Biblos», 2).
- 2008: DE MAN, A. *Defesas urbanas tardias da Lusitânia*, Porto, 2008 (diss. doutoramento).

- Dias 1995: DIAS, Lino A. T. *Cerâmica comum romana em Tongobriga*, Porto, 1996.
- Diakov 1976 : DIAKOV, V; KOVALEV, S., *História da Antiguidade Roma*, Lisboa, 1976.
- Dragendorff 1980: DRAGENDORFF, H, *La sigillée: Contribution à l'étude de L'histoire de la céramique grecque et romaine*, Avignon, 1980.
- Encarnação 1997: ENCARNAÇÃO, J. *Introdução ao estudo da epigrafia latina*, 3ª. ed. Coimbra, 1997.
- Ettlinger-Habelt 1990: ETTLINGER, Elisabeth; HABELT, Rudölf, *Conspectus formarum terrae sigillatae italico modo confectae*, Bona, 1990.
- Fabião 2006: FABIÃO, Carlos, *A herança romana em Portugal*, Lisboa, 2006.
- García y Bellido *et alii* 1997: GARCIA y BELLIDO M. P.; G. MORA; CENTENO, R.S. “*Rutas, Ciudades Y Moneda en Hispania*”, Actas II Encuentro Peninsular de Numismática Antigua, Anejos de Aespa, Madrid, 1997.

- Giardina *et alii* 1992: GIARDINA, Andrea; ANDREAU, J; CARRIÉ, J.M.,
O homem romano, Lisboa, 1992.
- Gomes 1996: GOMES, J.M.F., *A Cidade de Terroso e Vila-
Mendo, Estela- Aspectos da proto-história e romanização
do litoral minhoto*, Porto, 1996 (tese de mestrado, polic.)
- González *et alii* 1998: GONZÁLEZ, Hevia, S.; GRANDA MENÉNDEZ, A.;
HIDALGO SHANZEZ, E., *Lancia 3: Terra sigillata del Chao
Samartín*, Grandas de Salime-Asturias, 1998.
- Goudineau 1968: GOUDINEAU, Christian, *La céramique aretine lisse*,
(Fouilles de L' école Française de Rome a Bolsena 1962/67),
Tome IV, Paris, 1968.
- 1989: GOUDINEAU, Christian, *De Lascaux au Grand
Louvre: archéologie et histoire en France*, Paris, 1989.
- Grimal 1984: GRIMAL, Pierre, *A civilização romana*, Paris, 1984.
- Hayes 1972: HAYES, J.W., *Late Roman Pottery*, London, 1972.
- Hermet 1965: HERMET, Guy, *Le problème meridional de l' Espagne*,
Paris, 1965.

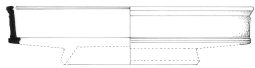




- Jacques 1974: JACQUES, André, tradução Apicio, *L'art culinaire / Apicius*, Paris, 1974.
- Lamboglia 1950: LAMBOGLIA, Nino, *Gli scavi di Albintimilium e la cronologia della ceramica romana*, Bordighera, 1950.
- Maluquer *et alii* 1973: MALUQUER DE MOTES, J.; BALIL, A.; ORLANDIS, J. *Historia económica y social de España Antigüedad*, vol. I, Madrid, 1973.
- Mantas 1999: MANTAS, Vasco G. S., *Portos marítimos romanos*, Madrid, 1999.
- Martins 1990: MARTINS, Manuela, *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*, Braga, 1990.
- 1991: MARTINS, Manuela, *O povoado de Santo Ovídio (Fafe)*, Braga, 1991.
- Mayet 1984: MAYET, Françoise, *Les céramiques sigillées Hispaniques*, Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire Romain, Paris, 1984.

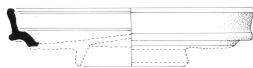
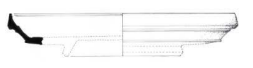
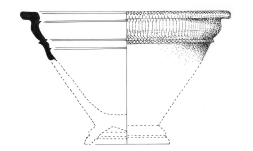
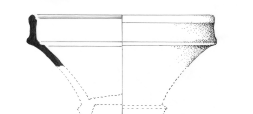
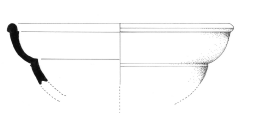
- Mayet *et alii* 1975: MAYET, Françoise; DELGADO, Manuela; ALARCÃO, Adília, *Fouilles de Conimbriga. Les sigillées*, vol IV, Paris, 1975.
- Massara 1980: MASSARA, Filippo, *A técnica da cerâmica ao alcance de todos*, pp. 66-70, Barcelona, 1980.
- Methuen 1967: METHUEN, H., *Methuen handbook of colour*, 2.^a ed. Methuen & C.^o, Londres, 1967.
- Mezquiriz 1961: MEZQUIRIZ DE CATALAN, Maria Angeles, *Terra sigillata de Catalan Hispanica*, vol I e II, Valencia, 1961.
- Morais 2005: MORAIS, Rui, *Autarcia e comércio em Bracara Augusta. Contributo para o estudo económico da cidade no período Alto-Império*, Braga, 2005.
- Munsell 1973: MUNSELL, B., *Munsell soil colour charts*, Baltimore Munsell Products, 1973.
- Nicolet 1977: NICOLET, Claude, *Rome et la conquête du monde Méditerranéen, I, Les structures de l'Italie romaine*, Paris, 1977.

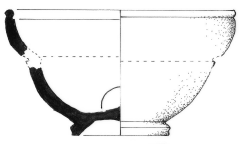
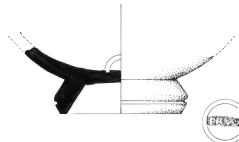
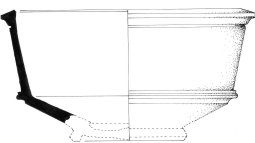
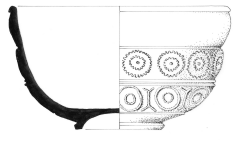
- Oswald - Pryce
- 1920: OSWALD, Felix; PRYCE, T. Davis, *An introduction to the study of terra sigillata treated from a chronological standpoint*, London, 1920.
- 1964: OSWALD, F.; PRYCE, T. Davis, *Introduction à l'étude de la ceramique sigillée*, Avignon, 1964.
- 1964^a: OSWALD, F., PRYCE, T. Davis, *Index of potters' stamps on terra sigillata*, Famborough, 1964.
- 1983: OSWALD, F.; PRYCE, T. Davis, *Index des estampilles sur sigillée*, Avignon, 1983.
- Orejas *et alii*
- 2000: OREJAS, A.; PLÁCIDO, D.; SÁNCHEZ-PALENCIA, F. J., *Las Medulas (León): un paisaje cultural en la Asturica Augustana*, León, 2000.
- Paunier
- 1981: PAUNIER, Daniel, *La céramique gallo-romaine de Genève de la Tène finale au royaume burgonde*, Genève, 1981.
- Pérez
- 2002: PÉREZ LOSADA, Fermin, *Entre a cidade e a aldeia. Estudio arqueohistórico dos aglomerados secundarios romanos en Galicia*, Coruña, 2002.
- Roumens
- 1976: ROUMENS ROCA, Mercedes, *Sigillata hispanica producida en Andújar /Jaen*), Jaen, 1976.

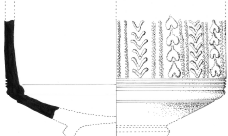
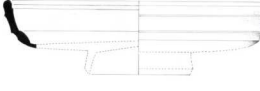

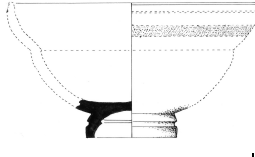
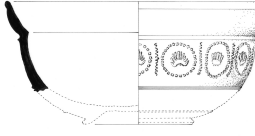
- Silva
- 1995: SILVA, A. C. F., *A evolução do habitat castrejo e o processo de proto-urbanização no noroeste de Portugal durante o I milénio a. C.*, Porto, 1995. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – História*, II Série, 12, Porto, p.505-546
- 2007: SILVA, A. C. F., *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*, 2.^a ed., Câmara M. de Paços Ferreira, 2007 (1.^a edição, 1986).
- Silva et alii
- 1982: SILVA, A. C. F.; LOPES, A. B.; TUNA, M., O forno cerâmico romano de Louredo (St.^a. Marta Penaguião), *Portugália*, II Série, vol. II e III, Porto, 1982.
- Terrisse
- 1968: TERRISSE, Jean – Raymond, *Les Céramiques sigillées gallo-romaines des Martres-de-Veyre (Puy-de-Dôme)*, Paris, 1968.

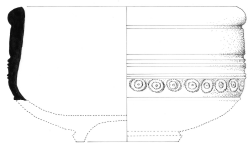
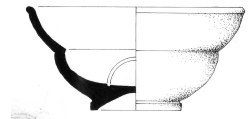



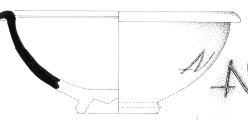
CATÁLOGO

TABELA EXEMPLIFICATIVA DAS FORMAS DE SIGILLATAE DE CONIMBRIGA				
<i>SIGILLATA ITALICA</i>	CATÁL		REFEREN.	BIBLIOGRAFIA
 <p>Pucci X8</p>	Ficha n.º 1	Bordo oblíquo simples, com um reforço no exterior junto ao lábio, com um ressalto rectangular de finas caneluras no fundo exterior.	Ref. 67-E-1. Gav. 519 - S.1.	Mayet <i>et alii</i> 1975, <i>Fouilles de Conimbriga, Les Sigillées</i> , vol IV, Paris, 1975.
 <p>Haltern 3b</p>	Ficha n.º 2	Bordo vertical dividido por duas ranhuras na face exterior, um acentuado ressalto, baixo, rectilíneo com finas caneluras e uma meia-cana no interior com uma moldura de forma achata da no fundo.	Ref. II – A-8. Gav. 519 – S. 1.	Mayet <i>et alii</i> 1975, <i>Fouilles de Conimbriga, Les Sigillées</i> , vol IV, Paris, 1975.
 <p>Consp.20</p>	Ficha n.º 10	Bordo oblíquo com lábio extrovertido, ligeiramente convexo, com uma ranhura.	S/Ref. Gav. 519– S. 1.	Mayet <i>et alii</i> 1975, <i>Fouilles de Conimbriga, Les Sigillées</i> , vol IV, Paris, 1975.
 <p>Consp. 6</p>	Ficha n.º 6	Bordo com decoração delicada finas ranhuras e ressalto bem saliente no fundo exterior. Na face interior junto ao lábio uma fina canelura.	S/Ref. Gav. 519 – S. 1.	Mayet <i>et alii</i> 1975, <i>Fouilles de Conimbriga, Les Sigillées</i> , vol IV, Paris, 1975.
 <p>Consp. 18</p>	Ficha n.º 5	Bordos oblíquos, na face exterior central côncava, entre duas caneluras terminando em ângulo, em ressalto rectangular na direcção ao fundo. Face interior convexa e junto ao lábio uma profunda canelura.	Ref. 68-T1. Gav. 519 – S. 1.	Mayet <i>et alii</i> 1975, <i>Fouilles de Conimbriga, Les Sigillées</i> , vol IV, Paris, 1975.

 <p>Consp. 21</p>	<p>Ficha n.º 8</p>	<p>Bordo oblíquo na face interior junto ao lábio com uma profunda canelura e ressalto de meia-cana. Face exterior oblíqua e a meio côncava, com marcado ressalto em filete convexo exterior a separar o bordo da copa.</p>	<p>Ref. 72-B-F4. Gav. 519-S.1.</p>	<p>Mayet <i>et alii</i> 1975, <i>Fouilles de Conimbriga, Les Sigillées</i>, vol IV, Paris, 1975.</p>
 <p>Consp. 12</p>	<p>Ficha n.º 11 7</p>	<p>Bordo oblíquo com lábio fino, pendente, vertical ligado à parede interna com uma ranhura, formando concavidade. Face externa com acentuado ressalto com caneluras que iniciam novo espaço liso, dobrando em carena no fundo.</p>	<p>Ref. 67-I-6. Gav. 519 – S- 1.</p>	<p>Mayet <i>et alii</i> 1975, <i>Fouilles de Conimbriga, Les Sigillées</i>, vol IV, Paris, 1975.</p>
 <p>Consp. 22 ou Goud. 32</p>	<p>Ficha n.º 12</p>	<p>Muita qualidade no fabrico e perfeição na decoração, peça de muita elegância e requinte. Enriquecida por <i>guilhoché</i> de linhas entrelaçadas em duas divisões, termina em friso de minúsculos triângulos; o lábio tem um friso de minúsculos losangos. Nas paredes interiores encontram-se caneluras e meia-cana de reduzida espessura.</p>	<p>S/Ref. Gav. 519 – S 1.</p>	<p>Mayet <i>et alii</i> 1975, <i>Fouilles de Conimbriga, Les Sigillées</i>, vol IV, Paris, 1975.</p>
 <p>Goud. 40 ou Consp.23</p>	<p>Ficha n.º 13</p>	<p>Bordo rectilíneo e vertical, delimitado por duas molduras achatadas; na superior está aprofundado uma fina ranhura. A parede é vertical e ligeiramente côncava, no bordo e na copa.</p>	<p>Ref. 69-B-F1. Gav. 519 – S 1.</p>	<p>Mayet <i>et alii</i> 1975, <i>Fouilles de Conimbriga, Les Sigillées</i>, vol IV, Paris, 1975.</p>
 <p>Haltern 11</p>	<p>Ficha n.º 18</p>	<p>Bordo extrovertido com lábio espessado, com ressalto na face exterior; parede em forma de duas calotes sobrepostas, separadas por profunda ranhura. Peça de boa elaboração, produzida nos centros principais de <i>terra sigillata</i></p>	<p>Ref. 64-I U-3. Gav. 521 – S. 3.</p>	<p>Mayet <i>et alii</i> 1975, <i>Fouilles de Conimbriga, Les Sigillées</i>, vol IV, Paris, 1975.</p>

 <p>Goud. 27</p>	<p>Ficha n.º 17</p>	<p>Copa em duas calotes sobrepostas, lábio extrovertido em filete separado por ranhuras; pé baixo de secção triangular, marca completa do oleiro aretino <i>Agathemerus (Naevi)</i>, com nexo nas letras N e A.</p>	<p>Ref. 63-I-L-2. Gav. 520 – S. 23</p>	<p>Mayet <i>et alii</i> 1975, <i>Fouilles de Conimbriga, Les Sigillées</i>, vol IV, Paris, 1975.</p>
 <p>Pucci 23</p>	<p>Ficha n.º 20</p>	<p>Parede exterior convexa, espessa, secante ao fundo; pé muito alto angular no exterior. Marca do oleiro <i>Primus (Naevi)</i> de Arrezo; pequena fractura no cartucho (17x3mm) comporta o <i>sigillum</i> (PR..I°M.), circunscrito por uma larga canelura 1,5mm, com o diâmetro de 20mm.</p>	<p>Ref. 69-B-102. Gav. 520 – S. 21</p>	<p>Mayet <i>et alii</i> 1975, <i>Fouilles de Conimbriga, Les Sigillées</i>, vol IV, Paris, 1975.</p>
 <p>Goud. 41b</p>	<p>Ficha n.º 22</p>	<p>Peça lisa, sóbria, elegante e pouco vulgar com aparência frágil; bordo bem delineado com uma moldura angular circundado o lábio saliente separado por profunda ranhura da parede fina oblíqua, dobrada em carena na união à copa com ressalto vincado.</p>	<p>Ref. II-A-1. Gav. 520 – S. 1</p>	<p>Mayet <i>et alii</i> 1975, <i>Fouilles de Conimbriga, Les Sigillées</i>, vol IV, Paris, 1975.</p>
 <p>Drag. 29</p>	<p>Ficha n.º 26</p>	<p>Taça de paredes direitas oblíquas, lisas no interior e exteriormente molduradas. Pé em aro, destacado por ranhura profunda. Friso central de círculos cêntricos ondulados e friso inferior de círculos concêntricos lisos, alternados por ramo de extremidades bifidos.</p>	<p>Ref.66.J.1. Gav. 519 - S 10</p>	<p>Mayet <i>et alii</i> 1975, <i>Fouilles de Conimbriga, Les Sigillées</i>, vol IV, Paris, 1975.</p>

 Drag. 30	Ficha n.º 28	Taça de paredes direitas, verticalizadas, decoradas no exterior. Finas caneluras rematem os motivos decorativos com duas espécies de ramos bifoliados entre linhas onduladas.	Ref. 66B-12-S0. Gav. 521 – S 11	Mayet <i>et alii</i> 1975, <i>Fouilles de Conimbriga, Les Sigillées</i> , vol IV, Paris, 1975.
SIGILLATA GÁLICA	CATÁL	DESCRIÇÃO	REFERÊNCIA	BIBLIOGRAFIA
 Drag. 15/17	Ficha n.º 29	Perfil em calote muito delicado e encurvado para o interior, lábio em filete separado por ranhura. Face externa moldurada dividindo-se a parede em quatro partes, três côncavas e uma convexa.	Ref. 68-F1-5. Gav. 522 – S. 28	Mayet <i>et alii</i> 1975, <i>Fouilles de Conimbriga, Les Sigillées</i> , vol IV, Paris, 1975.
 Drag. 24/25	Ficha n.º 35	Parede espessa até ao meio da pança, estreitecendo em direcção ao fundo. A superfície onde normalmente tem decoração de guilhoché encontra-se lisa. Pé de secção trapezoidal, facetada.	Ref. 63-II-6. Gav. 521 – S.20	Mayet <i>et alii</i> 1975, <i>Fouilles de Conimbriga, Les Sigillées</i> , vol IV, Paris, 1975.
 Goud. 32	Ficha n.º 39	Vestígio de parede espessa; pressupõe-se que teria decoração. Mostra imperfeições de fabrico. Pé muito alto, secante à copa, dividido por canelura muito larga, a parte inferior assenta em aro vertical.	Ref. 68-F ¹ -4. Gav. 519 – S. 6	Mayet <i>et alii</i> 1975, <i>Fouilles de Conimbriga, Les Sigillées</i> , vol IV, Paris, 1975.
SIGILLATA HISPANICA	CATÁL	DESCRIÇÃO	REFERÊNCIA	BIBLIOGRAFIA
 Drag. 29/37	Ficha n.º 47	Taça em dupla calote de paredes esvasadas, de lábio adelgado. Decorado por linhas onduladas, alternadas por círculos dentados circunscrevendo palmitos com pétalas. Friso limitado por caneluras e molduras.	Ref. 68-F1-4. Gav. 522 – S 51.	Mayet <i>et alii</i> 1975, <i>Fouilles de Conimbriga, Les Sigillées</i> , vol IV, Paris, 1975.

 <p>Drag. 37</p>	<p>Ficha n.º 48</p>	<p>Taça de paredes introvertidas, direitas, espaçando para o lábio vincado. Decorado com alinhamento, de círculos concêntricos pequenos com um ponto ao centro, tangentes ao friso canelado. Na parte superior tem diversas caneluras.</p>	<p>Ref. 65-F1-1. Gav. 522-S 7.</p>	<p>Mayet <i>et alii</i> 1975, <i>Fouilles de Conimbriga, Les Sigillées</i>, vol IV, Paris, 1975.</p>
 <p>Drag. 27</p>	<p>Ficha n.º 59</p>	<p>Taça em dupla calote com as paredes espessando em direcção do fundo, face exterior com estrias a toda a altura e imperfeições de fabrico; pé muito baixo secante à parede. Lábio boleado e destacado da calote superior.</p>	<p>Ref. 66-F-1. Gav. 522 – S. 37.</p>	<p>Mayet <i>et alii</i> 1975, <i>Fouilles de Conimbriga, Les Sigillées</i>, vol IV, Paris, 1975.</p>
 <p>Ludowici Tb</p>	<p>Ficha n.º 66</p>	<p>Prato de larga aba horizontal exterior, levemente encurvada; bordo curvilíneo secante à parede baixa, oblíqua, com ressalto profundo formado por uma larga canelura.</p>	<p>Ref. 68-F¹-4. Gav. 522 – S. 31.</p>	<p>Mayet <i>et alii</i> 1975, <i>Fouilles de Conimbriga, Les Sigillées</i>, vol IV, Paris, 1975.</p>
 <p>Drag. 33</p>	<p>Ficha n.º 77</p>	<p>Paredes extrovertidas e encurvadas, lábio adelgado e boleado; Pé de secção triangular, fundo externo umbilicado.</p>	<p>Ref. 68-B-F¹-4. Gav. 522 – S. 30.</p>	<p>Mayet <i>et alii</i> 1975, <i>Fouilles de Conimbriga, Les Sigillées</i>, vol IV, Paris, 1975.</p>
 <p>Drag. 36</p>	<p>Ficha n.º 79</p>	<p>Peça de pequenas dimensões, de muito boa qualidade. Decorada com folha de água em barbotina sobre a aba do bordo convexo. Parede encurvada em calote.</p>	<p>Ref. 72-B-F⁵. Gav. 522 – S. 15.</p>	<p>Mayet <i>et alii</i> 1975, <i>Fouilles de Conimbriga, Les Sigillées</i>, vol IV, Paris, 1975.</p>
 <p>Drag. 35</p>	<p>Ficha n.º 80</p>	<p>Bordo liso, largo, convexo e inclinado; parede alta em calote com estrias no exterior e um grafito com a sigla invertida (A, V e em T) posição da peça. Referente a <i>Avitus</i> nome do escravo do produtor.</p>	<p>Ref. 68-F¹-5. Gav. 522 – S. 4.</p>	<p>Mayet <i>et alii</i> 1975, <i>Fouilles de Conimbriga, Les Sigillées</i>, vol IV, Paris, 1975.</p>

Ficha n.º 1

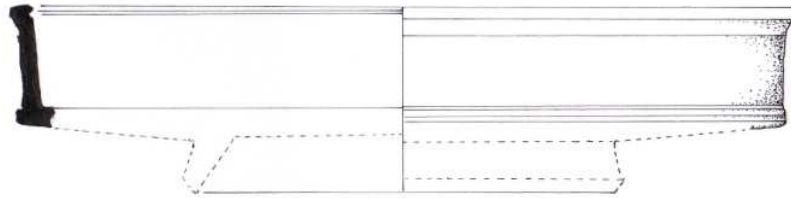


Foto n.º 4417

Sigillata Italica

Forma: Pucci X.8. Bordo oblíquo simples, de lábio espessado com canelura interna; a parte inferior com um ressalto rectangular com finas caneluras.

Pasta: porosa, fina, razoável qualidade, cor bege escuro, 7-C-5.

Verniz: brilhante, pouco aderente, camada fina, cor vermelho acastanhada, 7-C-7.

Dimensões: fragmento do bordo de um prato aretino, *catillus*, com o diâmetro de 150mm. Capacidade de 305cm³.

Depósito: Museu Monográfico de Conimbriga, Ref. 67-E-1. Gav. 519 - S.1.

Ficha n.º 2

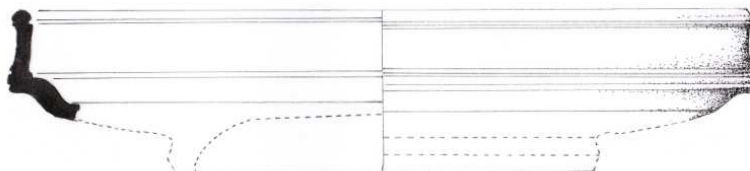


Foto n.º 4338

Sigillata Italica

Forma: Haltern **3b**. Bordo vertical espessado no bordo e na carena, com finas caneluras, e uma meia-cana no interior da copa de perfil em S.

Pasta: consistente, desengordurante, vacúolos, cor bege acastanhada, 7-C-6.

Verniz: aderente, excepto nas curvaturas onde se encontra estalado, muito brilhante, cor vermelha acastanhada, 7-D-7

Dimensões: fragmento de bordo e parede de um prato aretino *catillus*, com o diâmetro de 165mm. Capacidade de 389cm³.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. II – A-8. Gav. 519 – S. 1.

Ficha n.º 3

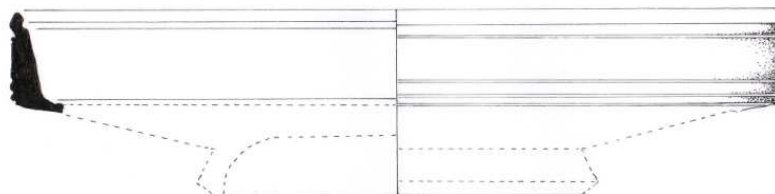


Foto n.º 4419

Sigillata Italica

Forma: Conspectus **18**. Bordo adelgaçando para o lábio, em filete destado por finas caneluras, com parede interior oblíqua. Fundo plano.

Pasta: consistente, raros desengordurantes, cor bege acastanhada, 7-C-5.

Verniz: brilhante, bem aderente aplicado por pincel, camada espessa, cor vermelho acastanhado, 7-D-7.

Dimensões: Fragmento do bordo de prato *catillus* com o diâmetro de 165mm. Capacidade 405cm³.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 67 – E-4. Gav. 520 – S. 17.

Ficha n.º 4

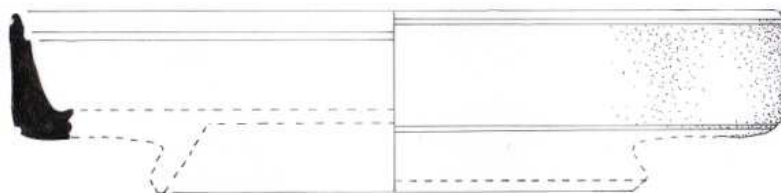


Foto n.º 4326

Sigillata Italica

Forma: Conspectus 20. Bordo de secção triangular, adelgaçando para o lábio moldurado por finas caneluras; lábio excessivamente fino com ressalto no interior; face interior levemente côncava e oblíqua, face exterior plana e vertical, perpendicular à base, boleada na junção exterior e interior com ela. No canto exterior apresenta uma canelura.

Pasta: heterogénea, desengordurantes (minerais de quartzo), macia, cor bege acastanhado claro, 7-C-5.

Verniz: brilhante, pouco aderente, camada fina, cor vermelha acastanhada, 7-D-8.

Dimensões: fragmento do bordo de um prato com o diâmetro de 130mm. Capacidade 191cm³.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 63-I-I-1. Gav. 519 – S. 1.

Ficha n.º 5

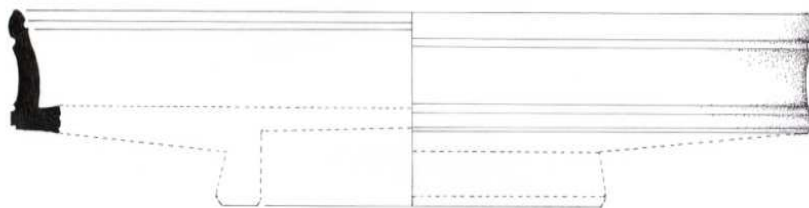


Foto n.º 4352

Sigillata Italica

Forma: Conspectus **18**. Bordos verticais e paredes convexas no interior e côncavas no exterior, com caneluras externas a destacarem o lábio boleado e o cotovelo de ligação com o fundo que seria internamente convexo.

Pasta: macia, heterogénea, raros vacúolos, desengordurantes (minerais de quartzo), cor alaranjada clara, 7-C-7.

Verniz: brilhante, pouco aderente, camada fina, cor varia entre o vermelho escuro e o castanho, 7-D-8.

Dimensões: fragmento do bordo de um prato aretino, aproximado nas dimensões do *catinus sesquipedalis*, com o diâmetro de 240mm. Capacidade 919cm³.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 68-T1. Gav. 521 – S. 1.

Ficha n.º 6

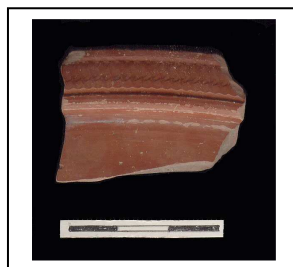
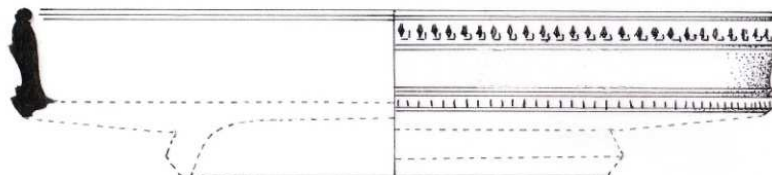


Foto n.º 4818

Sigillata Italica

Forma: Conspectus 6. Bordo com decoração delicada, com finas ranhuras e ressalto bem saliente. Na face interior junto ao lábio uma fina canelura.

Pasta: macia, fina, heterogénea, desengordurantes, cor acastanhada clara, 7-C-6.

Verniz: pouco aderente, brilhante, camada fina, cor acastanhada, 7-D-8.

Dimensões: fragmento do bordo de prato aretino com o diâmetro de 130mm. Capacidade de 184cm³.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. (descontextualizado). Gav. 519 – S. 1.

Ficha n.º 7

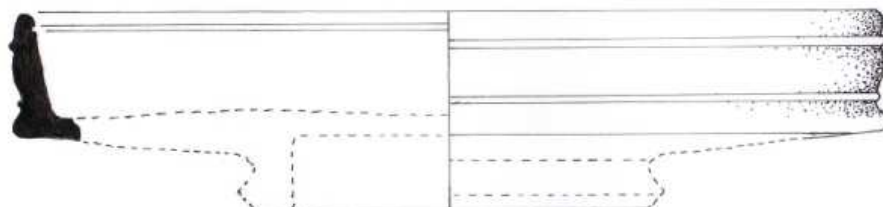


Foto n.º 4330

Sigillata Italica

Forma: Conspectus **18**. Bordo muito simples, de lábio fino e boleado, destacado das paredes por filete. Um filete análogo decora a parte inferior das paredes verticalizadas exteriormente. A junção com o fundo apresenta uma protuberância destacada. Na face interior junto ao lábio uma fina canelura.

Pasta: macia, desengordurantes, porosa, homogénea, cor bege claro, 7-C-5.

Verniz: pouco aderente, brilhante camada fina, cor vermelha acastanhada, 7-D-7.

Dimensões: fragmento do bordo de prato aretino com diâmetro de 130mm. Capacidade de 200cm³.

Depósito: Museu Monográfica de *Conimbriga*. Ref. 67-E- 4. Gav. 521 - S.1.

Ficha n.º 8

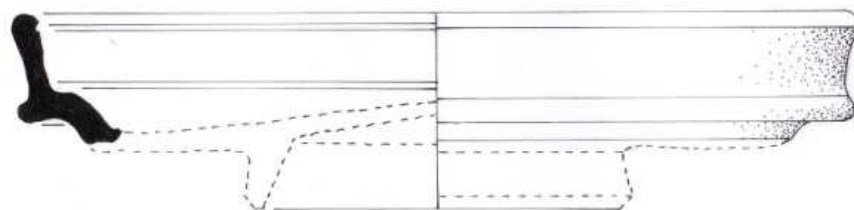


Foto n.º 4322

Sigillata Italica

Forma: Conspectus 21. Bordo de paredes oblíquas com lábio espessado e boleado com fina canelura interna. Face exterior oblíqua assenta num fundo de perfil em S com protuberância destacado no exterior.

Pasta: consistente, homogénea, desengordurantes bem visíveis, fractura rectilínea, facetada, cor bege 7-C-5.

Verniz: muito brilhante e aderente aplicado a pincel, cor vermelho acastanhado 7-D-7.

Dimensões: fragmento do bordo de um prato com o diâmetro de 130mm. Capacidade com 186cm³.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 72-B-F4. Gav. 521- S.1.

Ficha n.º 9

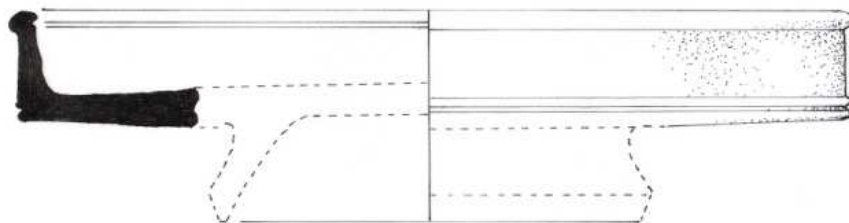


Foto n.º 4420

Sigillata Italica

Forma: *Conspectus 20* ou *Goudineau 36b*. Bordo oblíquo, simples, de lábio boleado e espessado externa e internamente, fina canelura interior. A face exterior apresenta duas finas caneluras na junção com o fundo, interiormente convexo.

Pasta: homogénea, muito fina, bem trabalhada, cor bege escuro, 7-C-5.

Verniz: pouco aderente, brilhante, camada fina, cor acastanhada, 7-D-8.

Dimensões: fragmento do bordo de prato aretino *catillus*, com o diâmetro de 140mm. Capacidade 184cm³.

Depósito: Museu Monográfica de *Conimbriga*. Ref. 69-B-102. Gav. 522-S.4.

Ficha n.º 10

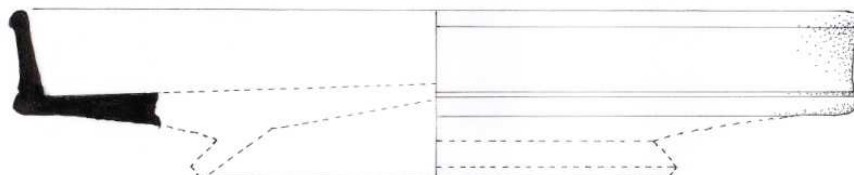


Foto n.º 4329

Sigillata Italica

Forma: Conspectus **20** ou Goudineau **39b**. Bordo oblíquo extrovertido, em lábio boleado, espessado no exterior. Junção com o fundo com protuberância espessada.

Pasta: raros desengordurantes, consistente, homogénea, cor bege escuro, 7-C-6.

Verniz: bem aderente, brilhante, cor acastanhada escura, 7-D-8.

Dimensões: fragmento do bordo de prato aretino com o diâmetro de 180mm. Capacidade 477cm³.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. (descontextualizado) Gav. 521 – S. 1.

Ficha n.º 11

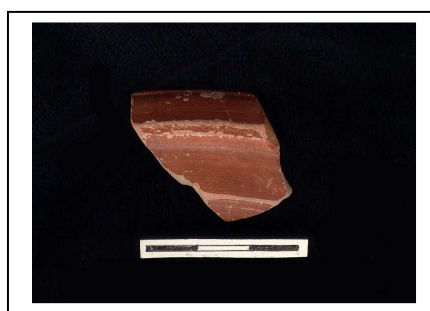
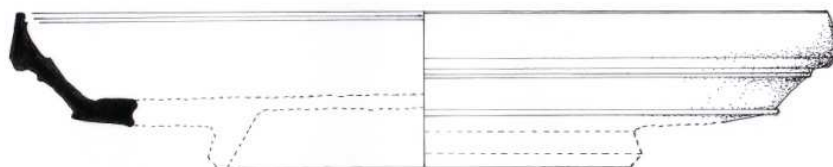


Foto n.º 4422

Sigillata Italica

Forma: Conspectus 12 4. Lábio fino, pendente, vertical ligado à parede interna oblíqua, destacado exteriormente, com acentuado ressalto. Um filete saliente limita a união das paredes com o fundo convexo no interior.

Pasta: homogénea, muito fina, macia e consistente, cor bege acastanhado, 7-C-5.

Verniz: mate, pouco aderência, com manchas, camada fina, cor vermelho acastanhado, 7-D-7.

Dimensões: fragmento do bordo de um prato *catillus*, com o diâmetro de 160mm.

Depósito: Museu Monográfico de Conimbriga. Ref. 67-I-6. Gav. 519 – S- 1.

Ficha n.º 12

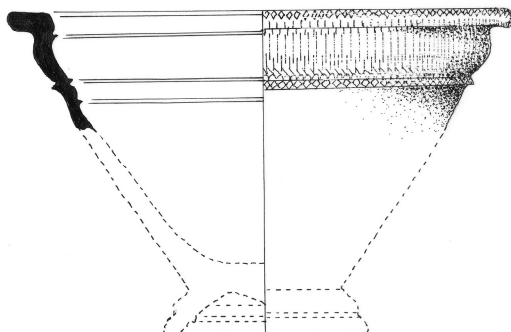


Foto n.º 4373

Sigillata Italica

Forma: *Conspectus 22* ou *Goudineau 32*

Pasta: muito consistente, homogénea, bem trabalhada, cor bege acastanhada, 7-C-5.

Verniz: brilhante, muito aderente, cor vermelha escuro acastanhada, 7-D-7.

Decoração: muita qualidade no fabrico e perfeição na decoração, tendo sido peça de muita elegância e requinte. Enriquecida por *guilhoché* de linhas entrelaçadas em duas divisões, termina em friso de minúsculos triângulos; o lábio tem um friso de minúsculos losangos. Paredes interiores molduradas por minúscula meia-cana.

Dimensões: Fragmento do bordo, espalmado formando aba, de um pequeno vaso, com o diâmetro de 110mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. (descontextualizado). Gav. 519 – S 1.

Ficha n.º 13

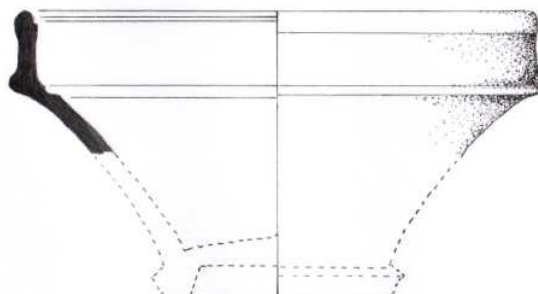


Foto n.º 4370

Sigillata Italica

Forma: lisa, *Conspectus 23* ou *Goudineau 40*. Bordo rectilíneo e vertical, separado da copa, de paredes encurvadas, por um filete espanado

Pasta: muito fina e macia, cor bege, 7-C-5.

Verniz: mate e pouco aderência, com manchas, espessura fina, cor vermelho acastanhada, 7-D-7.

Dimensões: fragmento de bordo e parede com o diâmetro de 90mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 69-B-F¹. Gav. 521 – S. 1.

Ficha n.º 14

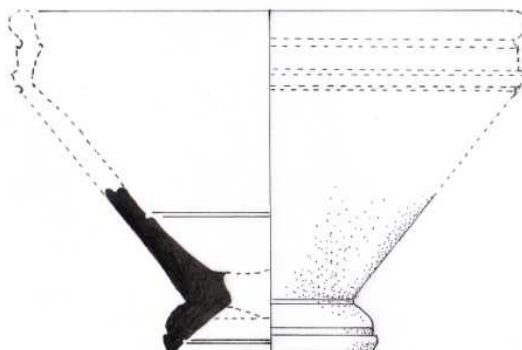


Foto n.º 4366

Sigillata Italica

Forma: Conspectus 22. Parede oblíqua, pé muito alto e espesso, com ressalto e canelura; convexo no exterior e levemente côncavo no interior.

Pasta: reduzidos desengordurantes, consistente, cor bege claro, 7-A-6.

Verniz: mate, aderente, camada fina, manchas escuras, cor alaranjada, 7-C-6.

Dimensões: fragmento do fundo de uma taça com o diâmetro de 40mm e a altura do pé de 10 mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 63-I-E-6. Gav. 519 – S.2.

Ficha n.º 15

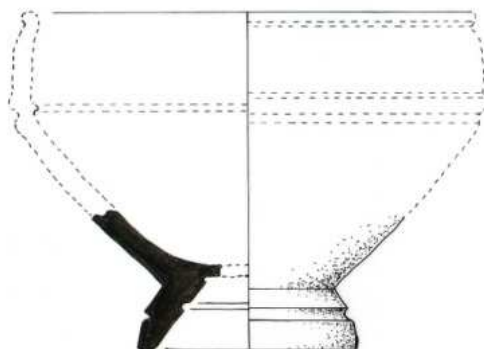


Foto n.º 4350

Sigillata Italica

Forma: Conspectus 32. Parede na face exterior ligeiramente convexa; parede interior côncava acentuada. Pé muito alto, a meio com uma ranhura muito larga, separando a parte superior oblíqua e base inferior de menor inclinação. Detectam-se imperfeições de fabrico.

Pasta: homogénea, compacta, fractura rectilínea, facetada, cor rosada clara, 8-A-6.

Verniz: mate, bem aderente, cor vermelha escura acastanhada, 7-D-7.

Dimensões: fragmento de fundo e parede com diâmetro 40mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 68-F1-4. Gav. 522 – S.14.

Ficha n.º 16

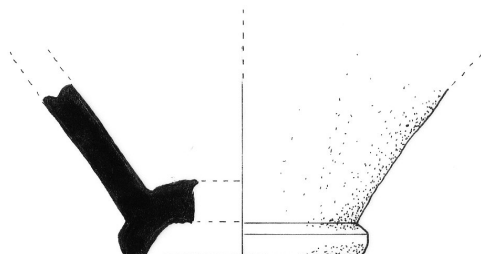


Foto n.º 4415

Sigillata Italica

Forma: Conspectus 22. Parede espessa, com as faces interior e exteriores oblíquas. O fundo interior é convexo e o exterior levemente côncavo. Pé em aro de paredes oblíquas, secante ao fundo, de secção trapezoidal.

Depósito: Museu Monográfico de Conimbriga. Ref. 64-I P-5. Gav. 520-S. 1.

Pasta: consistente, leve, homogénea, fina, bem trabalhada, cor bege clara, 7-C-5.

Verniz: pouco brilhante, bem aderente, camada consistente, cor vermelha acastanhada escura, 7-D-8.

Dimensões: fragmento de fundo com parede de diâmetro 40mm. Peça de pequena dimensão, muito elegante e de requintado fabrico.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 64-I-P-5. Gav. 520-S. 21.

Ficha n.º 17

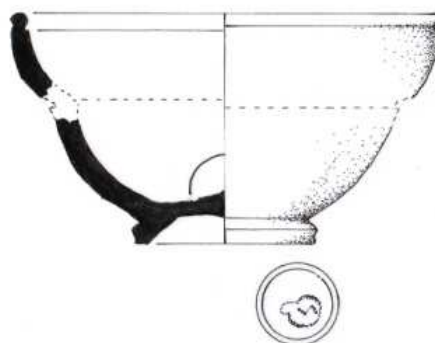


Foto n.º 4456

Sigillata Italica

Forma: Goudineau 27. Perfil de duas calotes sobrepostas. Pé baixo de secção triangular, paredes espessas, lábio em filete boleado, destacado por finas caneluras; com marca completa do oleiro aretino *Agathemerus (Naevi)*, com a sigla em nexo \overline{NA} .

Pasta: leve, compacta, homogénea, boa elaboração, cor, rosada escura, 8-C-5.

Verniz: mate, bem aderente, com manchas, cor vermelho acastanhado, 8-D-7.

Dimensões: dois fragmentos da mesma peça apresentam nos 90% do perfil de uma pequeníssima taça, com o diâmetro do bordo de 70mm e o fundo com 30mm. Capacidade de 60cm³.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 63-I-L-2. Gav. 520 – S. 23.

Ficha n.º 18

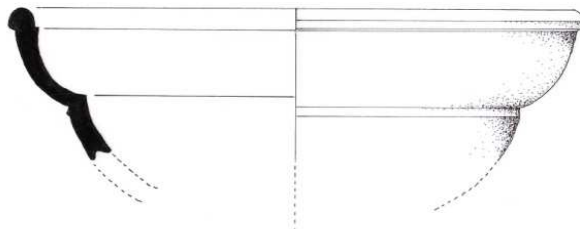


Foto n.º 4737

Sigillata Italica

Forma: Haltern **11**. Bordo extrovertido com ressalto na face interior e espessamento externo; parede com forma de duas calotes convexas secantes. Peça de boa elaboração, produção feita em centros principais de *Terra Sigillata*.

Pasta: homogénea, densa, bem trabalhada, macia, cor bege 7-C-5.

Verniz: brilhante, aderente, consistente de boa qualidade, cor vermelho acastanhado, 7-D-8.

Dimensões: fragmento de bordo e parede com o diâmetro de 130mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 64-I U-3. Gav. 521 – S. 3.

Ficha n.º 19

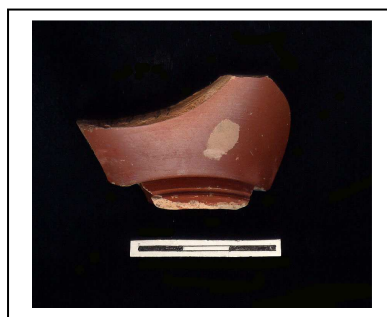
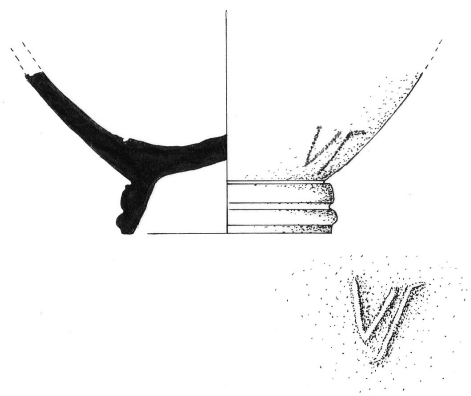


Foto n.º 4444

Sigillata Italica

Forma: Conspectus 22. Pé muito alto e elegante, moldurado por caneluras profundas e espaçadas. Na face externa do fundo detecta-se um grafito com as letras **V** e **I**, supondo tratar-se do oleiro *Umbricius* (A. Oxé).

Pasta: consistente, desengordurantes, cor bege claro, 7-B-4.

Verniz: brilhante, bem aderente, aplicado por pincel, cor acastanhada, 7-D-8.

Dimensões: fragmento de fundo e parede com o diâmetro de 40mm e vestígio da marca do oleiro.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 65 – I-O-3. Gav. 520 – S. 24.

Ficha n.º 20

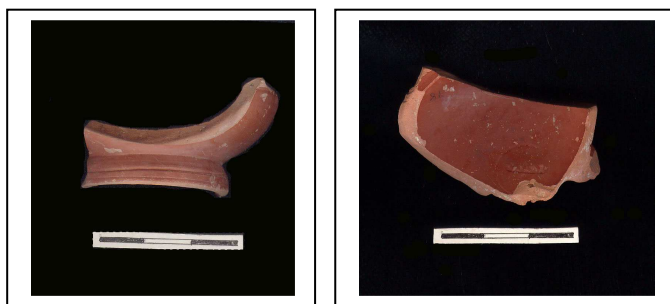
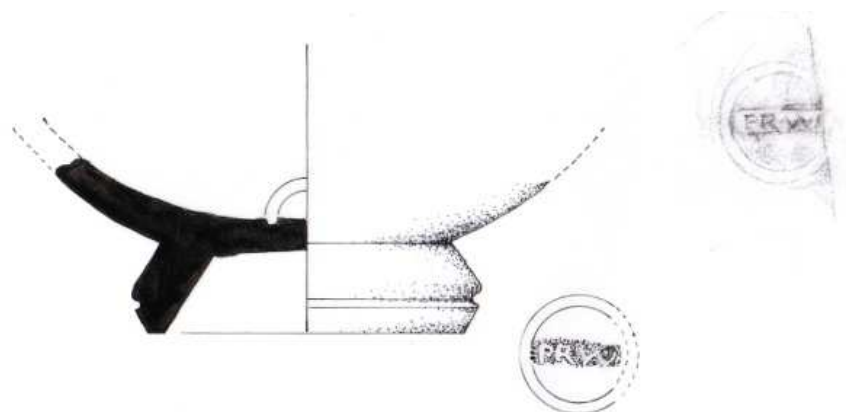


Foto n.º 4457-58

Sigillata Italica

Forma: Pucci 23. Parede exterior convexa, espessa, ligada ao fundo por uma fina ranhura; pé muito alto e denso, profunda canelura divide a parte superior que é mais alta. Marca supostamente do oleiro *Primus (Naevi)* de Arrezo, com pequena fractura no cartucho (17x3mm) comporta o *sigillum* (PR..I°M.]. Circunscrito por uma larga canelura 1,5mm com o diâmetro de 20mm.

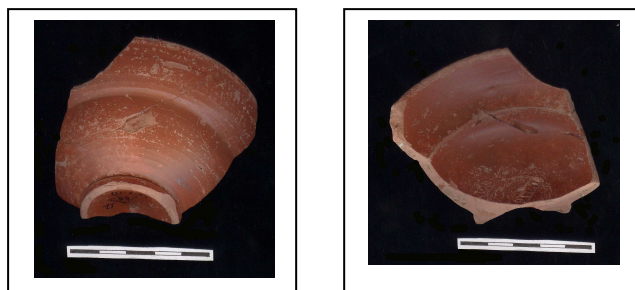
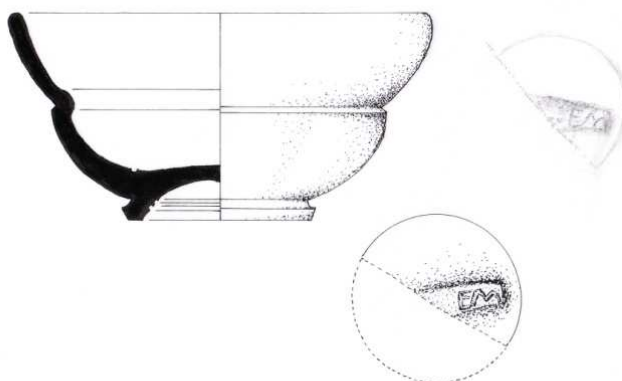
Pasta: heterogénea, consistente, densa, desengordurantes visíveis e vacúolos, cor rosada, 8-B-6.

Verniz: bem aderente, brilhante, camada espessa, cor vermelha acastanhada, 7-D-8.

Dimensões: fragmento do fundo com o diâmetro de 50mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 69-B-102. Gav. 520 – S. 21.

Ficha n.º 21



Fotos n.º 4460-62

Sigillata Italica

Forma: Dragendorff 27. Paredes espessas regularmente encurvadas, profundo vinco separador das duas calotes; lábio boleado, pé muito baixo, no interior com ranhuras; vestígio de marca do oleiro supostamente do famoso ceramista *C. Memmius*, [...]EM, somente são visíveis as duas letras finais.

Pasta: heterogénea, densa, desengordurantes (minerais de quartzo), vacúolos, cor rosada, 7-C-6.

Verniz: bem aderente, brilhante, camada espessa, cor vermelho vivo, 8-D-6.

Dimensões: fragmento indicador do perfil completo; fundo com o diâmetro de 40mm, o bordo 100mm e a altura de 43mm. Capacidade de 183cm³.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 63-I F-4.Gav. 522 – S.22.

Ficha n.º 22

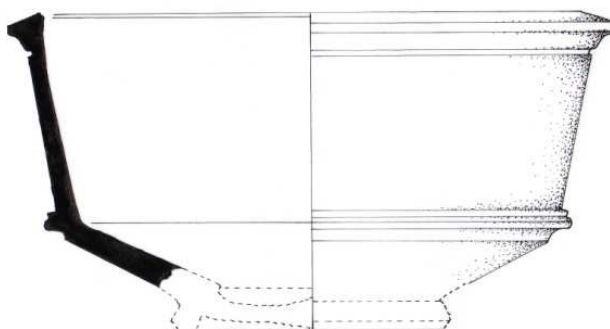


Foto n.º 4482

Sigillata Italica

Forma: Goudineau 41b. Peça lisa, sóbria, elegante e pouco vulgar com aparência frágil; lábio bem delineado por uma moldura rectilínea, de secção triangular saliente, separado por profunda ranhura da parede fina, oblíqua e esvasado, rematada por ressalto muito evidenciado no plano entre as paredes e fundo.

Pasta: macia, homogénea, compacta, cor bege claro, 7-B-4.

Verniz: mate, bem aderente, camada espessa, manchas, cor acastanhada, 7-D-7.

Dimensões: fragmentos de parede com o diâmetro de 110mm e o bordo de 130mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. II-A-1. Gav. 520 – S. 1.

Ficha n.º 23

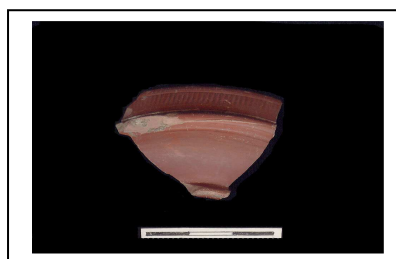
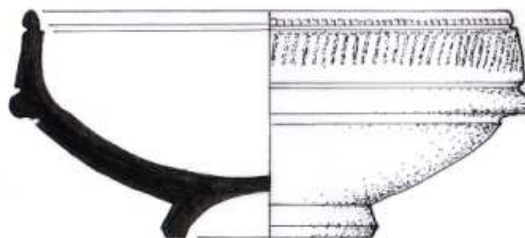


Foto n.º 4445

Sigillata Italica

Forma: Conspectus 33.4. Bordo vertical e fino, lábio boleado e destacado finas caneluras; face exterior com friso em ponteados, com canelura a iniciar o *guilhoché* de pouca profundidade. Ressalto muito saliente na carena, isolado por duas caneluras largas e profundas. Pé alto, bem delineado na secção triangular, sendo a parte limitada por ele mais alta e côncava.

Pasta: homogénea, macia, bem trabalhada, cor bege acastanhada, 7-C-5.

Verniz: mate, bem aderente, espessa camada, com manchas, cor acastanhada, 7-E-8.

Dimensões: perfil completo de pequeníssima peça muito elegante e delicada, de boa elaboração, com o diâmetro do bordo de 70mm e o diâmetro do fundo com 20mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 63-I-F-7.Gav. 519 – S. 1.

Ficha n.º 24

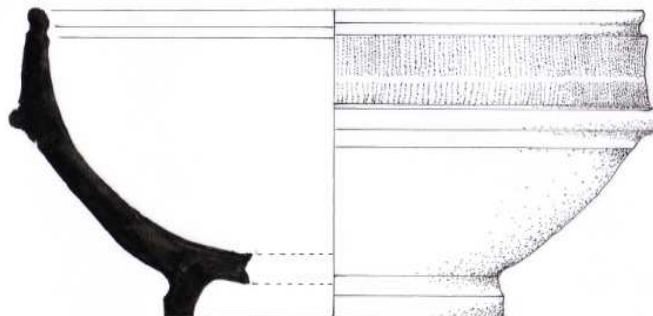


Foto n.º 4448

Sigillata Italica (Puteoli)

Forma: Conspectus 33. Ligeiramente maior do que a peça descrita anteriormente, supondo tratar-se da elaboração do mesmo oleiro. Decoração em *guilhoché* a ponteados e dividida em duas partes, canelura excessivamente larga na superfície superior, ressalto moldurado e separado da calote por uma canelura bem aprofundada. Perfil hemisférico.

Pasta: homogénea, consistente, macia, cor 8-D-6.

Verniz: mate bem aderente, com manchas no ressalto, camada espessa, cor vermelho acastanhado, 7-E-8.

Dimensões: fragmento com o perfil 90% completo, e vestígio de marca do oleiro, o diâmetro do bordo com 120mm e o fundo com 65mm. Capacidade de 295cm³.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 63 – I I C – 7. Gav. 520 – S. 8.

Ficha n.º 25

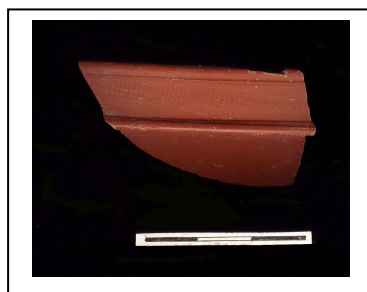
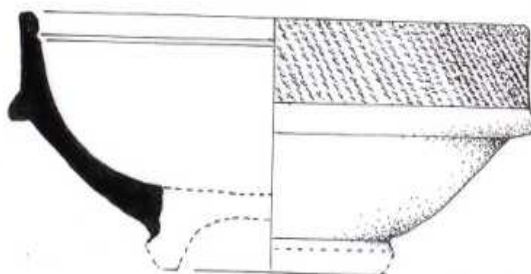


Foto n.º 4734

Sigillata Italica

Forma: Dragendorff 24/25. De perfil em calote, esvadada, com lábio boleado internamente, destacada por canelura. Decoração em *guilhoché* com elaboração muito perfeita e fina, em diagonal, rematada pelo ressalto saliente na separação da coroa decorada e a calote.

Pasta: compacta, heterogénea, bom fabrico, desengordurantes (minerais de quartzo), cor vermelho 8-B-5.

Verniz: bem aderente, camada espessa, cor vermelha escuro, 8-C-6.

Dimensões: fragmento de pequena taça com o bordo de diâmetro 80mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 63-I E-7.Gav. 521-Saco sem n.º.

Ficha n.º 26

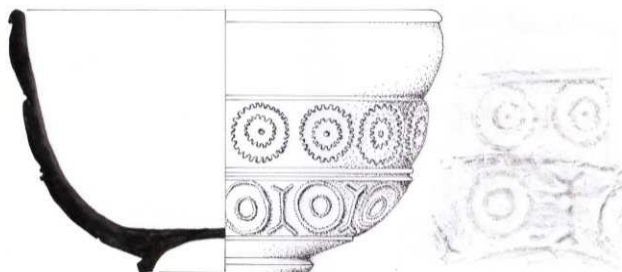


Foto n.º 4711

Sigillata Italica

Forma: Dragendorff 29.

Pasta: heterogénea, grosseira, espessa, cor rosada escura, 8-C-6.

Verniz: verniz brilhante, aderente, camada espessa, cor acastanhada, 8-D-6.

Decoração: friso central de círculos concêntricos ondulados e friso inferior de círculos concêntricos lisos, alternados por ramo bifocal.

Dimensões: dois fragmentos com parede e bordo de diâm.130mm e o fundo diâm. 50mm, capacidade de 563cm³. Com perfil completo.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 66 - J-1. Gav. 519 - S 10.

Ficha n.º 27

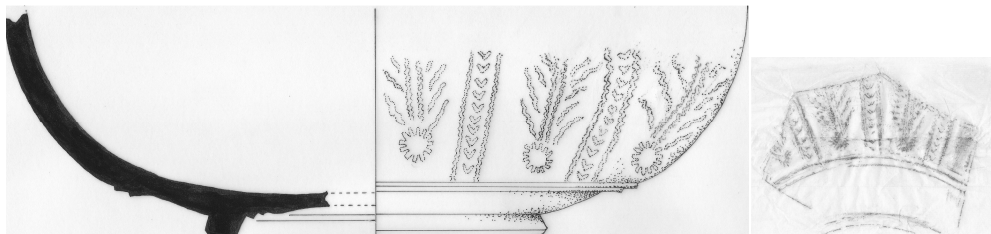


Foto n.º 4379

Sigillata Italica

Forma: Dragendorff 37.

Pasta: homogénea, fina, cor bege escuro, 7-C-5.

Verniz: mate, bem aderente, cor granã acastanhado escuro, 8-E-8.

Decoração: dois fragmentos que formam paredes com linhas verticais ladeando ramo bifoliado, flores a rematar ramo com duas linhas onduladas e folhas estilizadas.

Dimensões: fundo do vaso com diâmetro 85 mm e pé de secção triangular.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 64 -B-13. Gav. 522- S. 5.

Ficha n.º 28

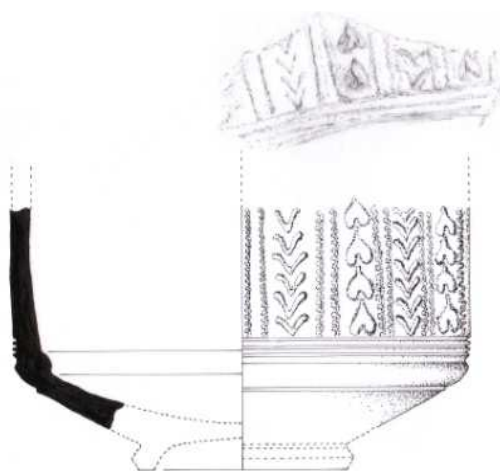


Foto n.º 4411

Sigillata Italica

Forma: Dragendorff 30.

Pasta: boa qualidade, bem trabalhada, homogénea, cor bege escuro, 8-D-6.

Verniz: muito aderente de camada muito fina, brilhante, cor granã acastanhada, 7-E-8.

Decoração: registos verticais alternantes de ramos bifoliados e figuras cordiformes, separadas por duplas linhas onduladas, remates inferior por moldura de caneluras

Dimensões: dois fragmentos de parede com o diâmetro aproximado de 130mm. Face interior com meia- cana na direcção da carena.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 66-B-12-S⁰. Gav. 521 – S.11.

Ficha n.º 29

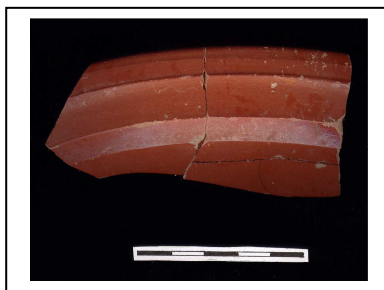
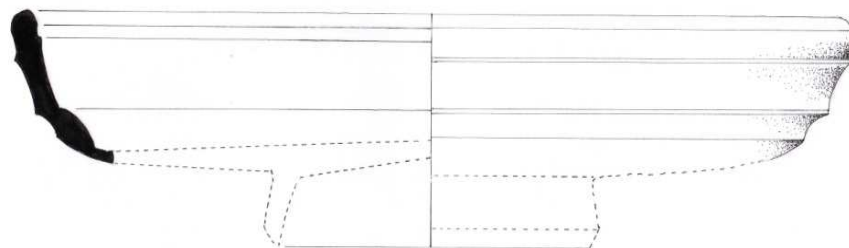


Foto n.º 4426

Sigillata Galica

Forma: Dragendorff **15/17**. Perfil muito delicado e alongado; bordo esvasado, paredes côncavas e encurvadas para o interior; larga barra em ressalto decora o exterior. No interior tem, junto ao fundo meia cana corrida.

Pasta: fractura rectilínea, vacúolos, desengordurantes, cor vermelho rosado, 8-C-6.

Verniz: muito brilhante e aderente, camada espessa, cor vermelha escuro, 8-D-6.

Dimensões: fragmento de bordo e parede de um prato, *catinus pedalis* com o diâmetro de 200mm. Capacidade de 836cm³.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 68-F¹-5. Gav. 522 – S. 28.

Ficha n.º 30

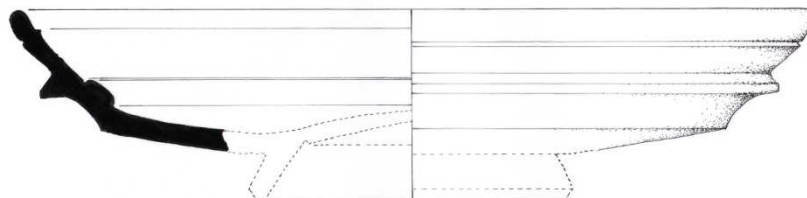


Foto n.º 4425

Sigillata Sudgalica

Forma: Dragendorff **15/17**. Bordo esvasado, levemente côncavo interiormente, lábio boleado, destacado no interior por ressalto; na face interior tem uma meia-cana rectilínea envolvente; na face exterior uma canelura aprofundada e uma saliência em pega corrida, dividindo a parede exterior que se une ao fundo em ângulo aberto.

Pasta: muito consistente, densa, homogénea, bem trabalhada, facetada e rectilínea, cor vermelha, 8-C-6.

Verniz: muito brilhante e grande aderência, camada espessa, cor vermelho vivo, 8-D-8

Dimensões: fragmento de bordo com parede de um prato, *catinus pedalis*, com o diâmetro de 210mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 521-B-12. Gav. 521- Saco sem n.º.

Ficha n.º 31

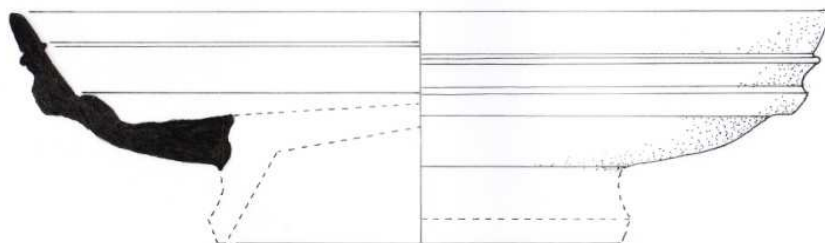


Foto n.º 4358

Sigillata Galica

Forma: Dragendorff **15/17**. Bordo espesso e oblíquo; adelgaçando para o lábio, face interior com moldura e meia-cana; face exterior com ressalto na zona média e caneluras; fundo tem perfil convexo interna e externamente.

Pasta: muito consistente, homogénea, desengordurantes, poucos vacúolos, fractura rectilínea, cor vermelho rosado, 8-C-5.

Verniz: mate muito aderente, com manchas, cor vermelho acastanhado, 8-D-6.

Dimensões: fragmento de bordo e parede de um prato, *catinus pedalis*, com o diâmetro de 160mm. Capacidade 318cm³.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. (descontextualizada). Gav. 519 - S.9.

Ficha n.º 32

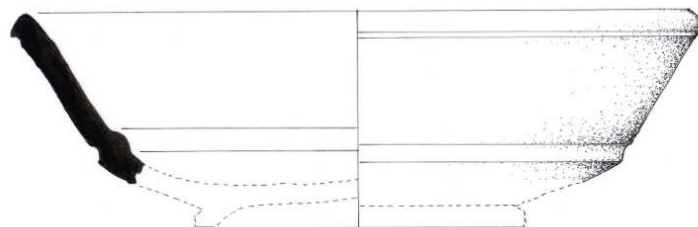


Foto n.º 4429

Sigillata Sudgalica

Forma: Dragendorff **15/17**. Bordo de paredes muito adelgadas e extrovertidas. Lábio espesso vincado exterior, ressalto exterior formado por muito larga canelura. Face interior com meia-cana separadora do fundo coincidente com a canelura exterior.

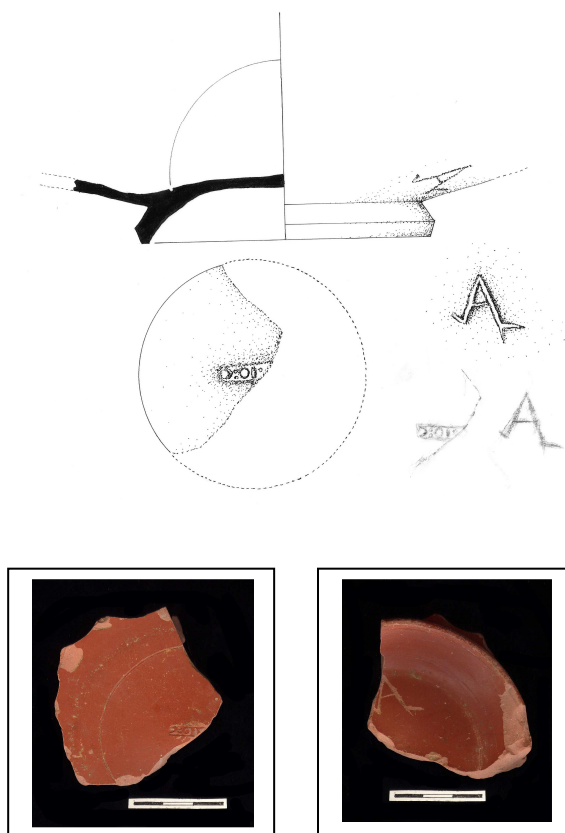
Pasta: heterogénea, porosa, desengordurantes, vacúolos, cor, rosado vivo 7-C-6.

Verniz: mate, bom estado de aderência, camada espessa, cor vermelho vivo, 7-D-7.

Dimensões: fragmento de parede e bordo de um prato com o diâmetro 160mm. Capacidade 305cm³.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 63-I-H-5. Gav. 521-Saco sem n.º.

Ficha n.º 33



Fotos n.º 4430/33

Sigillata Sudgalica

Forma: Dragendorff **15/17**. Fundo com o pé alto terminando em ponta de secção triangular; no meio da superfície côncava exterior existe um grafito com nexo **VAL** nas letras **V**, **A** e **L** (supostamente do nome *Valerius*). Espessura fina detecta-se a superfície encurvada do fundo, onde se localiza uma ranhura circular com vestígio da marca do oleiro *P. Cornelius C: O I [...]*, Coloca-se a hipótese de se encontrar invertida.

Pasta: consistente, densa, com desengordurantes e vacúolos, cor rosada, 8-C-6.

Verniz: aderente, pouco brilhante, camada espessa, cor vermelho vivo, 8-D-7.

Dimensões: Fragmento do fundo de um prato com o diâmetro de 90mm. Vestígio de marca.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. (descontextualizada). Gav. 521 – S. 23.

Ficha n.º 34

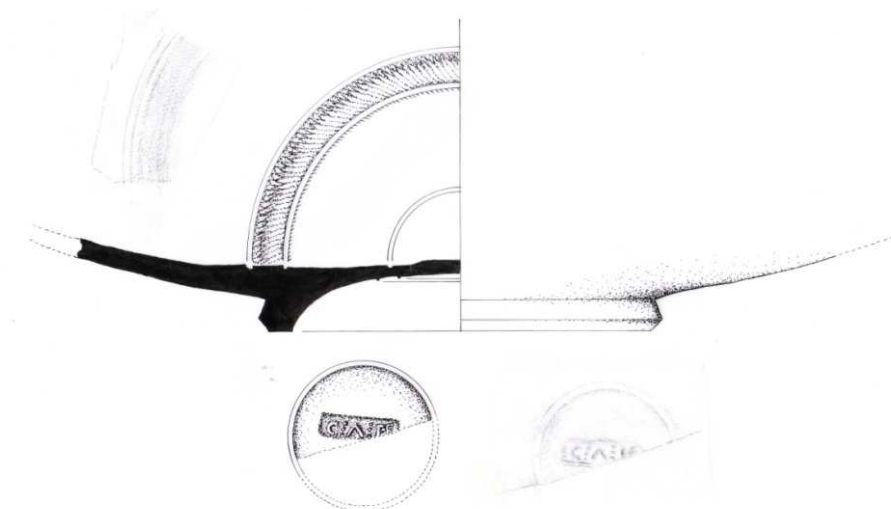


Foto n.º 4434

Sigillata Sudgalica

Forma: Dragendorff **15/17**. Fundo espesso com o pé de secção poligonal. No interior, coroa circular decorativa com diâmetro de 120mm, e largura de 12mm em *guilhoché* de duas divisões associada a caneluras. Marca de oleiro ligeiramente fracturada, com o cartucho de cantos quadrados \equiv C:A:F[...], suposto ser abreviatura de CI(*nus*) AE (*mitius*) FE(*cerus*).

Pasta: muito consistente, grossa, densa, fractura facetada, cor bege escuro, 7-B-4.

Verniz: muito brilhante, vítreo, aderente, com manchas, cor acastanhada, 7.D.8.

Dimensões: conjunto de vários fragmentos de um prato de grandes dimensões, cujo fundo mede de diâmetro 110mm.

Depósito: Museu Monográfica de *Conimbriga*. Ref. 68-F₁-5.Gav. 522 – S. 43.

Ficha n.º 35

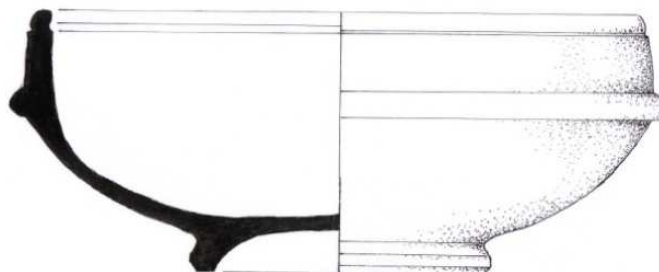


Foto n.º 4815

Sigillata Sudgalica

Forma: Dragendorff **24/25**. Taça de perfil elíptico. Parede espessa até ao meio da pança, estreitecendo em direcção ao fundo. A superfície onde normalmente tem decoração de guiloché encontra-se lisa. Pé de secção trapezoidal, facetado.

Pasta: heterogénea, desengordurantes, vacúolos, consistente, cor rosada, 7-C-7.

Verniz: aderente, brilhante, camada espessa, cor vermelho vivo, 8-D-7.

Dimensões: três fragmentos que formam o perfil completo da taça de grande dimensão para a tipologia desta forma. Bordo com o diâmetro de 130mm e o fundo de 60mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 63-II-6. Gav. 521 – S.20.

Ficha n.º 36

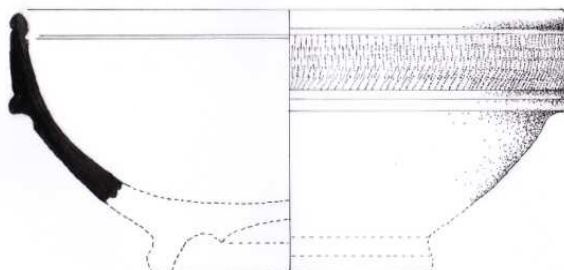


Foto n.º 4454

Sigillata Sudgalica

Forma: Dragendorff **24/25**. Paredes em calote, decoração de *guilhoché* pouco profundo com imperfeições de fabrico, em linhas verticais e oblíquas.

Pasta: consistente, com diversos tamanhos de desengordurantes, vacúolos, fractura rectilínea, cor vermelha escuro, 8-D-6.

Verniz: brilhante, bem aderente, camada espessa, cor acastanhada, 7-D- 8.

Dimensões: dois fragmentos de bordo e parede com o diâmetro de 120mm.

Depósito: Museu Monográfica de *Conimbriga*. Ref. 63-I-E-7. Gav. 521- S.9.

Ficha n.º 37

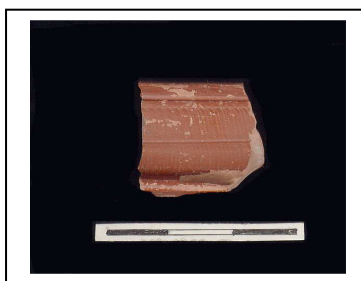
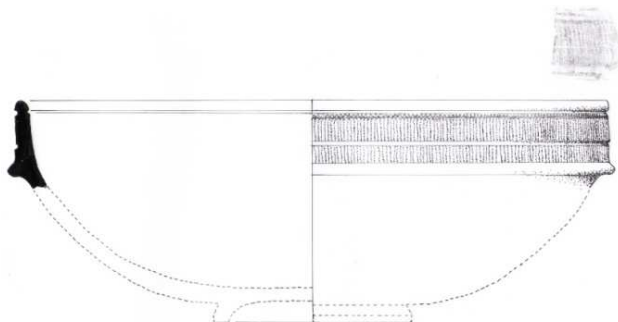


Foto n.º 4450

Sigillata Sudgalica

Forma: Dragendorff 24/25. Bordo em aro, com lábio bolado, destacado por caneluras. Decoração em guiloché dividido com ranhura a meio, formado por linhas finas e bem rematadas por minúsculos losangos. Ressalto bem saliente separando-se do início da calote da calote a fita em aro do bordo.

Pasta: bem elaborada, macia, consistente, cor rosado vivo, 8-C-5.

Verniz: brilhante, aderente, camada espessa, cor vermelho vivo, 8-D-6.

Dimensões: pequeno fragmento de bordo com o diâmetro de 180mm, indicador de uma peça com grande dimensão segundo os parâmetros da sua forma.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 66-B-12.5.0/69-8-F¹. Gav. 519 – S.

Ficha n.º 38

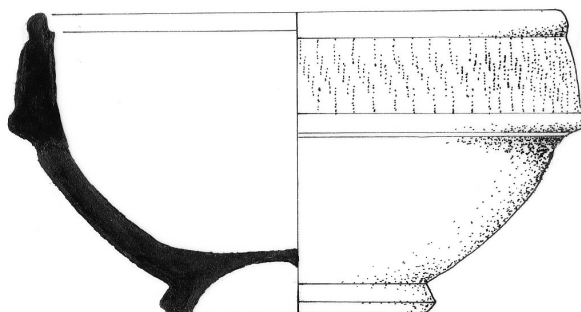


Foto n.º 4452

Sigillata Sudgalica

Forma: Dragendorff 24/25. Bordo adelgaçando para o lábio, boleado e destacado por caneluras; copa hemisférica, destacada da coroa decorada que a encima. Decoração com *guilhoché*, muito fino; fundo horizontal interiormente em aro, limitado em superfície exterior côncavo; pé estreito, secção trapezoidal.

Pasta: fractura rectilínea, facetada, compacta, boa elaboração, cor rosado escuro, 7-C-6.

Verniz: bem aderente, mate, camada espessa, cor vermelho escuro, 7-D-8.

Dimensões: fragmento de uma pequena taça com perfil completo fino e equilibrado, vestígio de marca do oleiro e o diâmetro do bordo 80mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 63-I-F-7. Gav. 521 – S.2.

Ficha n.º 39

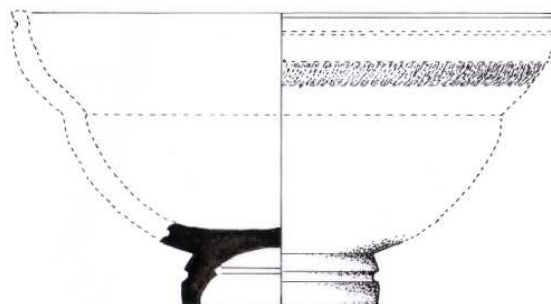


Foto n.º 4713

Sigillata Sudgalica

Forma: Goudineau 32. Vestígio de parede espessa, pressupõe-se com decoração, imperfeições de fabrico; Pé muito alto, base larga, dividida por canelura muito larga entre a parte inferior vertical e a superior, oblíqua.

Pasta: bem trabalhada, consistente, macia, cor rosa claro, 7-C-6.

Verniz: mate, bem aderente, cor vermelho claro, 7-D-8.

Dimensões: fragmento do fundo e pé de diâmetro 40mm

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 68-F¹-4.Gav. 519 – S. 6.

Ficha n.º 40

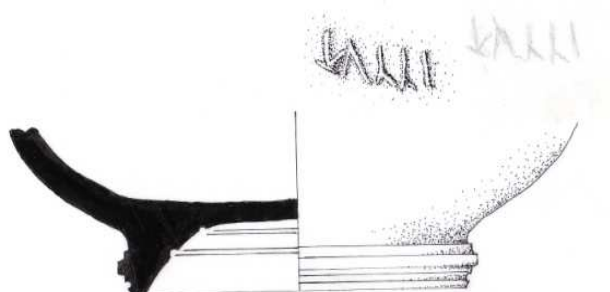


Foto n.º 4464

Sigillata Sudgalica

Forma: Dragendorff 27. Perfil em calote de parede espessa junto ao pé tem um grafito **VALLI** que se encontra invertido; pé alto bem elaborado e elegante, com caneluras e molduras facetadas; interior do pé com caneluras

Pasta: porosa, heterogénea, com desengordurantes e vacúolos, cor amarelada, 7-C-6.

Verniz: brilhante, aderente, camada fina, cor vermelho vivo, 7-D-8.

Dimensões: fragmento com parede e fundo com o diâmetro de 70mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 68-F¹-4. Gav. 522 – S- 36.

Ficha n.º 41

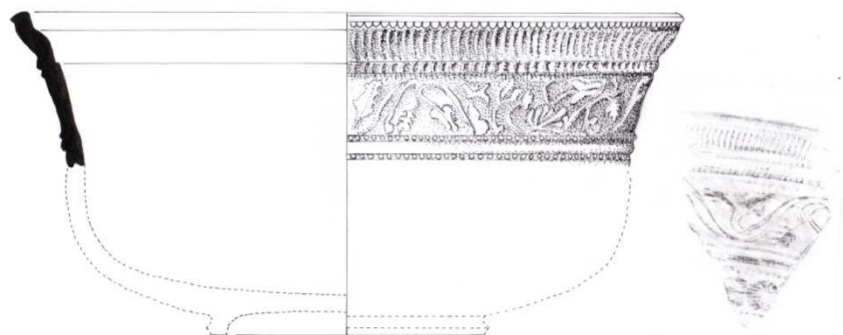


Foto n.º 4380

Sigillata Sudgalica

Forma: Dragendorff 29.

Pasta: fina, com pequenos vacúolos, homogénea, 8-C-5.

Verniz: mate, aplicação de mergulho, bem aderente, camada espessa cor vermelho vivo 7-D-7.

Decoração: friso superior com guilhoché profundo, dividido por canelura larga também decorada. Friso central com grinalda vegetal com flores de várias formas, folhas de era. Moldura larga separadora, com dois frisos de pequenas meias luas Vaso de médio tamanho, com muita elegância, requinte e bom fabrico.

Dimensões: dois fragmentos de bordo de um vaso com o diâm. 200mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 67-E-4. Gav. 519 – S.26.

Ficha n.º 42

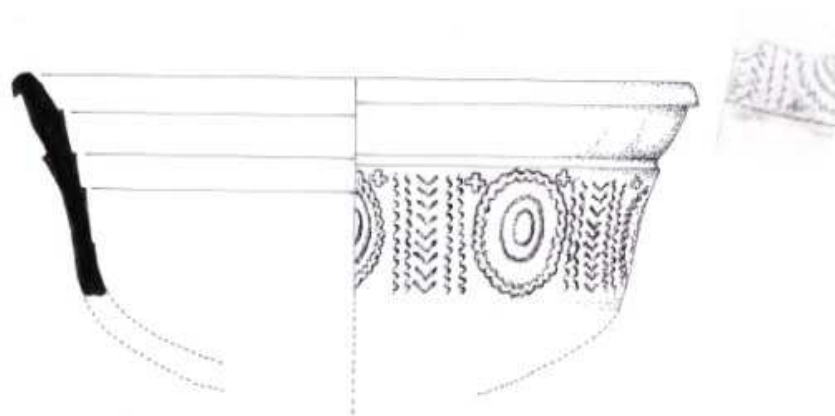


Foto n.º 4382

Sigillata Sudgalica

Forma: Dragendorff 29.

Pasta: heterogénea, com desengordurantes e vacúolos, cor vermelho, 8-D-6.

Verniz: vermelho acastanhado 7-D-7, bem aderente, brilhante, camada espessa.

Decoração: círculo ondulado circunscrevendo dois círculos lisos, alternados por ramos verticais bifoliados, que estão ladeados por duas linhas onduladas.

Dimensões: fragmento do bordo com o diâm. 160mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 72-B-F⁴-8. Gav. 522 - S 48.

Ficha n.º 43

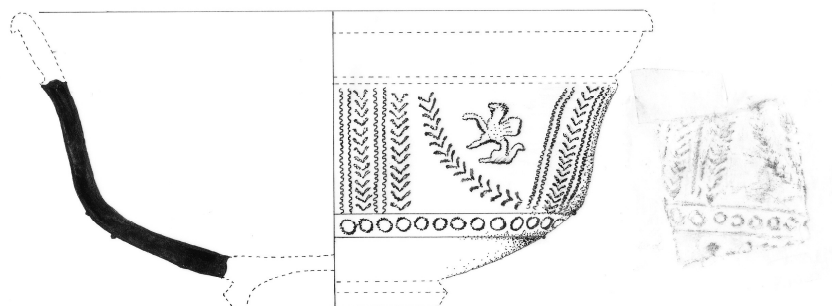


Foto n.º 4385

Sigillata Sudgalica

Forma: Dragendorff 29.

Pasta: heterogénea, cor vermelha alaranjada, 7-C-7.

Verniz: brilhante, bem aderente por mergulho, cor vermelha claro 7-B-7.

Decoração: com pérolas a fiada separadora do friso inferior; friso central com métopas formadas com motivos zoomórficos e ramos bifoliados verticais e em arco e linhas onduladas verticais e paralelas.

Dimensões: fragmento de parede com diâmetro aproximado de 130mm e capacidade de 723cm³.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 68-F¹-4. Gav. 522 – S. 62.

Ficha n.º 44

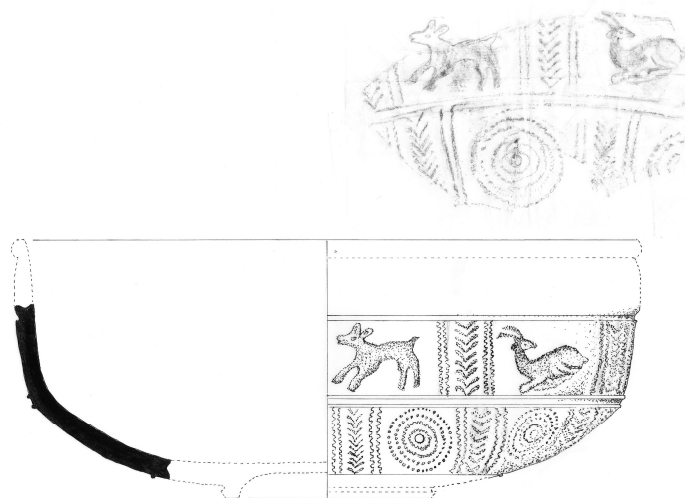


Foto n.º 4389

Sigillata Sudgalica**Forma:** Dragendorff 29/37.**Pasta:** espessos desengordurantes, heterogénea, cor alaranjada, 7-C-6.**Verniz:** aderente de mergulho, brilhante, cor vermelha alaranjada, 7-C-7.

Decoração: duas caneluras bem acentuadas são separadoras de dois registos decorativos; o friso inferior com linhas onduladas e ramo bifoliado alternando com quatro círculos dentados e ondulados. Friso superior com métopas de motivos zoomórficos (veado deitado e cordeiro), linhas onduladas e ramos bifoliados separadores.

Dimensões: dois fragmentos de parede com diâmetro aproximado de 180mm.**Depósito:** Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 68 – F¹ – 5. Gav. 522 – S 60.

Ficha n.º 45

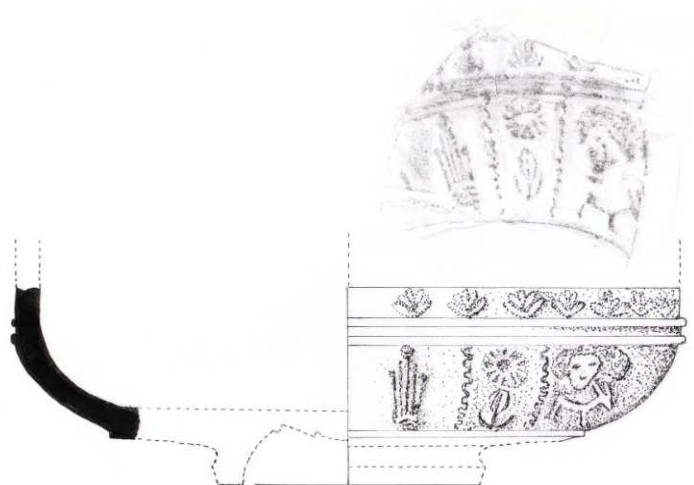


Foto n.º 4375

Sigillata Sudgalica

Forma: Dragendorff 37.

Pasta: muitos desengordurantes, cor rosada e alaranjada, 7-C-6.

Verniz: aderente, brilhante, cor castanho-escuro, 8-D-6.

Decoração: friso superior com alinhamento de flores palmitadas; duas nervuras, coincidentes com a carena separam os dois registos. Friso inferior com motivo de máscara feminina, veado, flores e linhas onduladas.

Dimensões: fragmento da parede de um vaso com o diâmetro aproximado de 140mm, muito consistente.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Descontextualizado. Gav.519 – S. 10.

Ficha n.º 46

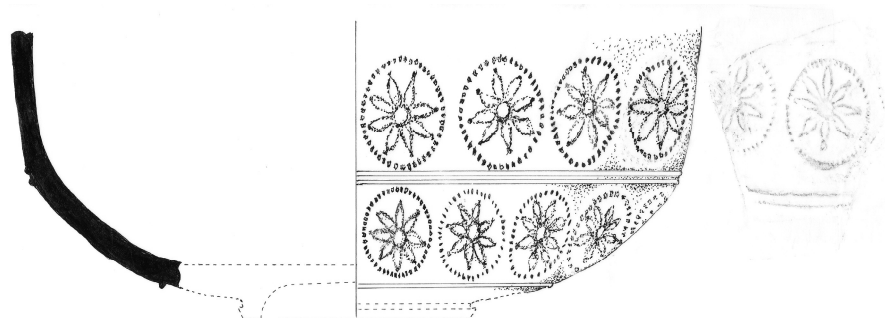


Foto n.º 4403

Sigillata Galica

Forma: Dragendorff 37.

Pasta: porosa, leve, heterogénea, cor vermelho claro, 8-C-6.

Verniz: brilhante, aderente por mergulho, cor vermelha escuro, 8-D-6.

Decoração: círculos dentados, contornando flores de oito pétalas pontiagudas, formam o friso inferior e central; dois registos decorativos. Separados por finas caneluras.

Dimensões: dois fragmentos de parede com diâmetro aproximado de 180mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 64-I-J-5. Gav. 522 – S. 55.

Ficha n.º 47

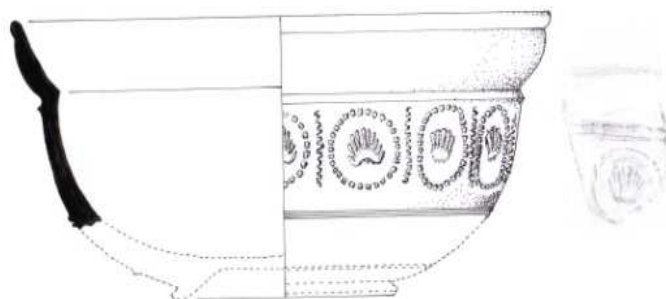


Foto n.º 4390

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff 29/37.

Pasta: macia, pequenos vacúolos, desengordurantes, cor alaranjada, 7-B-6.

Verniz: brilhante e aderente, cor alaranjada, 7-C-7

Decoração: com linhas onduladas alternadas por círculos dentados circunscrevendo palmitos com pétalas. Friso limitado por caneluras e molduras.

Dimensões: três fragmentos de bordo com o diâm. 150mm, apresenta-se com 60% do perfil do vaso.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 68-F¹-4. Gav. 522 – S. 51.

Ficha n.º48

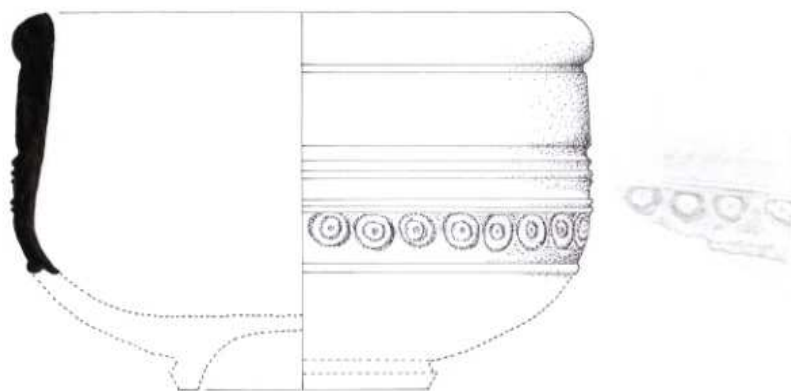


Foto n.º 4400

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff 37

Pasta: porosa, grossa, com vacúolos, desengordurantes bem visíveis, cor rosada 7-B-5.

Verniz: pouco aderente, camada fina, cor alaranjada, 7-C-6.

Decoração: motivo de círculos concêntricos com um ponto ao centro, estão tangentes um friso canelado. Na parte superior diversas caneluras.

Dimensões: fragmento de bordo almendrado de um vaso com diâmetro 150mm, muito espesso de 11mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 65-F¹-1. Gav. 522 - S.7.

Ficha n.º 49

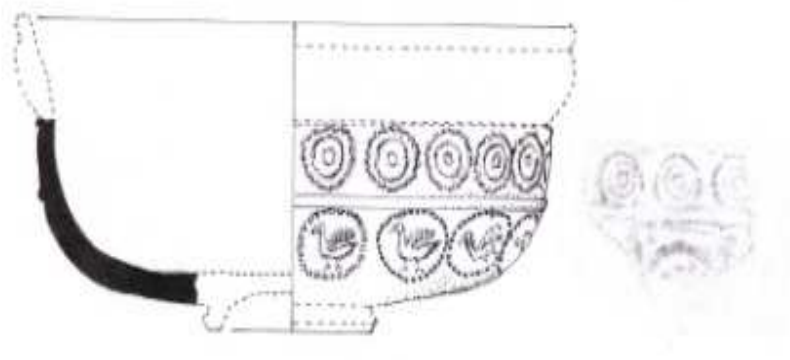


Foto n.º. 4386

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff 29.

Pasta: com vacúolos, porosa, heterogénea e desengordurantes, cor rosada, 7-C-6.

Verniz: mate, aderente, aplicado por imersão, cor vermelha alaranjada, 7-D-7.

Decoração: com motivo geométrico de dois alinhamentos de círculos concêntricos, lisos os do alinhamento superior. Friso inferior com aves no centro dos círculos dentados.

Dimensões: fragmento de parede com diâmetro aproximado de 90mm, capacidade 186 cm³.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 69-B-F¹-5. Gav. 522 – S. 59.

Ficha n.º 50

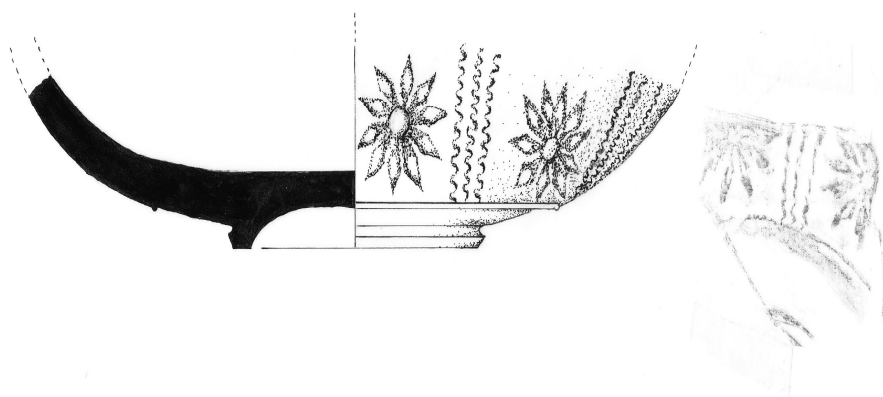


Foto n.º 4392

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff 37

Pasta: heterogénea, com desengordurantes bem visíveis e vacúolos, 7-C-6.

Verniz: com manchas claras, brilhante, aderente aplicado por mergulho, cor vermelha, 7-D-7.

Decoração: flores de doze pétalas pontiagudas, alternadas por três linhas onduladas, no friso inferior

Dimensões: fragmento do fundo de um vaso com diâmetro de 60mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 68-F¹-4. Gav. 522 – S 61.

Ficha n.º 51

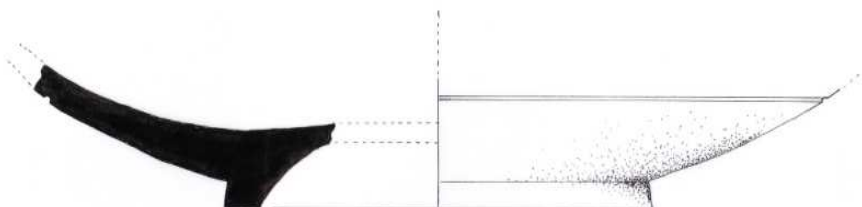


Foto n.º 4360

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff 37.

Pasta: grosseira, porosa, com vacúolos, desengordurantes, cor vermelha, 8-C-6.

Verniz: aderência razoável, pouco brilhante, com manchas claras, cor vermelho vivo, 8-C-6

Decoração: pequeno vestígio de motivo decorativo de linhas onduladas com a canelura no friso inferior.

Dimensões: fragmento do fundo de vaso com diâmetro de 85mm, pé com secção triangular.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 64-I-J- 6. Gav. 519 – S.17.

Ficha n.º 52

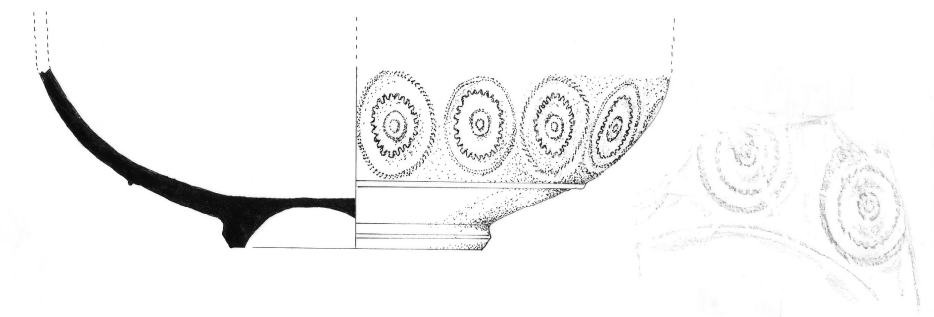


Foto n.º 4395

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff 37

Pasta: grossa, porosa, com desengordurantes, cor 7-C-6.

Verniz: aderente, aplicado por mergulho, cor vermelho alaranjado, 7-C-8

Decoração: no friso inferior, alinhamento de círculos concêntricos tríplexes de linhas dentadas lisas e entrançadas.

Dimensões: fragmento do fundo de um vaso com pé baixo de secção triangular, diâm. 65mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 67-I-8. Gav. 522 – S. 45.

Ficha n.º 53

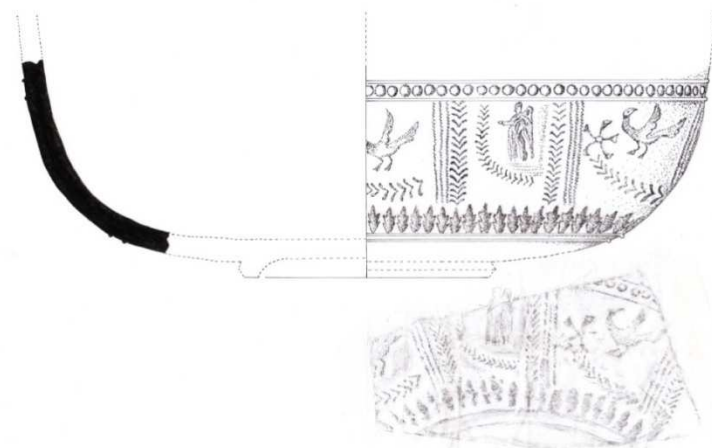


Foto n.º 4397

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff 37.

Pasta: muitos vacúolos de diversas dimensões, porosa, quantidade razoável de desengordurantes, cor rosada, 7-D-7.

Verniz: brilhante, aderente, espesso, cor vermelha escuro acastanhada, 7-D-8.

Decoração: muito enriquecida de motivos com métopas com três linhas onduladas, ramos bifoliados, aves, flores, ramos bifoliados curvos, figuras humanas. Friso inferior de palmetas separadoras, na horizontal. Friso superior caneluras e fiada de pérolas.

Dimensões: dois fragmentos de parede com diâmetro aproximado 250mm. Vaso de grande dimensão com espessura de 80mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 68-F¹-5. Gav. 522 – S. 56.

Ficha n.º 54

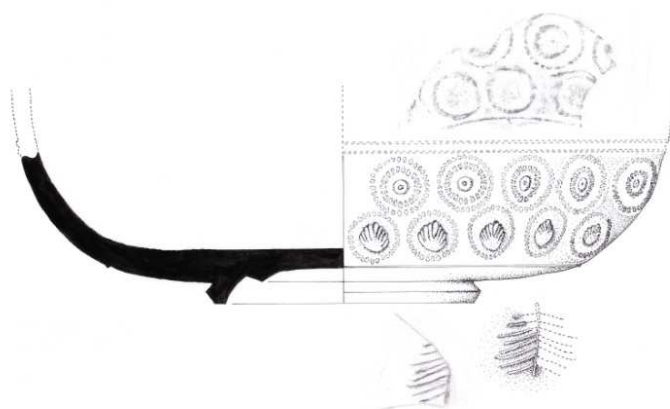


Foto n.º 4399

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff 37.

Pasta: heterogénea, muito consistente, com vacúolos e desengordurantes, cor rosada 8-C-6.

Verniz: mate, bem aderente por mergulho, espesso, cor vermelho escuro 8-D-6

Decoração: círculos concêntricos e friso com círculos com palmitos ao centro.

Dimensões: fragmento de parede com fundo de diâmetro 100mm, espessura de 6mm a 12mm e densa. Peça de grande dimensão, com pé em secção triangular, com grafito em forma de árvore, de oito ramos; o fabrico de má qualidade.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 67-I-6. Gav. 522 – S. 52.

Ficha n.º 55

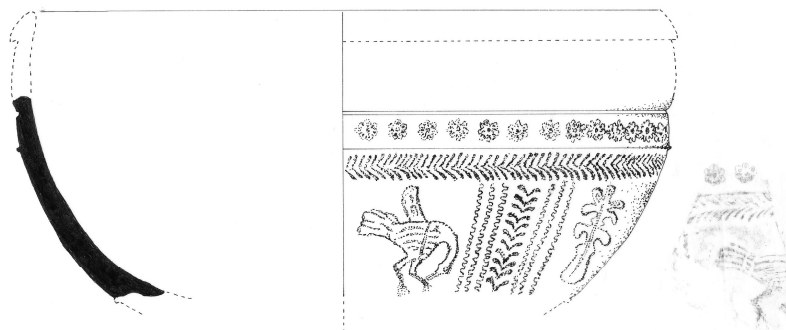


Foto n.º 4405

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff 37.

Pasta: porosa, grossa, heterogénea, com desengordurantes, cor vermelho rosado 7-C-6.

Verniz: brilhante, aderente por mergulho, cor vermelho vivo, 8-D-6

Decoração: friso superior de pequenas flores sobre um ramo bifoliado envolvente. Friso central com métopas com motivo de ave (garça) e árvore, três linhas onduladas ladeando um ramo bifoliado vertical.

Dimensões: fragmento de parede com diâmetro aproximado de 170mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 67-B-32. Gav. 522 – S. 57.

Ficha n.º 56

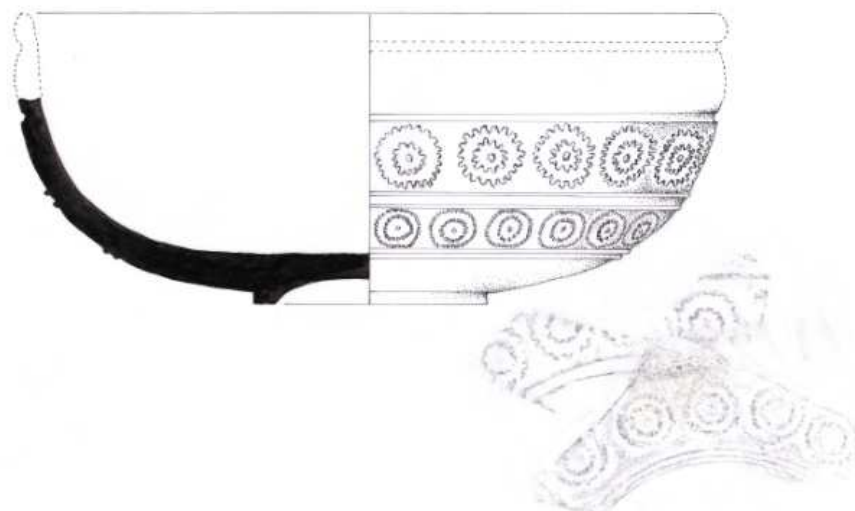


Foto n.º 4407

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff 37.

Pasta: heterogénea, porosa, grosseira, muitos desengordurantes e vacúolos, cor rosada viva, 8-C-5.

Verniz: brilhante, aderente, imperfeições de fabrico, cor vermelho vivo, 7-D-8.

Decoração: friso inferior com dois registos de círculos concêntricos dentados e imperfeitos, entre finas caneluras.

Dimensões: quatro fragmentos de parede e fundo com diâmetro de 60mm, que apresentam 90% do perfil do vaso, com pé muito baixo e gasto. Capacidade 1208cm³. Parede espessa 7mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 66-U-11. Gav. 522 – S. 46.

Ficha n.º 57

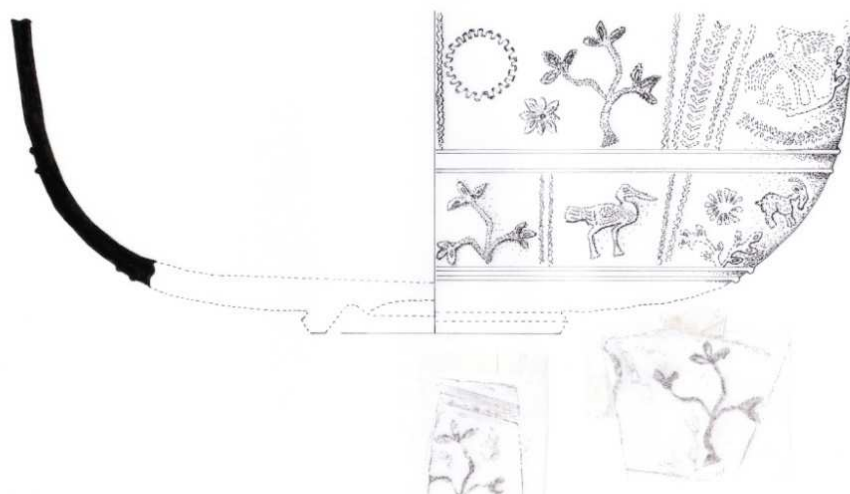


Foto n.º 4408

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff 37.

Pasta: com grandes vacúolos, pequenos desengordurantes, cor rosada, 8-C-6.

Verniz: mate, muito aderente, camada espessa, cor vermelho vivo 8-D-6.

Decoração: dois registos separados por finas caneluras, constituídos por métopas com motivos animais (cabra, garça, cegonha), linhas onduladas e motivos vegetais como árvores, flores, ramos bifoliados e círculo dentado.

Dimensões: dois fragmentos de parede de um vaso com bordo almendrado de grandes dimensões, com diâmetro aproximado de 220mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 64-I- J-6. Gav. 522 – S. 54.

Ficha n.º 58

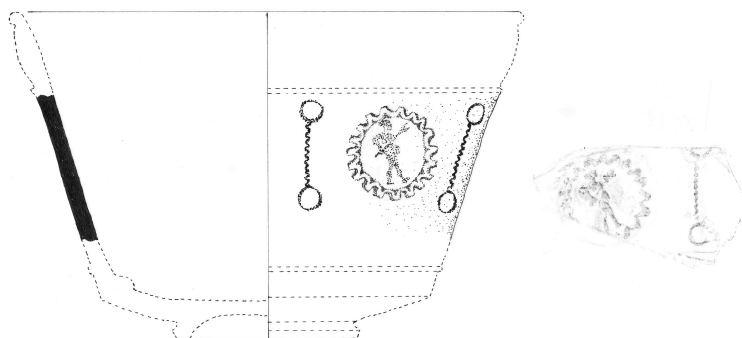


Foto n.º 4413

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff 30.

Pasta: porosa, heterogénea, com vacúolos, desengordurantes, cor rosada, 7-C-7.

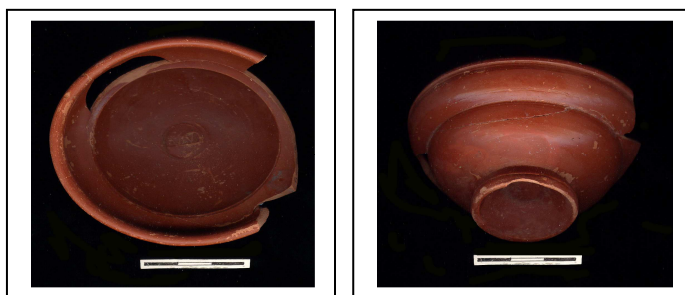
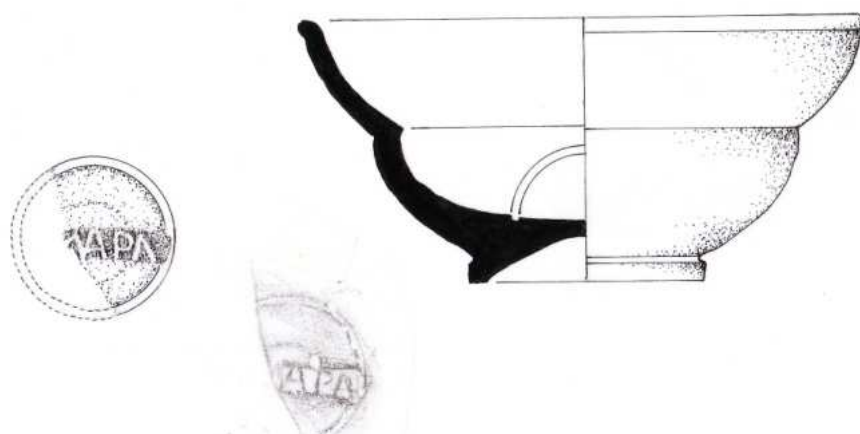
Verniz: aderente de mergulho, brilhante, cor vermelha alaranjada, 7-D-7

Decoração: círculo dentado com figura central de gladiador com tridente e linhas onduladas rematadas por pequenos círculos.

Dimensões: fragmento de parede de um vaso com espessura de 6mm e diâmetro aproximado de 110mm.

Depósito: Museu Monográfico de Conimbriga. Ref. 63-S-E. Gav. 522 – S. 53.

Ficha n.º 59



Fotos n.º 4470-72

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff 27. Paredes espessando em direcção do fundo, face exterior com estrias a toda a altura e imperfeições de fabrico; pé muito baixo e vertical separado da parede por uma larga canelura. Lábio boleado ligeiramente destacado. Marca do oleiro fracturada, inicialmente incompleta [...]VAPA, mas suficiente para identificar a oficina de *Valerius Paternus*. Cartucho (23x5mm) profundo com letras bem desenhadas.

Pasta: consistente, homogénea, raro vacúolos, cor rosado, 7-B-6.

Verniz: brilhante, aderente, camada fina, com manchas, cor vermelha alaranjada, 7-C-7

Dimensões: fragmento de taça com perfil completo, diâmetro do bordo 96mm, o fundo 40mm e altura 45mm. Capacidade 182cm³.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 66-F-1.Gav. 522 – S. 37.

Ficha n.º 60

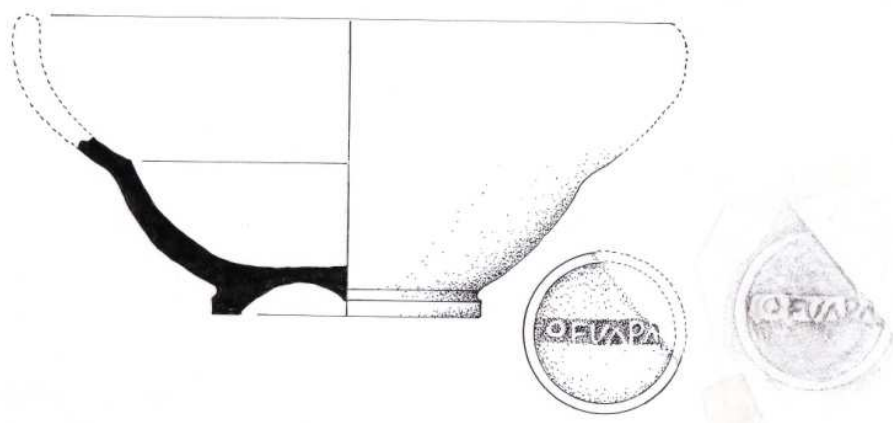


Foto n.º 4474

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff 27. Peça lisa e o interior com imperfeições de fabrico; pé muito baixo e vertical; fundo exterior com umbigo pontiagudo. Marca do oleiro *Valerius Paternus* (OF VAPA) completa, circunscrita por canelura de diâmetro 30mm, largura 2mm e profunda; cartucho fundo (25x5mm), letras grossas, bem legíveis.

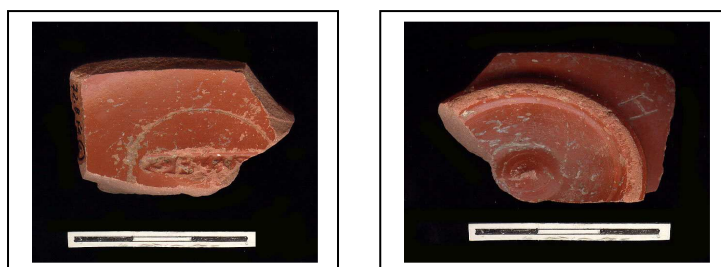
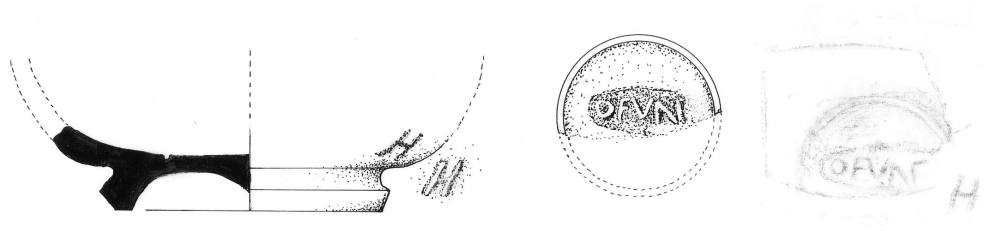
Pasta: fraca qualidade, desengordurantes, vacúolos, grosseira, cor rosada, 8-B-5.

Verniz: brilhante, aderente, com imperfeições, cor vermelha escuro, 8-C-6.

Dimensões: fragmento de parede e fundo com o diâmetro de 50mm. Capacidade de 301cm³.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 66-U-11. Gav. 522 – S. 38.

Ficha n.º 61



Fotos n.º 4477-78

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff 27. Parede exterior curvilínea com um grafito (**H**); pé baixo e de secção poligonal; exterior com estrias circundado pelo pé o umbigo muito volumoso e saliente. Marca de oleiro **OFVAI**[...], pouco visível, cartucho (22x5mm) irregular, pouco profundo.

Pasta: porosa, grandes desengordurantes e vacúolos, heterogénea, cor rosada, 8-B-5.

Verniz: brilhante, aderente, camada espessa, cor vermelha vivo, 8-D-6.

Dimensões: fragmento de um fundo e de com o diâmetro de 50mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 72-B - F^t -2. Gav. 522 – S. 39.

Ficha n.º 62

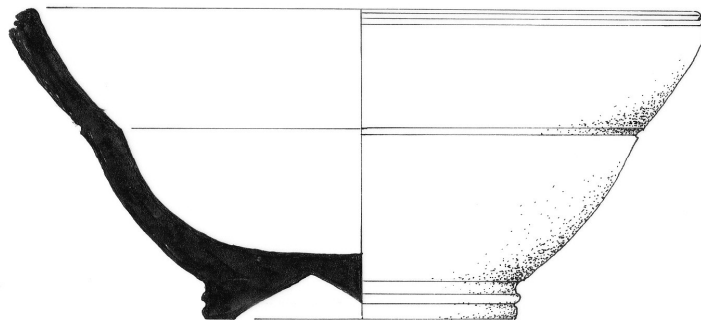


Foto n.º 4480

Sigillata Hispanica Tardia

Forma: Dragendorff 27. Lábio boleado com caneluras; paredes espessas no meio com ranhura profunda e larga; pé separado do fundo por fina ranhura, moldurado; exterior mostrando imperfeição de fabrico; umbigo pontiagudo.

Pasta: compacta, densa, desengordurantes e vacúolos, cor rosado escuro, 8-C-6.

Verniz: aderente, brilhante, cor alaranjada clara, 7-C-7.

Dimensões: fragmento colado de perfil completo com o bordo de diâmetro 110mm, fundo de 50mm. Capacidade 213cm³.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 68-F¹-4. Gav. 522 – S. 3.

Ficha n.º 63

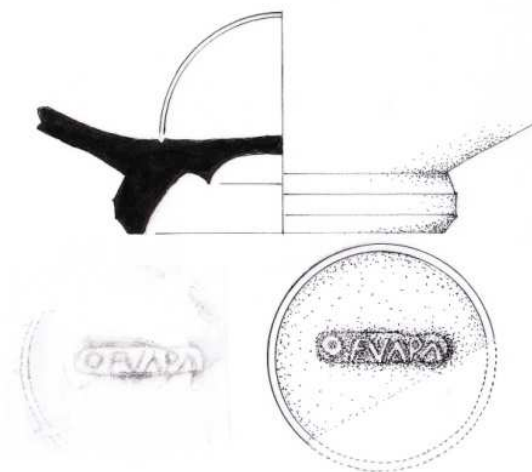


Foto n.º 4475

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff 27. Parede espessa; pé muito alto com secção trapezoidal, bem facetado; exterior do fundo com ressaltado moldurado, interior com marca de oleiro circunscrita por canelura de diâmetro 40mm; cartucho (23x5mm) de cantos redondos, profundo, bem legível (**OFVAPA**). Pertence o *sigillum* ao ceramista *Valerius Paternus*.

Pasta: consistente, homogénea, desengordurantes, vacúolos, cor rosado, 8-B-5.

Verniz: brilhante, camada fina, cor vermelha escuro, 8-C-6.

Dimensões: fragmento do fundo de taça e pé com o diâmetro de 60mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 68-F¹-4. Gav. 522 – S. 35.

Ficha n.º 64

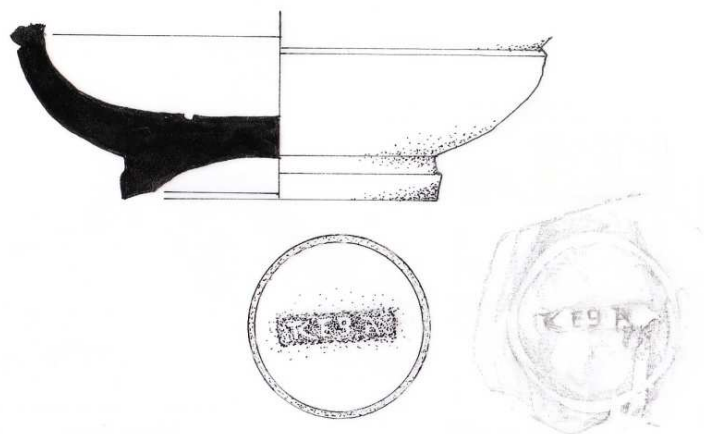


Foto n.º 4465

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff **27**. Parede engrossando na direcção do fundo, com canelura separadora da calote superior; pé de secção triangular; base larga e em rampa. Marca do oleiro *Trebius Tritiensis*, completa, circundada por largo círculo com o diâmetro de 28mm, cartucho (18x3mm), cantos rectangulares, letras bem desenhadas, finas e espaçadas (**TREB IP**), as letras **T R** ligadas por nexa **TR**.

Pasta: porosa, heterogénea, desengordurantes (minerais de quartzo) e grandes vacúolos, cor rosado vivo, 7-C-6.

Verniz: brilhante, bem aderente, fina camada, cor vermelho vivo, 8-D-6.

Dimensões: fragmento de parede de fundo e pé com o diâmetro de 50mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 67-E-5. Gav. 522 – S. 40.

Ficha n.º 65

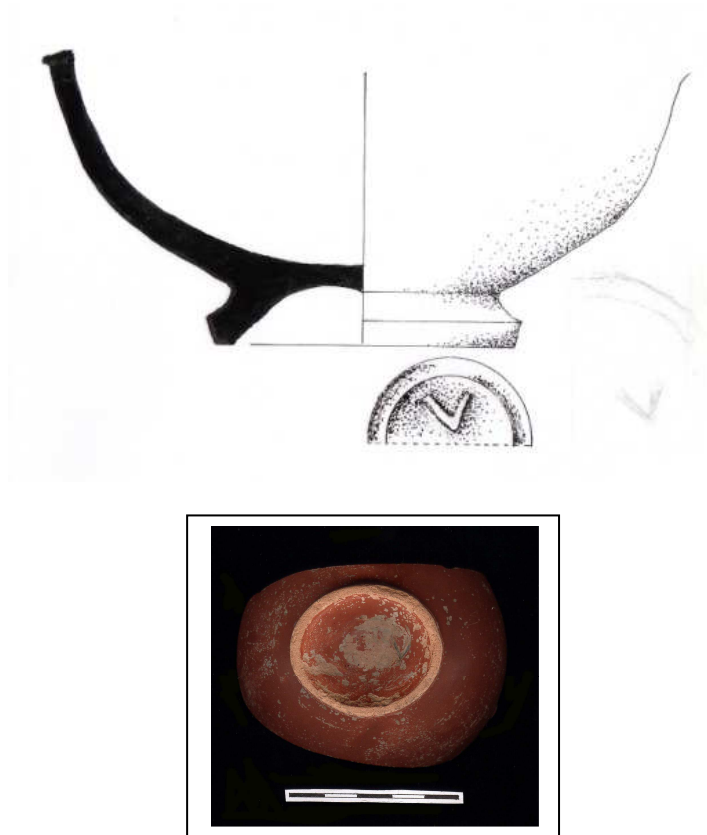


Foto n.º 4467

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff 27. Parede com espessura média entre 35 a 70mm, indicadora de peça de grande dimensão, com vestígio da canelura separadora da calote superior e fina ranhura rente ao fundo; pé de secção triangular; parede exterior com um grafito com a sigla (V) envolta numa canelura muito larga.

Pasta: desengordurantes (minerais quartzos), porosa, densa, cor rosada, 7-A-6.

Verniz: pouco aderente, estaladiço, brilhante, camada fina, com manchas, cor alaranjada, 7-C-8.

Dimensões: fragmento do fundo e de parede com o diâmetro de 50mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 67-E-4. Gav. 522 – S. 34.

Ficha n.º 66

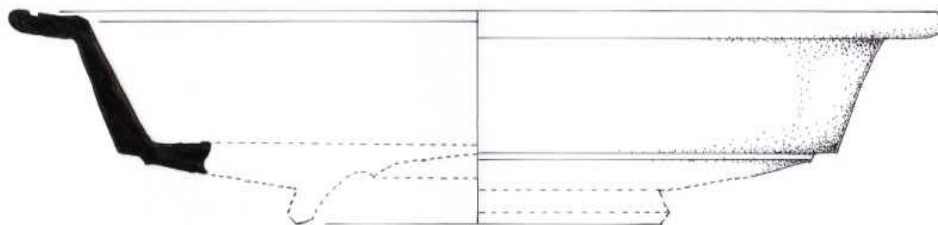


Foto n.º 4487

Sigillata Hispanica

Forma: Ludowici **Tb**. Prato de aba aberto para do exterior; lábio boleado, destacado da aba, por ressalto profundo, limitado por uma larga canelura.

Pasta: grosseira, heterogénea, grandes desengordurantes e vacúolos, cor rosada, 8-C-6.

Verniz: brilhante, fraca aderência, fina camada, cor vermelho vivo, 7-D-8

Dimensões: fragmento de parede e bordo com o diâmetro externo de 180mm e diâmetro interno 150mm. Capacidade de 261cm³.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 68-F¹-4. Gav. 522 – S. 31.

Ficha n.º 67

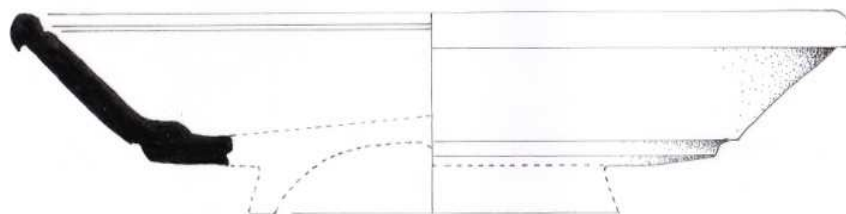


Foto n.º 4339

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff **15/17**. Bordo extrovertido lábio com canelura interna formando rebordo exterior. Parede acentuadamente oblíqua com ressalto de larga canelura seguimento do fundo e meia-cana corrida, no interior; fundo pano e horizontal.

Pasta: porosa, heterogénea, desengordurantes, cor vermelha alaranjada, 7-C-7.

Verniz: brilhante, aderente, estalado no ressalto externo, cor vermelho vivo, 8-D-7.

Dimensão: fragmento de parede e bordo com o diâmetro de 160mm. Capacidade 258cm³.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 63-I F-3. Gav. 521 – S. 11.

Ficha n.º 68

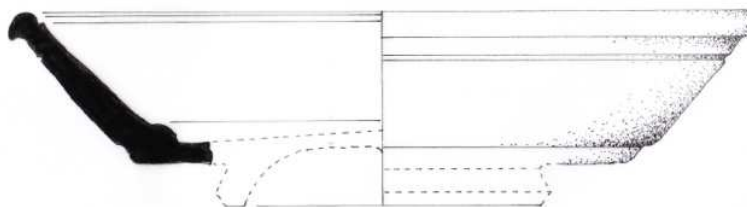


Foto n.º 4346

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff 15/17. Bordo de paredes oblíquas, esvasado, com lábio adelgado voltado para o exterior e vincado; o exterior termina em ressalto; uma meia-cana, interior coincidente com uma canelura externas e para as paredes do fundo.

Pasta: porosa, grossa, muitos desengordurantes e vacúolos, consistente, cor alaranjada, 7-C-6.

Verniz: brilhante, bem aderente, cor vermelho vivo, 7-D-7.

Dimensões: fragmento de parede e bordo de um prato com diâmetro de 140mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. (descontextualizado). Gav. 521 – S.11.

Ficha n.º 69

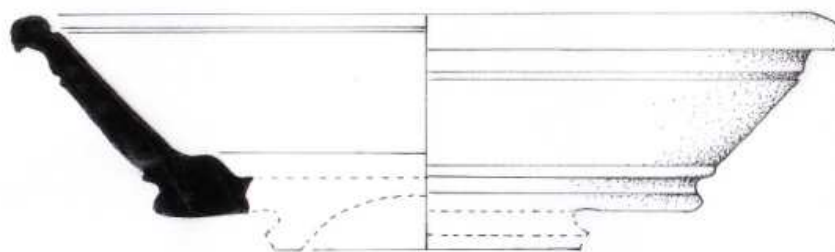


Foto n.º 4344

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff **15/17**. Minucioso aperfeiçoamento mesmo com imperfeições de fabrico, tem toque elegante e desgaste de muito uso. Semelhante à peça descrita anteriormente; na face exterior acentua-se a canelura muito larga que destaca o lábio, espesso e dobrado em aba.

Pasta: diversos desengordurantes, grandes e pequenos vacúolos, cor rosada, 7-C-6.

Verniz: com manchas, aderente, brilhante, cor vermelha alaranjada, 7-C-8

Dimensões: fragmento de bordo e parede com o diâmetro de 120mm. Capacidade de 146 cm³.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 67-E-4. Gav. 519 – S. 12.

Ficha n.º 70

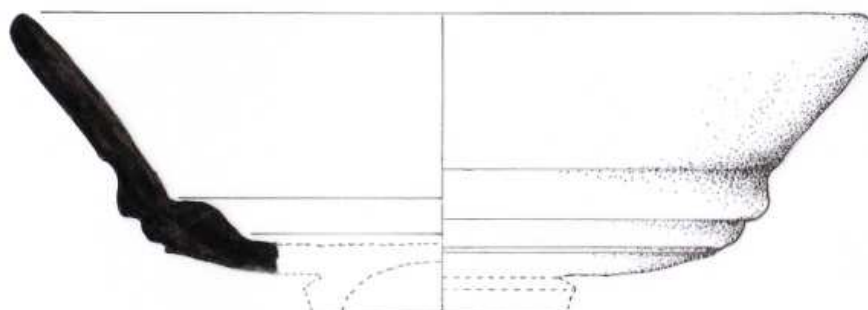


Foto n.º 4335

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff **15/17**. Vaso delicado, bem elaborado e torneado, bordo espesso, boleado. Fundo acentuadamente côncavo moldurado com ressalto saliente e caneluras finas. Face interior com meia-cana.

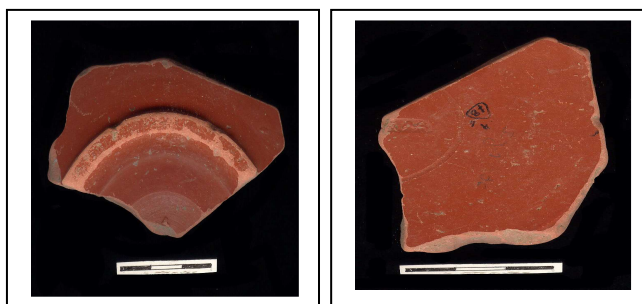
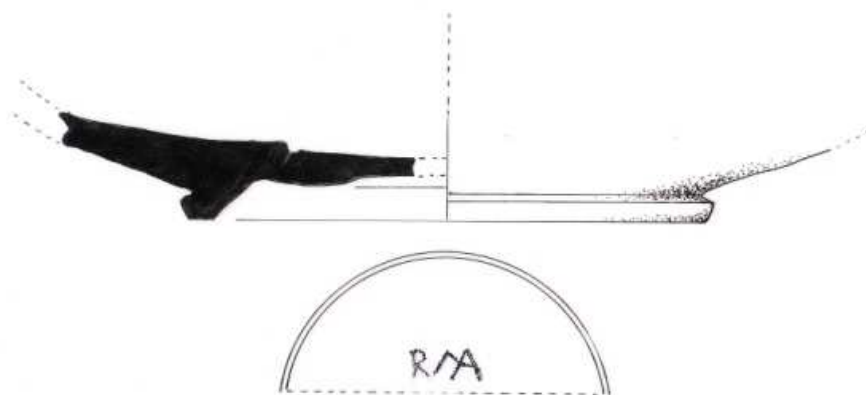
Pasta: densa, desengordurantes (minério de quartzo), consistente, cor rosado escuro, 8-C-5.

Verniz: brilhante, muito aderente, camada espessa, cor vermelha acastanhada, 7-D-8.

Dimensões: fragmento de bordo e parede com o diâmetro 130mm. Capacidade 249cm³.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 68-F¹ -4. Gav. 522 – S. 25.

Ficha n.º 71



Fotos n.º 4437/4354

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff 15/17. Pé muito baixo de secção triangular com larga base. Face interior com um círculo em ranhura, circunscrevendo o cartucho aproximadamente (25x4mm), está a marca do oleiro incompleta. O vestígio indica a parte final [...]**JR MA** em nexa nas letras **M** e **A**. Pertence à oficina do oleiro *Maternus*, supostamente representado (EX OF **MA**) do centro industrial de *Tritium Magallum (Tricio)*. (Mayet p.150).

Pasta: porosa, desengordurantes, poucos vacúolos, cor rosada alaranjada, 7-C-7.

Verniz: verniz muito aderente, brilhante, camada espessa, cor vermelha acastanhada, 7-D-7.

Dimensões: fragmento do fundo de um prato com o diâmetro de 74mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 64-I-J-1. Gav. 519 – S. 17.

Ficha n.º 72

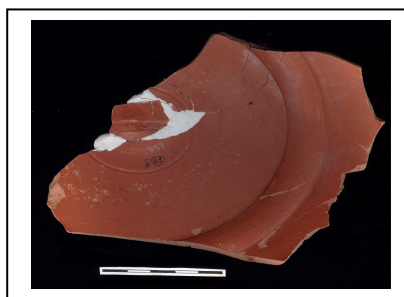
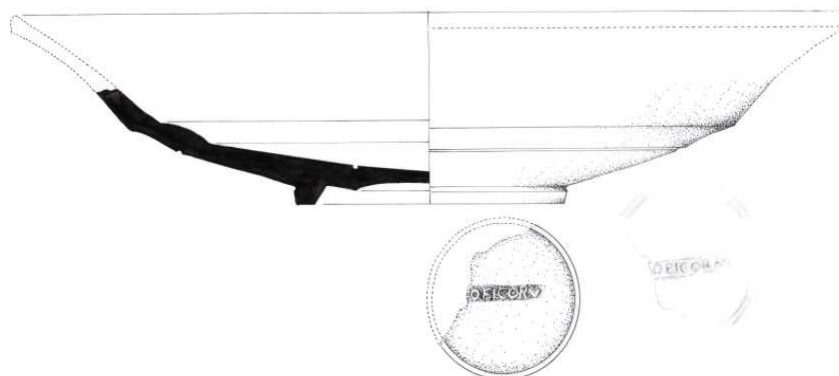


Foto n.º 4721

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff 15/17. Parede muito alta e curvilínea. A face interior comporta meia-cana espalmada e a exterior com um ligeiro ressalto, assinalado por uma canelura. Pé, em proporção às paredes, relativamente muito baixo e direito. Existe marca do oleiro a de *P. Cornelius* com *cartucho* (27x4mm) superficial; não se detectam os cantos; letras finas e espaçadas (**OFICORN**).

Pasta: grosseira, heterogénea, com desengordurantes e vacúolos, cor rosada, 8-A-5.

Verniz: mate, camada espessa, cor alaranjada clara, 8-C-6.

Dimensões: dois fragmentos completam o perfil de um grande prato com o diâmetro do fundo 90mm e do bordo 280mm, Capacidade de 1596 cm³.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 67-U-11^aGav. 522 – S.41.

Ficha n.º 73

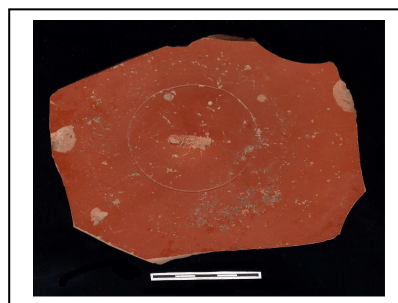


Foto n.º 7245

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff 15/17. Pé excessivamente alto 15mm de secção trapezoidal. O exterior do fundo termina com a estria em espiral no leve umbigo. Circunscrevendo a marca do oleiro, o círculo tem o diâmetro de 60mm com canelura larga, onde se localiza o cartucho completo (20x4), de cantos arredondados, profundo e de letras perfeitas (CAVPA....] com nexos nas letras A e o V, supondo tratar-se de um dos *sigillata* do famoso oleiro *Valerius Paternus*.

Pasta: consistente, heterogénea, macia, desengordurantes e vacúolos, cor rosada escuro, 8-A-6.

Verniz: consistente, heterogénea, macia, desengordurantes e vacúolos, cor rosada escura, 8-A-6.

Dimensões: fragmento do fundo de um prato de grandes dimensões, com o diâmetro de 110mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. (descontextualizado). Gav. 522 – S. 69.

Ficha n.º 74

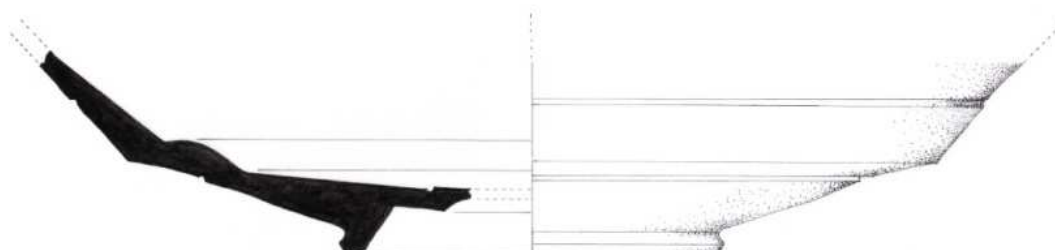


Foto n.º. 4439

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff **15/17**. Pé muito baixo aplanado, não revelando a total secção. Paredes de fina espessura têm no interior meia-cana e vestígio da marca do oleiro. Face exterior com caneluras e na superfície do ressalto a parede é côncava.

Pasta: heterogénea, grosseira, porosa, desengordurantes e vacúolos, cor vermelha escuro, 7-C-5.

Verniz: aderente, mate, com manchas, camada espessa, cor alaranjada e vermelho vivo, 7-C-7.

Dimensões: fragmento do fundo de um prato de grande dimensão, com o diâmetro de 85mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 66-F-1. Gav. 519 – S. 15.

Ficha n.º 75

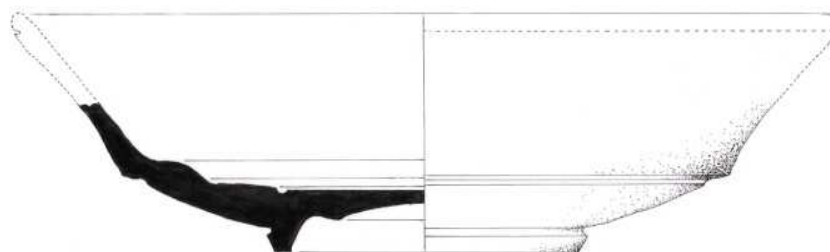


Foto n.º 4726

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff 15/17. Paredes esvasadas e oblíquas; meia cana no interior do fundo convexo. Pé muito baixo de secção triangular e base larga. O fundo exterior, limitado pelo aro de pé, tem um espessamento vincado com a parte central em calote, tornando o fundo do vaso de perfil plano-côncavo.

Pasta: heterogénea, desengordurantes (minerais de quartzo), grosseira, porosa, vacúolos, cor rosada, 8-A-6.

Verniz: mate, aderente, com manchas, cor vermelho vivo e alaranjada, 8-B-6.

Dimensões: fragmentos que constituem o perfil completo da forma do prato com o diâmetro de bordo 200mm e o do fundo com 75mm. Capacidade de 722cm³.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 66-J-1. Gav. 522 – Saco sem n.º.

Ficha n.º 76

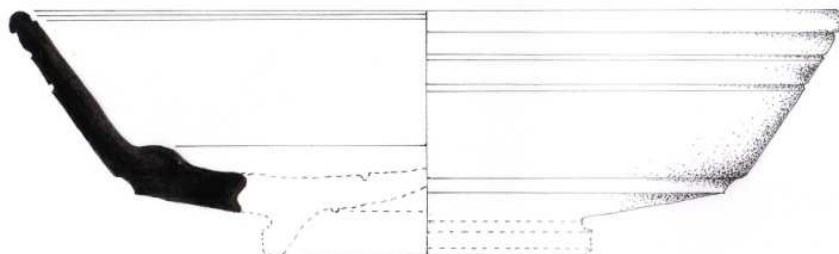


Foto n.º 4716

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff 15/17. Bordo extrovertido e fino. Lábio boleado e destacado por caneluras; meia cana entre o fundo e as paredes, coincide com canelura exterior. Fundo espesso e oblíquo.

Pasta: densa, desengordurantes e vacúolos, cor vermelha claro, 8-C-5.

Verniz: brilhante, aderente, consistente, cor vermelha escuro, 8-C-7.

Dimensões: vários fragmentos constituem o prato com o bordo de diâmetro 160mm. Capacidade de 376cm³.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 68-F¹-4. Gav. 522 – S. 11.

Ficha n.º 77

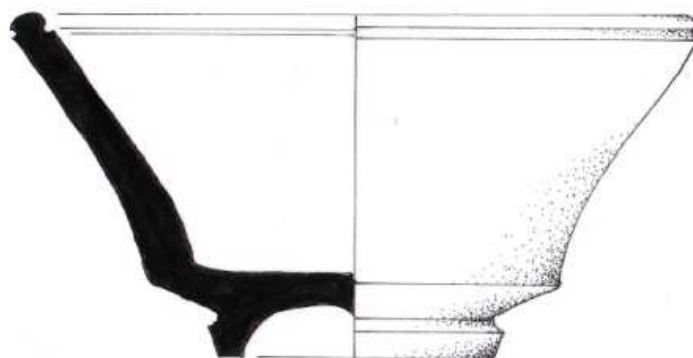


Foto n.º 4489

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff 33. Paredes de perfil extrovertido, lábio boleado e limitado por canelura, quer interna quer externamente. Paredes exteriores côncavas ligam-se a um fundo oblíquo. Pé de secção quadrangular; o fundo externo tem no centro umbigo pontiagudo.

Pasta: porosa, grossa, cor alaranjada clara, 7-C-6.

Verniz: brilhante, aderente, estalado rente ao pé, camada grossa, cor alaranjada, 7-D-7.

Dimensões: fragmentos formam perfil completo, bordo com diâmetro 100mm, fundo 40mm e altura 50mm. Capacidade 130cm³.

Depósito Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 68-B-F¹-4. Gav. 522 – S. 30.

Ficha n.º 78

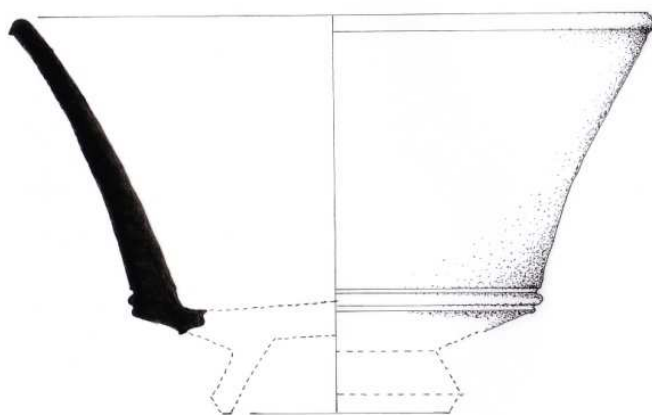


Foto n.º 4490

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff 33. Taça pouco vulgar de bom aspecto. Paredes extrovertidas, lábio adelgado, boleado no interior e vincado no exterior iniciando longa parede encurvada para o interior. Elaboração de boa qualidade.

Pasta: heterogénea, desengordurastes e vacúolos, cor rosado, 7-C-6.

Verniz: mate, aderente, consistente, camada fina, cor vermelho vivo 7-D-7

Dimensões: fragmento de parede e bordo com o diâmetro de 130mm.

Depósito: Museu Monográfica de *Conimbriga*. Ref. (descontextualizado). Gav. 522- S. 13.

Ficha n.º 79

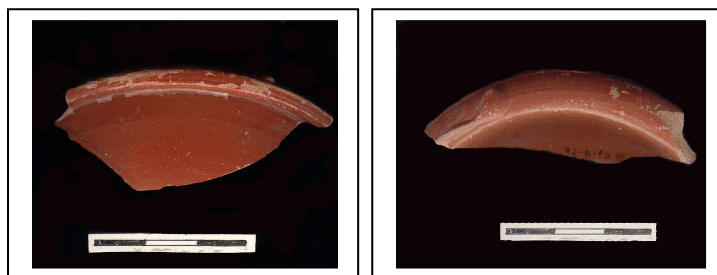
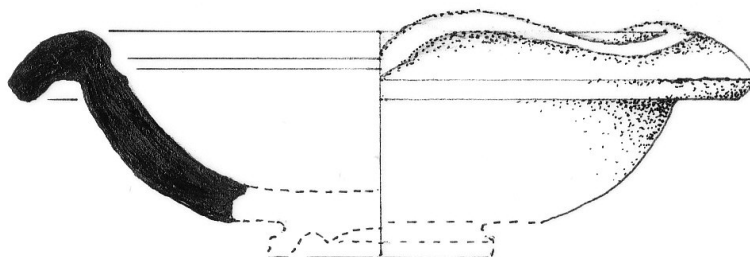


Foto n.º 4492-93

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff 36. Peça de pequenas dimensões de muito boa qualidade. Decorada com folha de água em barbotina na aba do bordo convexo, voltada para o exterior. Parede bem encurvada, face interior com canelura larga a separar a aba.

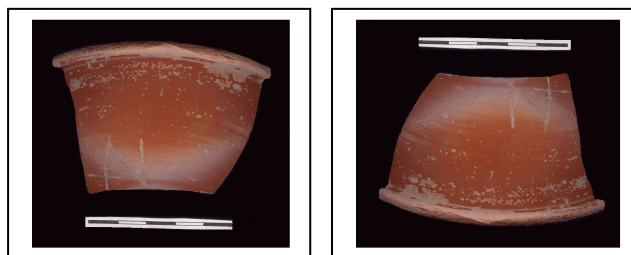
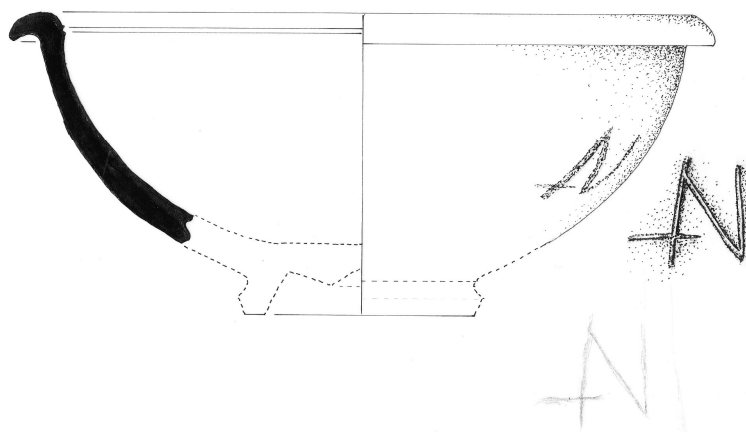
Pasta: heterogénea, desengordurantes e vacúolos, cor rosada, 7-C-6.

Verniz: brilhante, aderente, camada fina aplicada por pincel, cor vermelho vivo, 7-D-8.

Dimensões: fragmento de parede e bordo com o diâmetro de 80mm. Capacidade de 30cm³.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 72-B-F⁵. Gav. 521 – S. 15.

Ficha n.º 80



Fotos n.º 4494-95

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff 35. Taça hemisférica, bordo em aba encurvada para o exterior, convexo; parede alta e encurvada com estrias no exterior e um grafito com a leitura das letras invertidas e nexos **A**, **V** e **T**, em relação à posição normal da peça. Refere-se a **AVITUS** nome do escravo do produtor.

Pasta: grossa, grande dureza, heterogénea, desengordurantes e vacúolos, cor rosado escuro, 7-C-6.

Verniz: brilhante, aderente, desgaste no bordo, cor vermelho escuro, 7-D-8.

Dimensões: fragmento de parede e bordo com o diâmetro de 140mm. Capacidade 406cm³.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 68-F¹-5. Gav. 522 – S. 4.

Ficha n.º 81

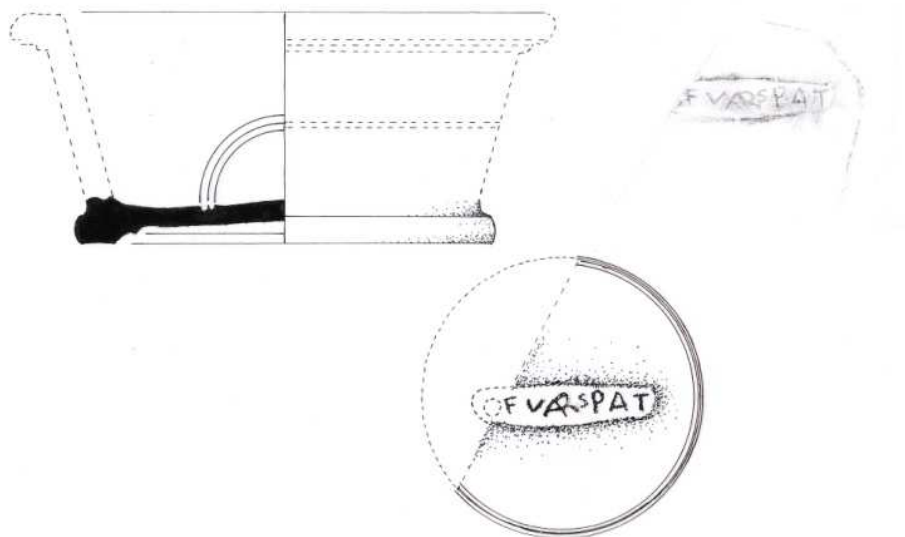


Foto n.º 4485

Sigillata Hispanica

Forma: Dragendorff 22. Pé quase inexistente de secção curvilínea, base larga; face interior com círculo de diâmetro 50mm de duas caneluras, largura 2mm, profundas, que circunscrevem a marca do oleiro *Valerius Paternus*, ligeiramente fracturada; cartucho (32x6mm), profundo, letras bem legíveis (**FVALRS PAT**), em nexó **A R S**.

Pasta: heterogénea, macia, desengordurantes e vacúolos, cor amarelada, 7-B-6.

Verniz: mate, aderente, camada fina, cor acastanhada, 7-D-8.

Dimensões: fragmento de um fundo com o diâmetro 60mm.

Depósito: Museu Monográfico de *Conimbriga*. Ref. 66-J-1. Gav. 521 – S1